



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Mário José Bertini Silva de Jesus

**Sentidos Sobre Ética em Conversas Profissionais: Perspectivas
Discursivas**

UBERLÂNDIA

2012



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Mário José Bertini Silva de Jesus

Sentidos Sobre Ética em Conversas Profissionais: Perspectivas Discursivas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof. Dr. Emerson Rasera

**UBERLÂNDIA
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

J499s Jesus, Mário José Bertini Silva de, 1986-
2012 Sentidos sobre ética em conversas profissionais : perspectivas
discursivas / Mário José Bertini Silva de Jesus. -- 2012.
167 f.

Orientador: Emerson Rasera.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Psicologia aplicada - Teses. 2. Psicologia discursiva - Teses. 3. Psicólogos - Ética profissional - Teses. I. Rasera, Emerson F. (Emerson Fernando), 1972- . II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



Mário José Bertini Silva de Jesus

Sentidos Sobre Ética em Conversas Profissionais: Perspectivas Discursivas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof. Dr. Emerson Rasera

Banca Examinadora:

Uberlândia, 02 de julho de 2012.

Prof. Dr. Emerson F. Rasera
(Orientador UFU)

Prof^a Dr^a Paula Cristina Medeiros Rezende
(Examinadora UFU)

Prof^a Dr^a Laura Vilela Souza
(Examinadora UFTM)

Prof^a Dr^a Carla Guanaes
(Examinadora Suplente USP)

RESUMO

SENTIDOS SOBRE ÉTICA EM CONVERSAS PROFISSIONAIS: PERSPECTIVAS DISCURSIVAS

Os questionamentos sobre a ação humana, a busca de definições sobre o certo e o errado, o bom e o mau, e a investigação sobre qual poderia ser a melhor conduta para situações específicas do nosso cotidiano, têm sido elaboradas há muito tempo, por inúmeros autores, das mais variadas escolas filosóficas, em tempos históricos e condições sociais distintas. Todos esses questionamentos são reconhecidos como pertencentes ao campo da Ética. Como resultado dessa prolífica área de estudos temos posições teórico-conceituais distintas, cobrindo um amplo espectro de ideais de conduta. O presente estudo, inspirado pelas perspectivas pós-modernas expressas pelo Construcionismo Social, de maneira geral, e na Psicologia Discursiva mais especificamente, buscou descrever os sentidos de ética que organizam as conversas profissionais, de psicólogos que realizam práticas grupais, com o intuito de contribuir com a reflexão ética no contexto das práticas grupais em Psicologia. Participaram desse estudo 10 psicólogos coordenadores de grupo que atuam na cidade de Uberlândia – MG, com idades entre 23 e 49 anos. A constituição do corpus realizou-se por meio das transcrições das conversas de encontros grupais com psicólogos que realizam práticas grupais em diferentes áreas de atuação. Foram realizados dois grupos, compostos de cinco participantes, cada um com cinco encontros quinzenais de 2h de duração, tendo como objetivo oferecer aos psicólogos um espaço de troca e reflexão sobre as questões éticas no trabalho com grupos. A análise do material foi realizada de acordo com as propostas de análise do discurso, influenciadas pela perspectiva do Construcionismo Social, tal como compreendida e posta em prática pela Psicologia Discursiva, especialmente, utilizando do recurso teórico-analítico dos repertórios interpretativos. A análise discursiva realizada possibilitou identificar cinco repertórios interpretativos básicos: “*Ética: resultado de deliberação individual*”, caracterizado por descrições do processo e do conteúdo da ética como centrados em um momento específico, situado dentro do indivíduo; “*Ética: algo que nos é dado pelos Outros*” caracterizando a fonte ética como fora dos indivíduos, independe de sua vontade; “*Ética: tema difícil*” em que descrições são utilizadas para se referir à dificuldade de se refletir sobre o fenômeno ético; “*Ética – evento crítico perturbador da ordem*” é constituído por termos que descrevem situações específicas em que o tema ética tem como referência a metáfora da guerra; “*Ética – questão frequente de valor absoluto*” marcado pela metáfora da uniformidade, em que os eventos são todos semelhantes e todos são atravessados pela temática ética e não podem ser diferenciados a partir da intensidade. Esse estudo possibilitou uma reflexão sobre os pressupostos epistemológicos que guiam de maneira mais ampla a construção desses repertórios, demarcando os três primeiros na esfera do dualismo sujeito-objeto e os dois últimos sintonizados com a reflexão sobre a situacionalidade social e histórica das definições sobre os sentidos das ações éticas. Assim, esse estudo procurou destacar a importância de refletir sobre o projeto de conversas sobre Ética profissional focando em modos de estar juntos e produzir sentidos que sejam mais sensíveis às questões de inserção social/histórica dos agentes profissionais, da própria profissão e dos grupos populacionais atendidos pelos profissionais de saúde.

Palavras-chaves: Ética, Psicologia de grupos, Psicologia Discursiva.

ABSTRACT

THE MEANINGS OF ETHICS IN PROFESSIONAL CONVERSATIONS: DISCURSIVE PERSPECTIVES

The questionings about the human action, the search for definitions of right and wrong, good and bad, and the investigation into the best behavior for specific situations of our everyday lives have been made for a long time by innumerable authors of various philosophies, history times and different social conditions. All these questionings are acknowledged as belonging to the Ethics field. As a result of this prolific area of studies, there are different theoretical and conceptual positions covering a broad spectrum of ideals of behavior. The present study, inspired by the post-modern perspectives expressed by the Social Constructionism in a general way, and more specifically by the Discursive Psychology, tried to describe the meanings of ethics that organize the conversations of professional psychologists that conduct group practices in order to contribute to the ethical reflection in the context of group practices in Psychology. Ten psychologists who coordinate groups in Uberlândia-MG, whose ages range between 23 and 49 years-old, took part in this study. The corpus constitution was made through the transcription of conversations of group meetings with psychologists who conduct these group practices in different areas. There were two groups of five participants; each group got together five times at every two weeks in a two-hour meeting. Their objective was to provide the psychologists with a space for exchange and reflection on the ethical issues of working in groups. The material analysis was made according to the proposals of the discourse analysis influenced by the perspective of Social Constructionism as it is understood and practiced by Discursive Psychology, especially using the analytic-theoretical feature of interpretative repertoires. The discursive analysis performed enabled the identification of five basic interpretative repertoires: *"Ethics: a result of individual deliberation"*, which is characterized by descriptions of the process and content of ethics centered at a specific time, located within the individual; *"Ethics: something given to us by Others"*, which characterized the source of ethics as being outside the individuals, regardless of their will; *"Ethics: difficult subject"* in which descriptions are used to refer to the difficulty of reflecting about the ethical phenomenon; *"Ethics - critical event disturbing the order"*, which consists of terms that describe specific situations in which the theme of ethics has the war metaphor as reference; *"Ethics – frequent issue of absolute value"*, which is marked by the metaphor of sameness, in which events are all similar and have the same theme_ Ethics_ and cannot be differentiated by intensity. This study enabled a reflection on the epistemological assumptions that guide the construction of these repertoires in a broader way, delineating the first three in the sphere of subject-object dualism and the last two tuned in the reflection on the social and historical situation of the definitions of the meanings of ethical actions. Thereby, this study tried to emphasize the importance of thinking about the project of conversations about professional Ethics focusing on ways of being together and producing meanings that are more sensitive to the issues of social and historical insertion of the professional agents, their own profession and the groups served by the health professionals.

Keywords: Ethics, Group Psychology, Discursive Psychology

Sumário

Resumo

Abstract

| | |
|---|-----------|
| 1 – Prefácio | 1 |
| 2 – Apresentação..... | 3 |
| 3.1 – A crise paradigmática | 7 |
| A) Crítica retórico-literária | 11 |
| B) Crítica social | 13 |
| C) Crítica ideológica | 14 |
| 3.2 – Consequências da crise paradigmática na produção do conhecimento em geral. 16 | |
| A) O construcionismo social | 21 |
| 3.3 – Consequências da crise paradigmática na produção de reflexões sobre ética | 23 |
| 4 – Discursos sobre ética..... | 28 |
| 4.1 – Discursos sobre ética: a ênfase no interior do indivíduo..... | 28 |
| 4.2 – Discursos sobre ética: a ênfase no mundo exterior..... | 31 |
| 4.3 – Discursos sobre ética: a ênfase em contextos de diálogo | 32 |
| 4.4 – Considerações sobre os discursos sobre ética..... | 36 |
| A) – Modelos Teóricos-jurídicos de entendimento sobre Ética | 37 |
| B) – Modelo Expressivo-colaborativo | 43 |
| 5 – Ética em contexto profissional grupal..... | 46 |
| 6 - A pesquisa: objetivos, participantes, construção e análise do corpus.... | 52 |
| 6.1 – Objetivo..... | 52 |
| 6.2 – Participantes | 52 |
| 6.3 – Passos na constituição do corpus..... | 52 |
| 6.4 – Passos na análise do corpus..... | 53 |
| 6.5 – Método..... | 55 |
| 6.5.1 – A Psicologia Discursiva | 55 |
| A) A Psicologia Discursiva: repertórios interpretativos, modelo da ação discursiva e a análise da conversação | 57 |
| B) Repertórios interpretativos..... | 58 |
| C) Modelo da ação discursiva..... | 61 |
| D) Análise da conversação | 62 |
| E) Psicologia Discursiva: um jeito diferente de se fazer psicologia | 64 |
| 7 – Análise e discussão | 68 |
| 7.1 – Episódio 1..... | 68 |
| A) Ética: resultado de deliberação individual..... | 69 |
| B) Ética: algo que nos é dado pelos Outros | 71 |
| C) Ética: tema difícil | 72 |
| D) Considerações sobre os repertórios descritos: repertórios em ação | 75 |
| 7.2 – Episódio 2..... | 84 |
| A) Repertórios Identificados..... | 85 |
| B) Repertórios relacionados ao tema ética: Ética – evento crítico perturbador da ordem | 85 |

| | |
|--|------------|
| C) Repertórios relacionados ao tema ética: Ética – questão frequente de valor absoluto | 89 |
| D) Questões Relevantes sobre o Episódio 2 | 92 |
| 8 – Palavras de Encerramento..... | 97 |
| 9 – Referências | 104 |
| Apêndices | 108 |
| Apêndice A – Consentimento livre e informado..... | 108 |
| Apêndice B – Anúncio de divulgação da pesquisa | 109 |
| Apêndice C – Ficha de Identificação..... | 110 |
| Apêndice D – Transcrições dos Encontros Analisados..... | 111 |
| Apêndice E – Roteiros dos Encontros Analisados | 153 |

1 – Prefácio

Há várias maneiras de contar uma história. São muitos os detalhes, e as linhas narrativas pululam exigindo serem escolhidas. Caminhos são escolhidos e logo abandonados, apenas para serem substituídos por outros que também o serão, de tal modo que a escolha nem sempre se baseia no caminho mais bonito, mais instigante, mas no último.

É também errôneo acreditar que já existam caminhos prontos para serem explorados. O que acontece é que esses caminhos são apenas imaginados, e as consequências de percorrê-los também o são, de tal modo que, por fim, a escolha independe das intenções do autor, que nesse contexto pouco faz por merecer tal alcunha.

Porém, é preciso contar essa história, uma história, qualquer que seja. Assim, precocemente, precariamente, peremptoriamente, a necessidade ganha a batalha e as linhas titubeantes lentamente começam a aparecer, acanhadas de início, mas logo ganhando em confiança, até o momento em que serão lidas, revistas, criticadas, resistidas, adoradas, adjetivadas, engolidas, permutadas...

Todo ato de escrita é por assim dizer castrado, nunca completo, sempre imperfeito, prematuro. Logo depois do ponto final, lê-se um artigo ou um livro que muda a tese central dos escritos. Detalhes são adicionados apenas para depois serem retirados, e assim caminha o texto, que se apresenta, ironicamente, como o oposto de tudo o que foi dito, pois o texto é arrogante, afirma que sabe e que foi assim, por isso.

Pois o texto é arrogante, afirma que sabe e que foi assim.

Suas conclusões soam bem fundamentadas, suas metáforas apresentam-se como bem costuradas e se há algum ponto no qual o entendimento parece prejudicado, a culpa é do leitor, que pouco conhece do assunto ou que provavelmente está cansado e deve voltar a ler com mais parcimônia dali a umas horas. Mostra-se o texto, como aquele que desvenda

campos de verdades, e assume o leitor como ignorante das novidades novíssimas que nele estão impressas. Parece completamente coerente, é confiante e sem conflitos.

Enfim, o texto é de certa forma um mentiroso, esconde suas falhas, seus defeitos, suas limitações. É um político em um palanque, apresentando propostas que não são suas, com estilos gramaticais que não domina, dizendo que de um modo privilegiado está acima e além dos que a ele se aproximam. E pede voto, claro, não poderia deixar de ser. Um sedutor pronto para conquistar sua próxima vítima.

Tomem, pois, cuidado com o texto. Pelos seus tropos, adjetivos e substantivos. Seus argumentos elegantes, aparentemente bem conectados, inteligíveis, escondem a fragilidade daquele que descobre seu caminho, à medida que caminha, sempre perguntando, tomado de incerteza profunda, sobre como proceder.

Assim, previamente avisados, começa o texto, essa entidade magnífica, que sinceramente espera ser fonte de inspiração para que outros textos possam lhe lembrar a época em que foi alvo principal da atenção de um alguém.

2 – Apresentação

Este trabalho tem como objetivo descrever os sentidos de ética que organizam as conversas profissionais de psicólogos que realizam práticas grupais, buscando contribuir com a reflexão ética no contexto dessa prática em Psicologia.

O meu interesse em realizar esse trabalho tem raízes na curiosidade despertada, pelas ideias advindas de teóricos, associados à corrente de pensamento intitulada Construcionismo Social. Focando na crítica à naturalização dos fenômenos sociais, essa perspectiva me proporcionou a capacidade de reflexão capaz de identificar mistificações empreendidas em vários contextos midiáticos e presentes no cotidiano. Porém, fez mais que isso, e acho que é nesse ponto que realmente me cativou, pois fez pensar sobre mim enquanto produtor e reproduzidor de práticas sociais e não apenas produtor de conhecimento.

Essa abordagem que permite compreender as tentativas de produção de sentido, empreendidas pelo ser humano, ancoradas em práticas sociais me proporcionou uma capacidade imensa de produção criativa de compreensões e elaborações sobre minha existência. Acredito que esse seja o principal diferencial dessa forma de compreender o mundo em relação a outras formas semelhantes.

Outro aspecto importante na teorização construcionista social com o qual tive contato e me encantei, foi a possibilidade de me contrapor a alguns valores vigentes na sociedade em que vivo, notadamente, os valores da individualidade, egoísmo, competitividade e afins, que durante boa parte da minha vida me fizeram ver o mundo com um tom lúgubre, cinza e sem graça.

Foi procurando estudar mais o Construcionismo Social que me aproximei da oportunidade de realizar o presente trabalho. A convite de meu orientador Emerson Rasesa,

pessoa notadamente conhecida pela exigência, competência e profundos conhecimentos dessa perspectiva, me envolvi com a temática da ética inserida em uma pesquisa mais ampla coordenada por ele. Como os estudos sócio-construcionistas focam-se nos processos cotidianos, ou seja, como as pessoas falam, percebem e experienciam o mundo em que vivem, pautando suas reflexões não em critérios de verdade, porém no de crítica social e abertura para o diálogo, compreendi que procurar entender o mundo e falar sobre ele e mais que isso, estar nele, é eminentemente estar no campo da ética.

Assim, discutir e elaborar reflexões sobre ética é ao mesmo tempo, elaborar reflexões sobre inúmeras outras áreas do conhecimento e sobre o próprio processo de elaborar conhecimentos. Fazer isso é entender que as questões éticas fazem parte do cotidiano das pessoas e não estão apenas em um mundo abstrato, estão incrustadas em reentrâncias históricas e fendas sociais. Isso me parece uma forma bastante sofisticada e criticamente investida de se pensar e me é bastante caro.

Nesse sentido, me pauto nos insight construcionistas sociais sobre o processo de produção de sentido e na acurada atenção dada às interações pela Psicologia Discursiva para tecer as linhas que se seguem.

Começo o texto explorando a crise paradigmática das ciências e suas repercussões para a produção do conhecimento em geral e para o pensamento ético, em particular. Continuo pontuando o Construcionismo Social como uma proposta de elaboração dessa crise paradigmática. Situo suas características e aponto para a Psicologia Discursiva como uma elaboração da psicologia social a partir de pressupostos construcionistas sociais que servirá de ponto de apoio para a produção que se seguirá.

Esse estudo, porém, não tem como intenção abordar ética de uma maneira geral, abstrata, mas procura como meio gerar reflexões e conhecimento, ancorar-se especificamente no estudo situado de conversas em grupo realizadas por psicólogos que se

utilizam do dispositivo grupal como recurso terapêutico. É nesse cenário específico que procuraremos explorar possibilidades de sentido sobre ética.

3 – Introdução

Os questionamentos sobre a ação humana, a busca de definições sobre o certo e o errado, o bom e o mau, a investigação sobre qual poderia ser a melhor conduta em determinada situação, bem como a tentativa de encontrar respostas para situações específicas do nosso cotidiano, ações geralmente reconhecidas como pertencentes ao campo da reflexão ética, têm sido elaboradas há muitos anos, por inúmeros autores, das mais variadas escolas filosóficas, tempos históricos e condições sociais (Alonso, 2002; Vázquez, 1997). Como resultado dessa prolífica área de estudos temos posições teórico-conceituais distintas cobrindo um amplo espectro de ideais de conduta.

Podemos recorrer à série de livros publicados por Irwin (2007) – O Desenvolvimento da Ética – como testemunho dessa vasta e densa conversação sobre a ação humana que se desenrola pela história. Trata-se de três volumes de aproximadamente 900 páginas cada, resultado do trabalho de décadas, compilados com o intuito de ser uma abordagem geral das várias formas de se pensar ética.

Assim, qualquer pessoa que escolher falar sobre esse tema terá necessariamente de realizar um recorte, selecionar um ponto de referência a partir de onde falará. Escolhemos como cenário para nos aproximarmos do tema da ética no contexto da prática profissional de psicólogos com grupos, assunto desta dissertação, a crise paradigmática que tem sofrido as ciências nas últimas décadas (Rasera, Guanaes, Japur, 2004; Gergen, 1997).

Abordaremos, de maneira geral, as principais características da mencionada crise, para em seguida levantarmos algumas implicações desses desdobramentos para a reflexão sobre a produção de conhecimento e, mais especificamente, sobre o estudo da Ética.

Em seguida, discutiremos o referencial teórico do Construcionismo Social, realçando suas propostas para a elaboração da crise paradigmática das ciências, no intuito de lançarmos base para a discussão do tema ética de uma maneira mais específica. Como parte dessa tarefa e, reconhecendo como expressão das considerações construcionistas sociais a Psicologia Discursiva proposta por Jonathan Potter e Margaret Wetherell (1987), passaremos a abordar as características específicas desse referencial teórico a fim de proporcionar recursos para a análise dos dados da presente pesquisa.

3.1 – A crise paradigmática

O advento da crise paradigmática das ciências pode muito bem ser sintetizado pelos escritos do autor português Boaventura de Sousa Santos (2000a):

...a crise do paradigma da ciência moderna não constitui um pântano cinzento de cepticismo ou de irracionalismo. É antes o retrato de uma família intelectual numerosa e instável, mas também criativa e fascinante, no momento de se despedir, com alguma dor, dos lugares conceptuais, teóricos e epistemológicos, ancestrais e íntimos, mas não convincentes e securizantes, uma despedida em busca de uma vida melhor, a caminhos doutras paragens onde o optimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde, finalmente, o conhecimento volte a ser uma aventura encantada. A caracterização da crise do paradigma dominante traz consigo o perfil do paradigma emergente. (p. 74)

Antes, porém, de abordarmos a crise do paradigma da ciência moderna, é necessário tecer algumas palavras sobre a qual é e em que consiste esse paradigma que está em crise. A

Ciência Moderna faz parte de um complexo processo científico, histórico, social e cultural do mundo ocidental e que, por mais de três séculos, esteve presente como modelo privilegiado e hegemônico de produção de conhecimento, e com isso, de produção de realidades sociais, econômicas, psicológicas dentre outras.

Durante esse período, o modelo de pensamento em questão se desenvolveu de tal forma que criou para si o estatuto de verdade absoluta e, como tal, adquiriu poder para sustentar ou condenar as outras formas de conhecimento, tidas como falsas, ilusórias e sem validade, a não ser que sejam corroboradas pelos métodos científicos. Temos como exemplo desse processo o recente desenvolvimento e aceitação da prática da acupuntura como forma de tratamento de enfermidades físicas, depois é claro do interesse da academia e da imposição dos vários procedimentos metodológicos que respeitassem o método proposto pelo paradigma das ciências modernas. Tudo isso se deu em decorrência de seu desenvolvimento e de sua aceitação como paradigma dominante.

A Ciência Moderna no decorrer do seu desenvolvimento gerou uma espécie de ditadura do método (Santos, 2000a). Por meio de regras redutoras, tratava os problemas mais complexos como se estes fossem simples, partindo do geral ao particular, sistema que ocasionou a compartimentalização e fragmentação do conhecimento.

Outra característica da Ciência Moderna está relacionada à afirmação de que a realidade é estática, determinada, mecânica e regulada por leis fixas, delimitando a atitude científica do período como uma busca de conhecimentos das leis e dos princípios que regem a realidade.

Um conhecimento baseado na busca de leis tem como ideia norteadora a concepção de que o mundo possui ordem e estabilidade, de tal forma que o passado repete o futuro. Segundo a mecânica newtoniana, exemplo perfeito das concepções da ciência moderna, o

mundo da matéria seria uma máquina cujas operações se podem determinar exatamente (Santos,2000a). A Ciência Moderna tornou-se, assim, historicamente, a forma hegemônica de conhecimento e de pensamento e inscreveu-se em nosso tempo sempre pelo viés da razão.

Em parte pelo sucesso advindo do seu desenvolvimento e avanço indiscutíveis, e todas as promessas que fez, das quais muitas foram implementadas, criou-se condições para o surgimento de um processo de declínio e crise no modelo dominante de ciência.

Esse processo ocorre em decorrência da estreita relação entre a Ciência e a economia ancorada no desenvolvimento do processo de industrialização. De acordo com Doll Jr. (1997), os homens visionários dos séculos XVIII e XIX viram nascer um novo tempo, o da era industrial e, através dela, acreditavam que a riqueza seria possibilitada pela produção industrial que, sendo excessiva e em massa, seria socializada a todos os homens.

À medida em que a ciência foi se desenvolvendo cada vez mais relacionada à produção, ela foi mudando suas características de tal forma que a atividade científica foi se organizando formalmente, tornando-se uma profissão reconhecida. Como consequência desse processo, a ciência foi perdendo sua relativa independência, passando a atender aos interesses da produção e de uma classe detentora dos meios de produção (Andery, 1994, citado por Pereira, 2002).

Entende-se que essa relação ciência/meios de produção é um dos ingredientes importantes que contribuiu para o avanço da Ciência Moderna, mas que serviu também para a instauração do seu processo de declínio e crise. Dessa forma, implementa-se e dá-se vazão ao que Santos (2000a), em sua análise, enfatiza como racionalidade instrumental:

A redução da emancipação moderna à racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e a redução da regulação moderna ao princípio do mercado, incentivadas pela conversão da ciência na principal força produtiva,

constituem as condições determinantes do processo histórico que levou a emancipação moderna a render-se à regulação moderna. (p. 57)

O esgotamento da modernidade, nos afirma Touraine (1994), transforma-se com rapidez em sentimento angustiante do “*sem-sentido de uma ação que não aceita outros critérios que os da racionalidade instrumental* (p. 43)”, isto é, de uma visão racionalista do mundo em uma ação puramente técnica pela qual a racionalidade é colocada a serviço das necessidades, sejam elas as de um ditador ou as dos consumidores.

Assim, a pretensão originária que marca nosso processo civilizatório desde suas origens a uma civilização da razão mostra-se hoje uma ilusão, ou seja, nossa razão parece emergir como racionalidade perversa, dominadora (Santos, 2000a), não mais a razão libertária e democrática tal como se pretendia no passado Iluminista.

A racionalidade tornou-se cínica, pois por trás da promessa de esclarecimento e da liberdade, na realidade, o que caracteriza o espírito de nosso tempo é a experiência da perda de sentido da vida por meio da institucionalização e da concretização de uma razão que é antes desrazão perversa, instrumental, não só dominando a natureza e os homens, mas ameaçando a própria vida humana (Oliveira, 1993).

Desse modo, em nossas sociedades, em função da cientificidade moderna, instaurou-se a separação entre ciência e senso comum, ciência e vida, natureza e conhecimento científico reforçando e afirmando valores como os de competição, liberdade, trabalho, individualismo, consumismo, quantidade e medida, como os mais substantivos. O que prevaleceu foi a visão imperialista do dominador/colonizador e ao mesmo tempo a razão instrumental, que considera fins em detrimento de meios, como valor primordial (Santos, 2000a). De acordo com Capra (2001b, citado por Pereira, 2002), os valores trazidos pela

modernidade e pela cultura industrial ocidental enfatizam em excesso as tendências auto-afirmativas em detrimento de outras mais integrativas.

A identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno é o resultado do grande avanço no conhecimento que ele propiciou, aprofundamento que permitiu ver a fraqueza dos pilares em que se funda a racionalidade instrumental típica da cientificidade moderna (Santos, 2000a).

A fim de compreendermos o processo de declínio do paradigma dominante, anteriormente descrito, de maneira mais detalhada, buscaremos salientar três grandes movimentos críticos (Crítica retórico-literária, Crítica social e a Crítica Ideológica), implementados no século XX, essenciais para a intensificação dos debates sobre a insuficiência do paradigma da ciência moderna e a necessidade de reformulação das formas de se produzir conhecimento. Esses movimentos críticos só foram possíveis em decorrência do próprio desenvolvimento do pensamento no paradigma moderno e em função da reflexão crítica a respeito dos usos e desdobramentos do conhecimento científico implementados no decorrer da história.

Cada uma destas linhas críticas coloca dúvidas quanto às reivindicações empiricistas e realistas de que a ciência sistemática proposta pelo paradigma moderno possa produzir descrições culturalmente descontextualizadas dizendo o que é verdade independentemente das organizações de significado humanas.

A) Crítica retórico-literária

A crítica retórico-literária assenta-se em concepções linguísticas, inicialmente, por meio das ideias de Saussure (Gergen, 1998), temos que a linguagem é um sistema centrado em si mesmo, conectado ao mundo de significantes por meio de convenções arbitrárias.

Dessa forma, os modos de descrição e explicação são entendidos em termos das demandas do próprio sistema linguístico, portanto, à medida em que as descrições e explicações são decorrentes das regras da língua, o objeto da descrição não é representado pela linguagem.

Como as descrições estão sedimentadas nas regras do sistema linguístico e não na realidade dos objetos, tais descrições são determinadas por convenções literárias, assim, os objetos descritos perdem seu status ontológico, e a autoridade baseada na capacidade da linguagem de refletir os objetos, perde credibilidade.

Tal concepção abalou as estruturas de poder existentes na esfera intelectual (Gergen, 1998). No caso da política intelectual da França, local onde tais teorias linguísticas floresceram, o principal alvo foi o movimento estruturalista.

Destaca-se de forma contundente no cenário da crítica literária o trabalho do filósofo francês Jacques Derrida e o movimento desconstrucionista (Gergen, 1998). Para Derrida, o empreendimento estruturalista padecia da 'metafísica da presença'. Em que base, contestava ele, devemos assumir que o discurso é uma expressão exterior de uma essência interior? Por que devemos presumir uma subjetividade presente por baixo das palavras?

Se não há nada além do texto como sugere tal análise, então uma vasta gama de técnicas semióticas e literárias tornam-se disponíveis para a atividade de descreditar a autoridade textual. Na filosofia, por exemplo, o ataque promovido por Richard Rorty à tradicional filosofia do conhecimento sedimentou-se na analítica literária (Gergen, 1998).

Providos de tal entendimento, acadêmicos retoricamente orientados viram-se dotados de munição para um ataque à autoridade no mundo intelectual. Grandes questionamentos foram lançados para o entendimento das bases retóricas da economia, psicologia, e as ciências humanas de forma geral (Gergen, 1998). Os estudos retóricos ganharam força à medida em que a autoridade alegada pelas disciplinas acadêmicas tradicionais foi sendo questionada e enfraquecida pela exposição de sua natureza retórica.

B) Crítica social

A história desse movimento pode ser retomada aos estudos de Max Weber, Max Scheler, Karl Mannheim (Gergen, 1998) e outros que se preocuparam com a gênese social do pensamento científico. Cada um desses, estava preocupado com o contexto cultural e social no qual as ideias se formavam, e no modo como as práticas científicas e culturais eram moldadas por essas ideias de forma dialética.

Os movimentos anti-institucionais das décadas de 1960-1970 (Gergen, 1998), formaram a base para o desenvolvimento da crítica social. A atmosfera crítica em relação à indústria do conhecimento científico, vista como aliada com o complexo industrial militar desde a guerra de 1939 até as invasões estadunidenses nas Américas centrais, África, Vietnã (para citar apenas algumas), contribuiu para que a análise social da ciência fosse ao encontro de uma necessidade política.

A tradição liberal nas ciências sociais valoriza a expressão individual de bem-estar, progresso pelo mérito e liberdade de formas tirânicas de governo. Desde os seus principais teóricos do passado até o presente (Gergen, 1998), essas ciências têm sido identificadas com uma postura eminentemente liberal. Tal orientação está refletida em muito na crítica social, direcionada para remover o que se assemelhava à tirania do fundacionalismo empiricista de maneira geral e a autoridade das ciências naturais em específico, e na intenção de restaurar a voz àqueles desabonados pela instituição dos experts do conhecimento científico, responsáveis por políticas consideradas desumanas e opressoras, baseadas no progresso neutro e imparcial da ciência. A política liberal implícita às ciências sociais é explicitada por Feyerabend (1978), quando ele diz que o trabalho acadêmico deve se esforçar em criar uma 'sociedade livre... na qual todas as tradições tem igual direito e igual acesso aos centros do poder' (p.9).

Estudos significativos que servem de exemplo a essa linha crítica são as elaborações dos processos microssociais a partir dos quais os sentidos são produzidos. Desse modo, os sociólogos têm explorado os processos sociais essenciais na criação de fatos dentro dos laboratórios (Latour e Woolgar, 1979, como citado por Potter, 1996), as práticas discursivas de comunidades científicas, as alegações de conhecimento científico como capital simbólico, realizadas por Bordieu (Gergen, 1998) e a situacionalidade e contingencialidade das descrições científicas (Knorr-Cetina, 1981, como citado por Potter, 1996), entre outros. Em todos esses casos, há um sentido de libertação do controle exercido pelo tido-como-real empiricista.

C) Crítica ideológica

Durante a maior parte do século XX, inúmeras foram as tentativas de se produzir conhecimento de tal forma que este fosse ancorado tão somente à realidade, livre de disputas políticas, valores morais, idealismos de quaisquer tipos, isto é, de forma totalmente neutra. Pensava-se que um conhecimento puro poderia ser produzido pela ciência permitindo decisões em bases racionais e objetivas, apolíticas.

Porém, nas décadas de 1960-70 a falácia do dualismo fatos-valores tornou-se aparente. Em particular, a afronta moral da guerra do Vietnã levantou várias questões às instituições cúmplices, como empresas, universidades, o próprio empreendimento da ciência, etc. Nesse contexto, alegar neutralidade científica parecia um modo de evitar a deliberação política e neutralidade significava legitimação de políticas injustas e exploratórias (Gergen, 1998).

Os esforços científicos não apenas ficaram mudos em relação às práticas perversas que ocorriam no Vietnã, como também atuaram de forma tal a potencializar as tecnologias da agressão. Nesse cenário, o impulso por desfazer a dicotomia fato-valor tornou-se imenso e foi

alimentado por várias correntes políticas, destacando-se o movimento marxista de crítica ao capitalismo, os vários movimentos pelos direitos civis e o ativismo feminista, que atacaram de forma contundente o alegado objetivismo e imparcialidade do conhecimento científico, expondo seus compromissos com políticas de segregação, exploração e agressão (Gergen, 1998).

A ciência moderna foi acusada de legitimar preferências específicas de grupos governantes justificando suas posições normativas. A ciência moderna foi inclusive acusada de cobrir os abusos dos governos nas sociedades democráticas e ‘trabalhar’ para a sustentação dos regimes totalitários (Riger, 1992, como citado por Nogueira, 2001).

Dada a ausência de justificação filosófica para alegar que a linguagem é um veículo para o real, como vimos pela crítica retórico-literária, a crítica ideológica, buscando obter paz, justiça, equidade, focou seus esforços nos motivos subjacentes à linguagem. Ao promover explicações inteligíveis que falam sobre os contadores de verdades e suas intenções, quais sejam, suprimir o outro diferente, ganhar poder, acumular riquezas, manter sua cultura e seus valores acima dos outros, a crítica ideológica tem como intuito desmascarar o poder subjacente às alegações de verdade (Gergen, 1998). Afirmar neutralidade, nesse cenário, é concebido com bastante desconfiança, a fala sobre fatos é tida como manipulação, como maneira sutil de implementação da opressão e subordinação de determinados grupos.

Muito do trabalho exercido pela crítica ideológica, segundo Gergen (1998) já estava pronto, com os trabalhos da escola de Frankfurt – Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamin e outros na década de 1930. Os escritos neo-marxistas, sedimentados na tradição crítica dessa escola, proporcionaram um modelo para vários outros pesquisadores e acadêmicos, cujos interesses políticos não eram em si marxistas (Gergen, 1998).

A desconstrução dos discursos de verdade expandiu-se para atingir não só a ciência por trás da guerra, como também atuando em outros campos como as vozes oficiais da

ciência biológica, dado o exemplo do trabalho de Martin (1987, citado por Gergen, 1998). Essa forma de análise crítica é utilizada por vários segmentos sociais, com o intuito de chamar atenção para o caráter construído dos discursos oficiais, por meio da explicitação dos variados objetivos políticos que subjazem a tais discursos.

3.2 – Consequências da crise paradigmática na produção do conhecimento em geral

Principalmente a partir da década de 1980 a crise paradigmática da ciência é acentuada, movendo-se para além do horizonte do ataque das críticas anteriormente citadas. Esse novo debate, sobre as tendências a serem adotadas como posturas que guiam a prática de produção de conhecimento no momento pós-crise, por vezes denominado pós-moderno, podem ser sintetizadas em 12 premissas, levantadas e sintetizadas por Delanty e Strydom (2003), que se afiguram como as suposições básicas da situação contemporânea da epistemologia e metodologia das ciências.

Vale ressaltar que nem todas as teorizações que se consideram ensejadas no seio da crise do conhecimento científico, adotam todas essas premissas, no entanto, tais postulados estão em maior ou menor grau no contexto atual da produção de saberes. Interessante notar que o Construcionismo Social, adotado como perspectiva de referência do presente estudo, compartilha de praticamente todas as premissas citadas abaixo. Em outra parte do texto as características do sócio-construcionismo serão melhor especificadas.

Na reformulação pós-crise paradigmática uma das premissas essenciais é o entendimento de que o *conhecimento é historicamente situado*, isto é, o conhecimento científico é específico ao período histórico no qual se encerra. Exemplificando essa premissa temos os trabalhos de Michel Foucault e Tomas Kuhn, em que consideram que o

conhecimento está situado em discursos ou paradigmas, respectivamente, que se transfiguram à medida em que grandes rupturas epistêmicas ocorrem.

A intromissão da história no contexto de produção do conhecimento como um qualificador do mesmo traz consigo uma certa *relativização da verdade*, de tal modo que, as verdades científicas, não mais podem ser consideradas como atemporais, trans-históricas e universais, porém relativas ao contexto de produção de conhecimento e à localização da ciência no devir da história humana. Atualmente, talvez a única forma de universalismo possível é o controlado pela experiência hermenêutica e acordos interpretativos, sendo então possível tão somente como uma capacidade altamente qualificada de crítica e reflexividade (Lincoln, Y. & Guba, E. 2006).

O conhecimento, especialmente nas ciências humanas, não é neutro, mas possui sempre um caráter valorativo. Apenas gradualmente gestou-se o entendimento de que a *ciência não é neutra*. Assim, tem-se como pano de fundo para o conhecimento no momento pós-moderno a relação dialética entre ciência e sociedade. Reconhece-se, portanto, cada vez mais a necessidade do debate público como condição *sine qua non* para a produção e validação dos vários processos implicados na constituição de saberes.

Entende-se, contemporaneamente, que a ciência não é somente uma descrição da realidade, mas constitui essa realidade no momento em que busca descrevê-la, tendo, portanto, a *teoria um papel constitutivo na produção dos fenômenos que analisa*. A atividade científica não seria como um espelho da natureza, mas teria uma papel ativo em construí-la. Assim, para inúmeros autores desde Max Weber, Popper, até Kuhn, Habermas, Bordieu, entre outros, (Delanty, G.; Strydom, P., 2003) os fatos são antes de tudo constituídos por um enquadre teórico epistemologicamente estruturado.

A pressuposição da situacionalidade histórica da ciência e a consequente relativização da verdade têm como consequência a produção do entendimento de que a ciência é *socialmente contextualizada*. Voltar a atenção para o contexto, o que recebe os nomes de locacionalismo, situacionalismo ou contextualismo, é uma das principais características desse momento histórico da produção de conhecimento. Como consequência temos a asserção de que ciência e sociedade não são tão separadas quanto se pensara no passado. Isso nos leva à compreensão de que toda atividade científica é construída por autores sociais e não há diferença entre ciência e outras formas de produção de conhecimento.

Temos como resultado da elaboração da crise paradigmática, mais um tópico: a *incerteza epistemológica*. Cada vez mais se reconhece que o conhecimento não está situado em uma fundação sólida, mas, pelo contrário, a produção do conhecimento envolve um processo de auto-implicação. As certezas tanto procuradas com intuito de gerar teorias universais e únicas se desfaleceram. Em termos epistemológicos, não podemos mais evitar paradoxos e circularidade, uma vez que o conhecimento é incerto e contestável (Delanty, G.; Strydom, P., 2003).

O *pós-empiricismo* surgido como consequência da virada social e histórica com ênfase no contexto para a produção de conhecimento, enfatiza a compreensão de que a realidade não é mais algo encapsulado em fatos ou mesmo em leis que possam ser observados a partir de um ponto considerado neutro, porém a análise da realidade é um processo multidimensional, processual, criativo e ativo.

Esses princípios aqui expostos se interconectam de variadas formas, antecipando uns aos outros e somando-se. Um próximo passo na construção de uma nova forma de se compreender o modo como o conhecimento é produzido vem do assumir uma posição

antirreducionista (Delanty, G.; Strydom, P., 2003). Tal posição nega a possibilidade, tão almejada pelo positivismo (Lincoln; Guba, 2006), de levar o conhecimento a ancorar todo o conhecimento científico ou à experiência imediata das entidades fenomênicas ou a processos perceptuais e físicos. Assim, uma postura antirreducionista engendra o reconhecimento de que a realidade é complexa e sujeita a uma multiplicidade de interpretações.

O reconhecimento da natureza relacional da realidade (Gergen, 1997), incluindo a realidade social e a compreensão de ciência enquanto atividade humana, nos conduz a um próximo princípio, a *contingência*. Segundo Delanty, G. e Strydom, P. (2003):

...contingência é produto, por um lado, de um mundo no qual o acaso suplantou a necessidade, a impossibilidade e o determinismo, e, por outro lado, de um mundo social reconstituído no qual a ciência, sendo considerada como uma atividade entre muitas outras, é cercada por discursos críticos que relativizam e insere o público, de um modo cada vez mais significativo, no jogo (p. 345).

Tal entendimento se fortalece ao concebermos que a ciência se torna cada vez mais enrustada em discursos cotidianos que incorporam o conhecimento gerado pela ciência em esquemas sociais, éticos e pragmáticos específicos.

Percorrendo a via da reconstrução do entendimento humano sobre o próprio entendimento humano, chegamos ao décimo ponto: *antiessencialismo*, isto é, o mundo não pode ser reduzido a uma essência que é fixa ou imutável. Isso proporciona a compreensão de que a realidade, se é que podemos usar esse termo sem qualquer tipo de especificação, é processual e multifacetada.

Ao elaborar o colapso dos fundamentos da ciência, chega-se a ver o mundo como um artefato, ou seja, algo que é o produto da atividade humana, desse modo, os seres humanos são vistos como capazes de criar as realidades nas quais organizam sua existência (Delanty, G.; Strydom, P., 2003).

A transformação das pressuposições epistemológicas conduz da *disciplinaridade à crise*. Assim, as ciências naturais, humanas e sociais não mais podem ser separadas tão precisamente, e todas sofrem forte influência do surgimento de novas preocupações como a ambiental. As considerações sobre o corpo e a noção de risco (Delanty, G.; Strydom, P., 2003; Spink, 2004), que problematizam a distinção ontológica entre seres humanos e natureza e demandam que abordemos esses campos por meio da complexidade do processo interpretativo.

O conhecimento, seja ele de qualquer espécie, natural ou social cada vez mais têm de ser alvo do escrutínio da esfera pública. Nesse sentido, há uma crescente necessidade de que a pesquisa seja interdisciplinar, guiada não mais por preocupações metodológicas ou domínios específicos para cada área, mas sim guiado por problemas, preocupações político-éticas e programas dirigidos pela necessidade do estabelecimento de políticas que guiam a sociedade (Delanty, G.; Strydom, P., 2003; Lincoln; Guba, 2006) . Desse modo, a ideia de que são poucos os aspectos da condição humana que sejam básicos no sentido ontológico ou trans-histórico torna-se cada vez mais robusta.

Em resumo, o pós-modernismo configura-se pelo questionamento constante e pela rejeição dos pressupostos fundamentais do paradigma moderno tendo incorporado muitas das ideias intelectuais e artísticas que tinham surgido de forma desconexa desde o tempo do Iluminismo (Burr, 1995). Rejeita as ideias de verdade última, de que o mundo como o vemos é o resultado da ação de estruturas escondidas, de que ele possa ser compreendido em termos

de grandes teorias ou meta narrativas (Lyotard, 1989). Enfatiza, ao mesmo tempo, a coexistência de uma multiplicidade e variedade de formas de vida (Smart, 1993, citado por Nogueira, 2001).

A) O construcionismo social

O sócio-construcionismo desenvolve-se a partir da crise paradigmática das ciências e compartilha vários aspectos anteriormente levantados em relação à nova situação epistemológica e metodológica, decorrentes das críticas levantadas e desenvolvidas ao paradigma moderno de produção de conhecimento em vários campos, como na Filosofia, como reação ao representacionismo, na Sociologia do Conhecimento, como desconstrução da retórica da verdade e na Política como busca de proporcionar espaço político a grupos socialmente marginalizados (Spink, 2004).

O presente tópico visa levantar as principais características desse movimento intelectual a fim de situar o leitor na matriz mais ampla em que se baseia o presente trabalho. A Psicologia Discursiva a partir da qual se fará a análise dos dados construídos nessa dissertação tem como base epistemológica as prerrogativas do construcionismo social. Falaremos mais sobre a Psicologia Discursiva posteriormente nesse texto, quando nos referimos à parte do método.

Sobre as premissas a partir das quais se nutre o sócio-construcionismo podemos dividi-las em quatro descrições centrais (Burr, 1995; Gergen 1997; Rasera & Japur, 2007): a especificidade cultural e histórica de conhecermos o mundo; a primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento e a interligação entre conhecimento e ação.

Em relação ao primeiro tópico, a especificidade cultural e histórico do conhecimento, o construcionismo afirma que a realidade não demanda formas específicas de

descrevê-la, não havendo portanto relação de necessidade entre palavras e coisas (Rasera & Japur, 2007). Desse modo, a linguagem não reflete um mundo para além da mesma, mas ela mesma constrói esse mundo, sendo que essa construção ocorre em decorrência das condições sócio-históricas dos sistemas de significação.

Quanto à primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento humano, podemos situá-la como um dos pontos fulcrais do construcionismo que auxilia a nós, psicólogos, a desenvolver nosso campo de estudo em bases construcionistas. Pois, para o construcionismo as explicações sobre o mundo são resultado da coordenação da ação humana, do significados construídos em relacionamentos, isto é, as ‘verdades’ sobre o eu, o outro, o grupo ou a ética são o produto de uma comunidade linguística decorrente de processos sociais como negociação, comunicação, conflito, consenso e etc. (Rasera & Japur, 2007). Isso possibilita um amplo campo de investigação para o psicólogo, qual seja, o das práticas comunicativas em nível microsocial a fim de conhecer/criar várias possibilidades de sentido e consequentes possibilidades de florescimento das comunidades humanas.

Focado principalmente em uma concepção distinta de linguagem, o sócio-construcionismo concebe a produção verbal/linguística como ação de tal modo que as diferentes formas de descrever o mundo implicam diferentes formas de ação social (Rasera & Japur, 2007). Esse aspecto em particular será melhor explorado no contexto da Psicologia Discursiva, pois ela propõe formas específicas de compreensão sobre como a linguagem é ação, plena de repercussões na construção dos modos de organização das relações humanas.

O construcionismo social valoriza uma postura crítica e reflexiva. Isso decorre da ênfase na circunscrição social, histórica e relacional dos sentidos que fomenta uma perspectiva em que a percepção crítica e o olhar cauteloso para as formas de descrever as coisas são extremamente valorizados. Como não se busca a verdade, mas sentidos possíveis e

variados, suas origens sociais e históricas e sua construção relacional, o construcionismo nos convida permanentemente ao questionamento do *status quo* e à busca de formas alternativas de descrição do mundo.

Podemos perceber que o construcionismo social aqui exposto é uma vertente forte no que se refere à incorporação das reformulações sobre a produção do conhecimento decorrentes da crise paradigmática das ciências modernas, incorporando de uma forma ou de outra, várias suposições básicas da situação contemporânea da epistemologia e metodologia das ciências (Delanty e Strydom, 2003).

3.3 – Consequências da crise paradigmática na produção de reflexões sobre ética

A crise dos valores tradicionais decorrente de um novo ambiente gestado no contexto de uma sociedade secularizada, pós-crise paradigmática, gerou grave suspeita sobre as formas tradicionais de legitimação do discurso ético (Goergen, 2001).

Nesse sentido, destacamos não só as rupturas que a tradição vem sofrendo, mas também procuramos realçar o delineamento de uma outra realidade que o desenvolvimento social, científico-tecnológico e teórico contemporâneos vem instituindo. Temos, como consequência desses desdobramentos contemporâneos no contexto da reflexão sobre Ética, conforme Goergen (2001), a compreensão de que:

(...) não é possível deduzir, diretamente, novas prescrições normativas que venham substituir aquelas que perderam a sua legitimidade. Ao contrário, em decorrência da desestabilização, valores e expectativas de comportamento perdem, e ao que parece cada vez mais, a sua conectividade, a sua força vinculante. (p. 149)

Como resultado dessas forças teórico-políticas e históricas que deslocam e chacoalham o pensamento e as práticas atuais vemos consideráveis mudanças nas justificações e teorizações éticas. Se, anteriormente, a ética fundava-se na perspectiva de uma única posição válida, em que o esforço reflexivo em torno da problemática consagrava-se ao desvendamento desta verdade que, uma vez descoberta e definida, representava o polo orientador para a ação e o comportamento humanos, no cenário atual as discussões teórico-filosóficas mostram quão variados são os caminhos de acesso aos temas da ética e o quanto é inútil esperar que se chegue a uma grande, universal e conclusiva teoria (Goergen, 2001, Bauman, 1997) .

O debate contemporâneo, no entanto, não abandona os principais temas e antinomias da teoria ética tradicional. Reorienta-se, abandonando as expectativas de uma teoria única e universal, mas permanecendo a busca por reflexões teóricas que possam lidar com as dificuldade cotidianas relativas ao questionamento da conduta humana (Goergen, 2001).

Em consonância com o entendimento de Goergen (2001) situadas em um novo ethos intelectual, muitas vezes chamado pós-modernidade, hipermodernidade, em que a autoridade dos discursos apresentados como fundacionais, universais, pontuamos uma crítica apresentada por Bauman (1997).

Ele, ao discorrer sobre a transição do período da modernidade para a pós-modernidade, nos diz de uma diferença importante entre as concepções de ética decorrentes dessas etapas do pensamento e da história humana. Para o tempo moderno, a compreensão do estudo da ética passa pelo gerar entendimento sobre o ‘certo/adequado’ e do ‘errado/inadequado’. Tal perspectiva acredita na possibilidade da produção de regras éticas nítidas, livres de ambiguidade, universais.

Esse modo de conceber a reflexão ética pauta-se pelo entendimento calcado em dois postulados: 1 – o ser humano é considerado essencialmente bom, apenas precisando de uma

ajuda para agir segundo suas inclinações naturais; 2 – o ser humano é essencialmente mal e exige da sociedade uma forma de prevenção da execução de tal natureza. Rapidamente identificamos Rousseau e Hobbes, teóricos do período da Ilustração, em que a noção de razão era tida como a responsável pela revelação da verdade e emancipação dos homens, como exemplos de intelecção sobre esses dois postulados.

Muito embora sejam opostas, essas teses não abrem mão de um preceito em comum, isto é, a necessidade de uma agência externa que possa organizar os seres humanos de tal forma a se tornarem sujeitos éticos, por meio de Leis, ou seja, normas de conduta ético-legais socialmente endossadas e impostas de fora (Bauman, 1997).

Já no pensar ético pós-moderno não se rejeita os conceitos morais característicos da modernidade como direitos humanos, justiça social, bem-estar individual e coletivo, mas os modos modernos de tratar seus problemas morais, ou seja, abandona-se a ideia de que as contradições podem ser superadas e os conflitos claramente resolvidos rumo à certeza e ao progresso (Bauman, 1997). Passa-se a valorizar a ambivalência, a incerteza, instabilidade, incoerência e a fluidez. Privilegia-se, portanto, o entendimento de que nossas descrições éticas são construções temporárias, arbitrárias e locais.

Temos, pois, nesse momento, a necessidade de reapropriação e centralidade do pensamento sobre ética como fonte necessária de recursos para gerar inteligibilidades, práticas e saberes para a continuidade do projeto humano de existência.

Assim, o horizonte das questões éticas tradicionais submete-se a uma reorientação com a diferença de que essa nova empresa não é mais possível com os mesmos recursos teóricos e nem na perspectiva das seguranças modernas. O vazio aberto entre a persistência da preocupação ética e o abandono das abordagens tradicionais preenche-se com reflexões que decorrem do transformado ambiente contemporâneo.

A questão se articula não a partir da elaboração de um novo código de valores e expectativas capazes de orientar a ação humana, como explicitado por Bauman, mas da aproximação reflexiva ao problema, seus paradoxos e perspectivas. Como bem aponta Goergen (2001): *“(...) vivemos numa época em que os princípios e valores de caráter a-histórico/transcendental da tradição metafísico/teológica perderam seu poder de convicção, abrindo espaço para o histórico, o precário, o contexto. (p.150)”*

Cada vez mais, essa nova forma de se pensar ética, constata que a ação e o comportamento concretos realizam-se no contexto de múltiplas circunstâncias e determinações, as quais ressignificam constantemente os princípios éticos gerais, gerando inevitavelmente questionamentos sobre como atuar estando imerso no interior da heterogeneidade e da pluralidade éticas.

A tarefa do estudioso da ética, pré crise paradigmática, seria gerar receitas universais para dilemas éticos também universais, por meio da elaboração de modelos abstratos teóricos elegantes aos quais Walker (2007) se refere como modelos teórico-jurídicos.

Gergen (1997), em contraposição ao modelo teórico-jurídico de se pensar sobre ética, somando à reflexão pós-crise paradigmática apontado por Goergen (2001) e Bauman (1997), problematiza as consequências pragmáticas dos discursos morais. Segundo ele, estes não garantem a geração de uma “sociedade moral” de tal forma que quanto mais comprometido com princípios morais abstratos mais a sociedade seria correta, pelo contrário, manter-se fiel a princípios elaborados em gabinetes, por filósofos com aspirações a discursos universais, a-históricos, ausentes de determinações sociais, fomenta posturas hostis e de competitividade em busca de uma superioridade moral em relação ao outro que não conjuga da mesma inteligibilidade.

Para Gergen (1997), os questionamentos éticos não se encerram com o estabelecimento a priori e exterior de princípios abstratos e/ou normas éticas. Não precisamos

de mais moralidade, mas de melhores práticas. Assim, no momento pós-crise atual, no campo da reflexão ética, deixaríamos de perguntar– o que é bom? – e perguntaríamos – quais são os meios relacionais pelos quais podemos nos orientar para condições mutuamente satisfatórias?

À guisa de encerramento dessas reflexões gostaria de citar reflexões importantes para a metodologia para o estudo da ética. Segundo Walker (2007), o teorizar sobre a ética e a epistemologia moral precisam libertar-se do legado empobrecedor do idealismo e da pureza que faz com que a vida moral da maioria das pessoas desapareça, ou as torna ininteligíveis.

A reflexão ética se beneficiaria enormemente caso pudesse ser percebida como algo existindo, mesmo que imperfeitamente, em espaços sociais humanos reais e em uma temporalidade real, não como algo ideal, abstrato, vindo direta e expressamente apenas do gabinete do filósofo (Walker, 2007). O entendimento da ética nas variadas disciplinas intelectuais e na vida cotidiana do cidadão comum, certamente enriquecerá à medida em que englobar inúmeras informações sobre o mundo social/prático humano e as variadas formas de reconhecimento interpessoal no pensar, no sentir e no responder.

4 – Discursos sobre ética

Nesse ponto, apresentaremos algumas formas de compreender ética disponíveis atualmente, como forma de situar os recursos linguísticos e formas de compreensão disponíveis para a elaboração do discurso sobre ética.

De acordo com Gergen (1997), dois grandes discursos se destacam na história recente em termos de inteligibilidade ética. Este autor rotula esses dois grandes discursos de romântico e moderno, tendo implicações psicológicas e sociais. A esses dois discursos adicionaremos um terceiro, situado em um momento pós-moderno, e aqui chamado de discurso de ênfase dialógica. Entendemos que esses três discursos são muito comuns, tanto no mundo das ciências sociais, quanto no conhecimento cotidiano do senso comum e nos ajudarão a elaborar entendimento sobre as possibilidades de significação da ética.

4.1 – Discursos sobre ética: a ênfase no interior do indivíduo

A respeito do “ser moral” (Gergen, 1997), segundo a visão romântica, o mais significativo domínio de funcionamento dos seres humanos, um interior profundo, estava para além do alcance da consciência. Nesse locus, então, é que se encontraria os poderes das paixões, inspirações, criatividade e loucura, entre outros. No centro desse interior profundo, estava a alma humana, estreitamente conectada com Deus, porém enraizada na natureza, portanto provida de um elemento divino ao mesmo tempo em que possuía instintos. Dentro desse locus encontraríamos a fonte para sentimentos morais: “as propensões benévolas... são inerentes à mente humana. Somos impelidos a buscar a felicidade dos outros” (P.B. Shelley, 1967, citado por Gergen, 1997).

Mesmo tendo perdido, atualmente, seu apelo no mundo intelectual, ainda hoje a visão romântica guia as pessoas em decisões morais cotidianas, de tal modo que “nossas ações intuitivamente e convincentemente nos ‘parecem certas’ (Gergen, 1997).

Conjuntamente com a visão romântica delineada por Gergen (1997), podemos encontrar na história do pensamento sobre valores e ética, outros autores e suas proposições que também buscam, como fonte inspiradora para a conduta ética, o interior dos seres humanos, em uma visão subjetivista e individualista.

Sobre essa posição, podemos voltar a Sócrates que dizia que a virtude não pode ser ensinada (Goergen, 2005). Para ele a virtude decorre de uma reflexão pessoal e autônoma advinda do esforço próprio. Nesse sentido, “o educador não atua nem como exemplo nem como autoridade, mas como aquele que ajuda o educando a agir segundo a idéia de virtude (Bem) que se encontra em seu interior” (Goergen, 2005).

Esta forma de pensar a moral a partir do indivíduo e da subjetividade contou com filósofos de renome, passando por Agostinho, Tomás de Aquino e pelos renascentistas, chegando até Jean Jacques Rousseau, que inaugura a perspectiva moderna logo assumida e vigorosamente desenvolvida por Kant (Goergen, 2005).

Outro exemplo interessante, segundo Goergen (2005) é Kant, pois para ele o homem é um ser inacabado que tem *em si* uma disposição para o bem, que precisa ser desenvolvida, já que o mal aparece quando permitimos que a natureza se desenvolva desregradamente. Nesse sentido, a educação moral consistiria no cuidado de encaminhar as *disposições naturais* para o bem, mediante regras. Nesse exemplo, fica claro, a partir das partes em destaques, a ideia de fonte de conduta ética e de valores morais vinculados ao interior dos indivíduos, locus onde se encontraria o material para a construção da conduta ética.

Observamos que estes autores, aos quais poderiam ser acrescentados inúmeros outros, viveram em épocas bastante distintas da nossa. Embora suas observações e ensinamentos ainda sejam valiosos até hoje, encontramos em comum a ideia de um lugar interno presente no indivíduo que contém material valioso para o desenvolvimento do comportamento e da reflexão ética, quando não seria esse material de fato a própria ética em si.

Finalizando, com intuito de sintetizar o ponto em que exploramos o discurso ético focado no indivíduo, mais precisamente em seu interior oculto, recorro a Goergen (2005), quando diz:

Como podemos ver, a tradição ética, da qual aqui apenas pinçamos alguns momentos, está fundamentalmente focada no indivíduo. Sócrates, como não sabia responder à pergunta *o que é o homem?*, contenta-se com a busca e nos convida ao exame cuidadoso de nossas próprias vidas individuais, escutando sempre nossa consciência interior. Também Aristóteles, do qual nem falamos aqui, embora faça menção ao *ethos* social, refere-se à história como o domínio do indivíduo, do único e do irrepetível, colocando a responsabilidade do agir moral sobre o indivíduo. Também Santo Agostinho, que já preconiza o subjetivismo de Descartes, nos ensina que, para conhecermos o bem, temos que olhar para a nossa interioridade, onde à luz de Deus saberemos como melhor agir. Depois, já na modernidade, para além de Rousseau, Kant e Kierkegaard, também para Goethe o *individuum est ineffabile*. (p.993)

4.2 – Discursos sobre ética: a ênfase no mundo exterior

O segundo discurso abordado por Gergen (1997) é o discurso moderno. Segundo ele, no decorrer do século XX, o discurso romântico perdeu sua força, ao menos no mundo intelectual, em função do Darwinismo e do cientificismo empirista. Toma lugar a noção de que existe um ser humano que por meio da observação e racionalização está eficientemente capacitado para construir uma boa sociedade (Gergen, 1997).

A partir desse discurso a ação ética estará situada nos antecedentes ambientais do funcionamento mental, concebendo o ser ético como uma engrenagem em um universo mecânico. Assim, para compreender o fato das pessoas agirem eticamente, deve-se analisar condições precedentes, tais como socialização familiar, educação religiosa, programas de construção de caráter, etc. (Gergen, 1997).

Coadunando-se à visão de ética como focada na exterioridade, no ambiente, temos como ilustração a perspectiva de Durkheim afirmando que moral não precede a realidade, mas deriva dela e a expressa (Goergen, 2005). Segundo ele, não se pode construir um entendimento sobre ética e depois querer que isso seja a realidade, pelo contrário, seria preciso observar os fenômenos presentes no cotidiano para só então inferir o que viria a ser o conteúdo da ética.

É necessário entender o fenômeno ético em suas múltiplas relações com os inúmeros fatos que lhe definem. Durkheim (2003, citado por Goergen, 2005) afirma que “a moral não é um sistema de regras abstratas que as pessoas trazem gravadas na consciência ou que são deduzidas pelo moralista no isolamento de sua sala. É uma função social ou, mais que isso, um sistema de funções formado e consolidado sob a pressão das necessidades coletivas”.

A partir das reflexões de Durkheim, que incorporam os critérios do discurso moderno sobre ética, a formação de um indivíduo ético centra-se no conhecer a natureza e dela extrair os princípios fundamentais que deveriam reger os comportamento de todos. Portanto, ética seria um processo externo, focado no mundo dos fenômenos alheios ao indivíduo.

Percebemos, tanto na visão romântica de ética no interior das pessoas, como na visão moderna, em que ética está centrada no mundo externo, o dualismo presente na epistemologia ocidental, que divide a realidade em um mundo dentro dos limites da pele e um outro mundo fora desses limites. Como forma de superação dessa dicotomia, analisaremos a seguir um terceiro discurso sobre Ética, em que se explora a proposta construcionista de entendimento da produção de sentido e, portanto, de realidades como decorrentes dos relacionamentos humanos, sedimentando um contraponto às epistemologias dualistas pela contraposição de uma epistemologia relacional. Trata-se de um discurso que está orientado quanto à crise paradigmática e sua inserção enquanto uma outra forma disponível de dar sentido às práticas humanas e tem como intuito cobrir o espectro da multiplicidade contemporânea de possibilidades de entendimento sobre a ação humana.

4.3 – Discursos sobre ética: a ênfase em contextos de diálogo

Aqui traremos como representantes desse discurso a perspectiva da ‘responsabilidade relacional’ proposta por McNamee e Gergen (1999). Com o conceito de Responsabilidade Relacional, eles procuram direcionar um pensamento crítico a respeito das práticas de assunção de responsabilidade, isto é, localizar em determinados casos quem é responsável por determinada condição ou resultado (McNamee & Gergen, 1999).

Partindo da concepção de linguagem de Wittgenstein, que considera as palavras como subproduto do intercâmbio social, sendo seu significado derivado dos vários jogos de

linguagem em que as pessoas se inserem, eles procuram explorar quais tipos de mundo social diferentes podem advir de uma compreensão relacional das atuais práticas de responsabilização.

Eles criticam a noção de self, ou seja, a capacidade de deliberação interna individual, racional e consequente controle de nossas ações, e as práticas de responsabilização advindas dessa concepção levantando dois argumentos principais: “*o crescente fardo intelectual alocado naqueles que defendem as bases individuais para ação*” (McNamee, S. & Gergen, K., 1999) e “*o aumento da insatisfação com as ramificações sociais de tal comprometimento*” (McNamee, S. & Gergen, K., 1999).

Sobre o primeiro argumento, colocam que os filósofos há muito se acham descontentes com a metafísica dualista na qual a crença na subjetividade individual está sedimentada. Assim, essa dualidade legou problemas conceituais e intelectuais imensos concernentes à justificativa da existência de um mundo material e um mundo psicológico, de tal modo que séculos de esforço para resolver o problema de como a mente reflete a natureza ou pode ser o ponto de origem da ação não conseguiram propor uma solução. Segundo McNamee e Gergen (1999), citando Richard Rorty (1979) “*uma história do debate filosófico nos mostra que o conceito de uma mente interna que reflete um mundo exterior não é um fato simples da existência humana, mas uma convenção situada historicamente.*” Portanto, não há necessidade de dar continuidade a esse caminho pouco frutífero, cheio de problemáticas inextrincáveis, que são invenções culturais que podem ser suspensas.

O segundo argumento que dá continuidade à crítica às noções atuais de responsabilização, fala sobre as ramificações sociais advindas da noção de individualidade e seu impacto para a cultura de uma maneira geral. Adotar o indivíduo como ponto de partida para entender a origem das ações humanas, e assim prover entendimento ético, promove a

priorização do individual nas condutas cotidianas. Assim, qualquer que fosse o caso em que está em jogo a conduta humana, priorizaria-se as metas, as necessidades, os desejos e os direitos individuais próprios em detrimento de outrem. As principais perguntas realizadas antes de uma decisão são: “como sou afetado, o que eu ganho ou perco?” (McNamee, S. & Gergen, K., 1999).

O altruísmo poderia até ser favorecido, pelo indivíduo esclarecido, mas tão somente se viesse acompanhado de recompensas. Tomar o indivíduo como o ponto de partida para se pensar ética promove uma cultura narcisista em que o destino fatídico do outro seria creditado apenas à sua incompetência, ou estrutura de personalidade doentia, em que as consequências negativas não são nada mais do que justiça. E em uma tal relação, Eu, não tenho participação qualquer, pois Ele *escolheu* sua estrada, seu destino.

Assim, a ideologia do individualismo gera uma fundamental noção de independência e isolamento. Nunca se pode entender o outro completamente, e portanto, não nos conhecerão ou compreenderão o momento, os sentimentos e angústia por que passamos. Segundo McNamee, S e Gergen, (1999):

Se acreditamos que a unidade central da sociedade é o self individual, então os relacionamentos são por consequência artificiais, não naturais e estranhas. Consequentemente, elas devem ser construídas, nutridas ou trabalhadas. E se tal esforço se prova árduo ou desagradável, então somos convidados a abandoná-las e retornar ao estado natural de agenciamento privado, ‘o meu jeito’(p.9)

A Responsabilidade Relacional (RR) procura gerar entendimento sobre o processo de se relacionar. Enfatiza o papel da dialogia na produção de sentidos e, consequentemente,

na construção de tudo o que criamos, fortalecendo a sensibilidade relacional no processo de construção social das relações, voltando o foco da investigação para a realidade circunscrita e situada das práticas microssociais (Camargo-Borges, C.; Mishima, S. & McNamee, S., 2008).

A Responsabilidade Relacional sustenta a atenção para o processo de se relacionar enfatizando a linguagem significativa gerada dentro destes processos, entendendo as práticas linguísticas como produtoras e mantenedoras de realidades. Foca, portanto, nas interações como construtoras de sentidos e de moralidade, tendo em seu argumento central a construção relacional do significado entendendo esse processo como criador e transformativo das formas de organização humanas.

A partir desse entendimento, qualquer conhecimento e ação passam necessariamente por um processo de construção que se situa como resultado da interação humana. Assim, toda possibilidade de sentido se dá a partir de uma construção conjunta nas interações, portanto as práticas de alojamento de responsabilidade devem pautar-se para uma elaboração coletiva e não individual. Como afirmam Camargo-Borges, C.; Mishima, S. e McNamee, S. (2008) “é por isso que somos implicados e relacionalmente responsáveis em todos nossos atos, pois eles só se sustentam no conjunto das relações a que pertencemos”.

As práticas humanas guiadas pelo conceito de Responsabilidade Relacional podem ser descritas como construindo intervenções mais sensíveis às relações, apostando nas aproximações e nas interações, num processo de sensibilização, com vistas à trocas mais colaborativas, contextuais e responsáveis relacionalmente, com o intuito de produzir interações menos polarizadas e menos hierarquizadas.

Gera-se, portanto, uma inteligibilidade não baseada em antagonismos, mas em multiplicidades e aproximações, confiando que os sentidos e a mudança ocorrerão nas

relações e nas interações e não na mente de indivíduos. (Camargo-Borges, C.; Mishima, S. & McNamee, S., 2008).

Compreendemos, assim, a proposta de Gergen e McNamee (1999), como promovendo um entendimento sobre ética a partir da ênfase em contextos de diálogo, colaborando para a construção de um campo de investigação dentro do entendimento ético diferentemente dos outros anteriormente relacionados, isto é, do discurso romântico e do discurso moderno.

4.4 – Considerações sobre os discursos sobre ética

Esses três discursos sobre Ética situam-se a partir de perspectivas epistemológicas distintas. Enquanto os dois primeiros possuem como questão básica a guiá-los a noção dualista de conhecimento sujeito-objeto, típica do paradigma moderno, o terceiro discurso sustenta-se a partir de uma epistemologia relacional, focando a linguagem com vistas a superar essa dicotomia, focando no modo como socialmente construímos aquilo a que chamamos de conhecimento por meio de trocas dialógicas circunscritas e marcadas por aspectos históricos.

A respeito desses modos mais amplos que informam e dão sustentação às teorizações sobre ética, Walker (2007) propõe entendê-los por meio de dois modelos: teórico-jurídico e expressivo colaborativo. Assim, os discursos modernos, que não consideram relevantes as três grandes críticas citadas anteriormente nesse texto a respeito do conhecimento, reproduzem as características do primeiro modelo de Walker, enquanto o discurso sintonizado com essas críticas, o terceiro ressaltado nessa parte de nosso texto, estaria mais estritamente conectado com o modelo expressivo-colaborativo.

Ao falarmos sobre esses modelos e suas características estaremos ampliando nossa compreensão a respeito da importância e da presença da crise paradigmática das ciências e o modo pelo qual ela influencia a produção e olhar a respeito do campo da Ética, proporcionando novas questões, mudando o foco de atenção dos estudiosos e permitindo novas e importantes reflexões sobre a conduta humana.

A) – Modelos Teóricos-jurídicos de entendimento sobre Ética

Algumas preocupações/valores específicos são colocados em prática pelo tipo de teorização ética encontrada nesses modelos, em que os agentes morais devem dominar a lógica da abstração e generalização garantindo julgamentos uniformes em casos que possuíssem estrutura semelhante por meio da aplicação de princípios éticos amplos.

As teorias éticas que podem ser agrupadas nesse modelo, das quais os dois primeiros discursos explorados em nosso texto são exemplo, possuem uma forma específica em que a consideração ética contém as qualidades da abstração, capacidade de ser generalizada e uniforme, constituindo teorias sobre éticas chamadas por Walker (2007) teorias em forma de códigos.

O tipo de teoria presente no pensamento contemporâneo relativo ao campo da Ética trata-se de um conjunto codificado/compacto de fórmulas morais, ou procedimentos para escolha dessas fórmulas que poderiam ser aplicadas por quaisquer agentes, a uma situação específica a fim de assegurar e determinar um julgamento capaz de guiar a ação.

Tais fórmulas são tidas como regras ou princípios que possuem um alto nível de generalização que são aplicadas pelo procedimento da dedução, sendo elas uniformes para quaisquer agentes que venham a aplicá-las, tratando-se, pois, de um lugar de agente hipotético que pode ser preenchido por qualquer pessoa independentemente de suas características pessoais ou de filiação social.

Tal forma de concepção sobre Ética é resultado de um conjunto de concepções extremamente restritas. Assume-se que Ética é essencialmente conhecimento, ou que os teóricos da Ética podem reflexivamente extrair um núcleo de conhecimento específico e essencial a respeito da Ética. Esse núcleo, ainda, é tido como essencialmente teórico, extremamente geral e de um tipo sistematicamente unificado possuindo a capacidade de guiar a ação, de tal modo que, quando o agente se deparar com uma situação problemática do ponto de vista Ético, esse núcleo de conhecimento altamente geral, uniforme e codificado dirá exatamente como ele deverá agir.

A imagem de fórmulas gerais que podem ser aplicadas a casos particulares pressiona a consideração ética de tal modo a levá-la para o campo da abstração. Detalhes supérfluos devem ser ignorados a fim de que os casos possam ser categorizados em tipos mais amplos para, então, serem manipulados pelas fórmulas morais. Isso garantiria uniformidade no julgamento e na ação, tanto entre casos quanto entre agentes diferentes, atribuindo prioridade à mesmice e à repetição ao situar a consideração moral em caminhos fixos.

A autora depois dessa análise a respeito das características das teorizações éticas que se enquadram no modelo teórico-jurídico passa a questionar a credibilidade das alegações morais em uma determinada sociedade, perguntando especificamente: Quem, ou qual grupo de pessoas, determina os termos dos julgamentos morais? E: todas as posições morais em uma sociedade podem ser coerentemente expressas por apenas um modelo específico (Walker, 2007)? Assim, ela coloca em questão a possibilidade da representação dos vários grupos sociais existentes, com todas as suas peculiaridades e dissemelhanças, por um discurso geral, abstrato posto em prática por um grupo específico de pessoas de modo unilateral.

A partir da crítica feminista, como expressão do momento pós-moderno de romper

com a epistemologia positivista dualista que sustenta esse tipo de elaboração a respeito da Ética, a autora continua questionando, citando que a crítica feminista ao campo do pensamento Ético argumenta que representações normativas sobre o comportar-se eticamente presente em trabalhos clássicos e contemporâneos da tradição Ocidental de pensamento, são marcadas por vieses de gênero, classe, inclinação política, entre outros (Walker, 2007).

Assim, o modelo teórico-jurídico aparenta refletir os interesses e problemas de uma classe emergente, mais tardiamente uma classe já estabelecida, de cidadãos brancos, com interesses similares, tomando a si autoridade, no contexto de modernização política e econômica, e definindo termos para o reconhecimento mútuo. Segundo Walker (2007), a imagem monológica de reflexão interna capaz de guiar a ação trata-se de uma prescrição para aquela espécie de agenciamento autônomo requerida por essa ordem social em particular àqueles a quem confere novos privilégios. Antes de ser incompleto, esse tipo de modelo ético mistifica a realidade social e seus ordenamentos conflituosos.

Esse modelo obscurece as peculiaridades dos atores éticos e suas relações ao enfatizar a universalidade e uniformidade, excluindo do processo a experiência emocional e os intrincados tipos de relacionamentos humanos. Ao ignorar os relacionamentos íntimos e de cuidado, essas teorias negligenciam a atenção e a responsividade ao outro na relação dialógica.

Quando aplicada por pessoas em situações interpessoais, esse modelo de consideração ética aparenta-se evasivo, tornando-se burocrático e autoritário quando aplicado em contextos institucionais (Walker, 2007). As principais ferramentas para a reflexão ética apresentadas por esse modelo geram decisões unilaterais, respostas estereotipadas, deixando de lado uma apreciação da situação de modo flexível, atento às contingências situacionais e às interações conversacionais.

Assim, o modo como algumas pessoas específicas, em momentos históricos-sociais específicos, construíram seus modos de atribuição de responsabilidade em função de valores que os guiavam em um determinado período, nos são apresentados de forma abstrata e idealizada. Quando essas representações da vida ética são instituídas como verdades sobre o ser humano, seus interesses, intuições e comportamentos, elas não apenas nos dizem o que são essas coisas, mas também aquilo que elas não podem ser.

Desse modo, essa forma de concepção ética acriticamente reproduz os valores do grupo ao qual é originária como normativos, isto é, como a única forma possível de relacionar-se eticamente. Toronto (1993, como citado por Walker, 2007) epitomiza esse cenário ao dizer que *“questões que tradicionalmente tem sido relevantes para a vida de mulheres, e subalternos, escravos e trabalhadores, não tem sido as responsáveis por construir a tradição filosófica ou a teoria política”* (p. 58), ressaltando o fato de que nem todas as preocupações, angústias e experiências de vida são igualmente relevantes, em termos de construção de normas, na sociedade ou no campo da Ética.

Quando isso ocorre, o caráter específico, parcial e situado dessas visões desaparece. Mas, a experiência daqueles em outras situações e posições, que assumem valores diversos vinculados a uma vivência e inserção cultural diferente, torna-se problemática e as considerações éticas desses outros grupos são caladas, impossibilitadas de entrar no debate, pois não representam o que é tido como normativo.

Nesse ponto cabe realçar uma condição importante sobre a construção das verdades éticas: em um mundo em que o conhecimento é produzido em instituições especializadas dotadas de um alto grau de autoridade, os produtores de teorias cobrem-se com uma autoridade epistêmica sem equivalente, sendo encarados no cenário social-comunitário como os mais apropriados para a fala, pois estão em posição privilegiada para tal.

Professores e acadêmicos do campo da Ética possuem a capacidade de legitimar alguns tipos de pensamentos a respeito do agir eticamente. Apresentar esses pensamentos como se fossem descobertas a respeito da verdade da ética obnubila os modos como eles são mantidos por meio das interações sociais, principalmente na esfera das interações autorizadas da academia.

Urge para que modos específicos de entendimento ético, gestados em grupos sociais culturalmente localizados e dotados de inserção histórica particular, não sejam ignorados e invalidados, que aqueles que produzem conhecimento a respeito da Ética dediquem mais atenção ao estudo empírico desse campo entendendo-o como resultado da trama de relacionamentos humanos.

As convenções discursivas da teorização no campo da Ética favorecem certos entendimentos em detrimento de outros. Ignora-se geralmente a colaboração e a comunicação ao se identificar e propor soluções a problemas éticos favorecendo exemplos esquemáticos nos quais alguns fatores relevantes do ponto de vista ético são selecionados, excluindo ou tornando irrelevante os contextos sociais e políticos.

A ideia geral de que o campo da Ética pode ser compreendido a partir de um conjunto restrito e compacto de preceitos disponíveis para a reflexão ignora o entrelaçamento dos vocabulários e práticas éticas com outras crenças históricas e sociais arraigadas nas práticas cotidianas.

Ainda, esconde do debate a inserção cultural do teórico da Ética e mistifica o papel desse campo de entendimento, a Ética, enquanto uma prática que possui autoridade no estabelecimento de verdades sobre a conduta humana que é sustentada por instituições e arranjos sociais específicos.

A partir de um ponto de vista pós crise paradigmática do conhecimento e apoiados

nessas reflexões a respeito das teorias teórico-jurídicos da Ética, surge a proposta alternativa de entendimento, ao que será rotulada por Walker (2007) como integrantes do modelo expressivo-colaborativo de teorias sobre Ética, em que o conhecimento é tido como “ *um produto intersubjetivo construído no interior de práticas comunitais de reconhecimento, correção e crítica a respeito de alegações de saber*” (Code, 1991, como citado por Walker, 2007, p. 63).

O conhecimento sobre nossas vidas é compreendido como fruto de conflitos no interior das comunidades e isso nos mostra, como salient Walker (2007) porque é necessário examinar as conexões entre práticas de credibilidade e desqualificação de ‘verdades’ estabelecidas e a configuração das práticas de autorização e privilégios para elaborar tais ‘verdades’ no interior dessas mesmas comunidades, sejam elas a academia ou qualquer outra fonte produtora de conhecimentos normativos.

Assim, podemos afirmar que todos os produtores de conhecimento estão situados em comunidades epistêmicas que garantem o status qualificado de suas afirmações (Walker, 2007). Essas mesmas comunidades são as responsáveis por manter e certificar tais práticas discursivas, sendo que para tal possuem métodos, procedimentos, instrumentos e tecnologias específicas e validadas comunalmente, assim como interações sociais típicas em que as evidências e os entendimentos analisados são interpretados, qualificando-os ou não: “*recursos são utilizados e interações tomam lugar no contexto de relações específicas e práticas de autoridade cognitiva*” (Walker, 2007, p. 64).

Nesse sentido, procurando situarmo-nos de forma coerente com os pressupostos construcionistas sociais a respeito do conhecimento humano, procuraremos salientar as características inerentes ao modelo expressiva-colaborativo como forma de nos orientar para a análise que será feita dos encontros que tivemos com os psicólogos, procurando ressaltar

como os variados modos com que abordamos a questão ética nos proporcionam variadas respostas, algumas mais sintonizadas com as críticas pós-modernas articulando-as mais claramente e outras nem tanto.

Para tanto, a seguir, falaremos um pouco mais das características de abordagens do tipo expressiva-colaborativa de modo a reforçar o entendimento desse modo diferente de compreender e estudar o fenômeno ético, mesmo sabendo que repetiremos alguns detalhes que já foram apresentados quando abordamos o discurso sobre ética que enfatiza contextos de diálogo. Isso, no entanto, parece ser relevante, dado a novidade e peculiaridade desse modo de entender o mundo, que pouco se identifica com as formas tradicionais de se pensar e refletir sobre Ética.

B) – Modelo Expressivo-colaborativo

A partir do pressuposto de que o conhecimento sobre a conduta ética é produzido e sustentado no interior das comunidades temos uma nova forma de abordar o fenômeno ético que, segundo a proposta de Walker (2007), deve levar em consideração dois pontos: primeiro, identificar os tipos de detalhes que as pessoas precisam saber e reconhecer como tendo valor a fim de viverem de acordo com os entendimentos éticos compartilhados por sua comunidade de referência, que podem ser múltiplas e não apenas uma; segundo, esse modelo deve suprir estratégias críticas e padrões para julgar quais desses entendimentos éticos compartilhados merecem ser levados em consideração, isto é, quais deles merecem ser considerados importantes para a condução da vida das pessoas em suas relações cotidianas.

Nesse sentido, uma análise que pretenda construir um conhecimento ético válido deve levar em consideração o modo como demonstramos relacionalmente condutas competentes eticamente ao elaborar e defender nossas alegações e justificações, analisando também como os termos e padrões que guiam e constituem tais alegações são mantidos ou

alterados na conversação garantindo ou não sua relevância. Assim, nosso foco de atenção estará, principalmente, nas falas, procedimentos e relações de autoridade que possibilitam que um entendimento específico se estabeleça sobre outros (Walker, 2007).

A comunidade ética, entendida como o conjunto de relações humanas entrecortadas por suas instituições, torna possível ao mesmo tempo em que também restringe formas específicas de expressividade e reconhecimento. É nessa forma de entender o campo da Ética em que o foco está na troca interpessoal e construtiva como produtora de relações entendidas ou não como sendo éticas que está o foco do modelo expressivo-colaborativo.

Tal modo de compreender o fenômeno ético enfatiza a contínua negociação entre as pessoas, as variadas formas de se alocar, assumir ou defletir responsabilidades buscando compreender as implicações de tais procedimentos nas comunidades específicas em que são elaborados. Como afirma Walker (2007): “*O modelo expressivo-colaborativo é concebido para capturar características interpessoais e sociais da moralidade que o modelo teórico jurídico esconde*” (p. 67).

Temos ainda que qualquer sistema específico utilizado para justificar eticamente nossas ações é entendido como uma prática cultural que aprendemos e utilizamos como ferramenta para organizar nossas relações diárias com os outros. Um modelo expressivo-colaborativo propugna, então, uma visão sobre o campo da Ética como sendo fruto da negociação em tempo real, em que membros de uma comunidade compartilham de modo mais ou menos integrado certas crenças sobre o que é ou não uma conduta ética e por meio do diálogo procuram refinar seus entendimentos, chegar ao consenso e elaborar conflitos existentes (Walker, 2007).

Desse modo, agir eticamente é um processo contínuo de expressividade e influência mútua, por meio do reconhecimento da existência de valores compartilhados. Tal processo

promove uma visão sobre nossa conduta a partir da nossa capacidade de consideração de escolhas e do reconhecimento de valores e termos em comum e da compreensão e expectativa de que o outro com quem nos relacionamos possua também essas capacidades. Assim, esse processo nos torna “ *responsáveis por nós mesmos e por outros pelo sentido moral que nossas vidas assumem. Cria-se expectativas comuns ao redor de termos compartilhados que se referem a julgamentos, criando inteligibilidades mútuas.*” (Walker, 2007, p.69).

Compartilhar valores e termos sobre a conduta ética significa reconhecer que eles possuem potencialidade para definir práticas de responsabilização, no entanto, a concretização dessa potencialidade estará sempre vinculada ao processo de negociação/conflito presente nas interações.

Uma observação se torna importante no ponto em que estamos: como as pessoas e seus relacionamentos não são uniformes e as situações não são necessariamente iguais, a consideração ética, nessa visão, enfatiza a análise do contexto em que as disputas éticas ocorrem. Como tais disputas são um processo contínuo/aberto novas situações podem abrir entendimentos passados e contestá-los mudando, assim, o cenário para considerações futuras. O valor de uma conduta será sempre aberto com validade local e temporal efêmeras.

São grandes as diferenças entre os dois modelos assinalados. Não por que um seja falso e o outro verdadeiro, mas principalmente por que se aproximam da realidade a partir de posturas completamente diferentes, sendo tais posturas marcadas por historicidades diferentes, gestadas em instituições com interesses diferentes em momentos históricos também diversos. Trata-se, pois, de um aspecto importante que também guiará nossa atenção no decorrer desse estudo, isto é, como as diferentes formas de abordarmos o campo da Ética e gerar entendimentos sobre ele nos proporcionarão visões distintas, colocando em prática alguns discursos em detrimentos de outros e possibilitando o surgimento de sentidos bastante variados.

5 - Ética em contexto profissional grupal

Como afirmamos na introdução do presente trabalho a investigação sobre qual poderia ser a melhor conduta, bem como a tentativa de encontrar respostas para problemas relacionais do nosso cotidiano são preocupações que ocupam as sociedades desde a antiguidade (Alonso, 2002 & Vázquez, 1997). No presente estudo abordaremos a questão ética no contexto profissional grupal no campo da psicologia.

No contexto profissional as preocupações sobre as questões acima levantadas permanecem, pois nele as questões éticas estão no foco da atenção, havendo por parte de instâncias reguladoras como os conselhos profissionais a formalização de um código de conduta para mediar a relação com os usuários dos serviços e com outros profissionais.

O Conselho Federal de Psicologia, sensível a essa questão, elaborou o Código de Ética da Psicologia, tendo produzido três versões deste documento em 1979, 1987 e 2005. As mudanças realizadas nesses três oportunidades tiveram como intuito contemplar outras esferas de atuação profissional ampliando o raciocínio ético para além da clínica privada, atentando aos direitos coletivos. Da mesma forma, o Código teve seu caráter prescritivo redimensionado, promovendo uma reflexão sobre os conceitos de ética de forma mais ampla (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2005).

As diretrizes éticas a serem seguidas pelos profissionais que trabalham com grupos são as mesmas que as estabelecidas pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (PLENÁRIO DO CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005). Não obstante, há algumas situações típicas do contexto grupal que suscitam questões específicas àqueles que se utilizam dos dispositivos grupais em sua atuação profissional.

Com o intuito de levantar trabalhos que tratassem dessas situações específicas vividas pelos coordenadores de grupo realizou-se uma pesquisa na base de dados psychINFO

e psycARTICLES utilizando-se os descritores *professional ethics* e *group psychotherapy*, dando um total de 22 entradas de 2000 a 2010, sendo 15 artigos, 6 capítulos de livro e 1 dissertação. Desses 15 artigos, 2 eram resenhas de livros, 2 comentários sobre outros artigos. Os artigos que analisavam outros artigos ou livros, assim como análises de livros e a dissertação não foram analisados. Também foi feita pesquisa na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando todos os índices e todas as fontes disponibilizadas, por meio dos termos *group therapy* e *professional ethics*, obtendo-se 1 resultado.

O critério de seleção dos resumos para posterior leitura foi: publicações que levantassem questionamentos éticos relacionados à prática de psicólogos que trabalham com grupos. Dentre estas pesquisas, algumas têm apontado alguns dos dilemas enfrentados pelos coordenadores de grupos na realização de suas atividades, seja no que se refere à manutenção da confidencialidade, ao tratamento combinado de modalidades de terapia, dilemas relacionados à diversidade, ao término da terapia, novos desafios desencadeados pelo uso da tecnologia na assistência em saúde, ao estabelecimento de honorários, à necessidade de grupos para populações específicas e a formação ética do profissional psicólogo.

Pepper (2002, 2004) apontou os problemas éticos decorrentes dos múltiplos papéis assumidos por determinados terapeutas envolvidos em práticas educativas e de formação de novos terapeutas, o que faz com que muitos deles sejam ao mesmo tempo terapeutas / supervisores em relacionamentos com os mesmos pacientes / supervisonandos.

Mcdivitt (2001), em uma survey nacional nos Estados Unidos, investigou questões éticas relativas à confidencialidade, interesses de terceiros, consentimento informado, papel do líder e seleção, com profissionais que trabalham com adolescentes no contexto escolar. Os resultados mostraram haver uma falta de acordo generalizada sobre respostas apropriadas em situações de dilema ético.

Brabender (2009) analisou o tratamento combinado de psicoterapia individual e grupal e os dilemas decorrentes dessa integração. Identificou como áreas sensíveis do ponto de vista ético a auto-indicação, ou seja, terapeutas de uma modalidade de terapia indicando o paciente para outra modalidade na qual esse mesmo terapeuta é o responsável, a transferência de informação e o término da terapia.

Schermer (2009) revisou uma série de artigos sobre o tratamento combinado entre terapia individual e terapia de grupo, e terapia de casais e grupo de relacionamento. Ele nota que as perspectivas relacionais da psicanálise e da teoria de sistemas de grupo proporcionam enquadres conceituais capazes de justificar teoricamente a combinação dessas modalidades terapêuticas. Identificou também que os pacientes tidos como difíceis ou como regredidos são positivamente afetados pelo uso combinado das modalidades de terapia.

Debiak (2007) analisou a tomada de decisão ética estudando um caso em que um terapeuta de grupo em treinamento tem de decidir se inserir um paciente gay em um grupo terapêutico composto somente por heterossexuais seria um tratamento efetivo e apropriado. Ele analisa os vários passos que o terapeuta deve seguir para resolver com sucesso os dilemas éticos relacionados à diversidade.

Mangione, Forti e Iacuzzi (2007) discutiram em seu artigo o término da psicoterapia, ressaltando que se trata de uma etapa do processo terapêutico imbuída em complexidade e conflitos em potencial que geram questões éticas. Para a discussão, os autores examinam o papel do consentimento informado, os limites do tempo, a privacidade e confidencialidade, fins não planejados, termos iniciados pelo terapeuta e a competência. Concluem que os clínicos precisam desenvolver e manter um treinamento ético a fim de estarem atentos a possíveis dilemas que possam surgir, sendo que tal treinamento teria como intuito sintonização das respostas pessoais em relação a terminos e perdas.

Serafini, Damianakis e Marziali (2007) analisaram os padrões e questões éticas de se oferecer atendimento via internet para cônjuges de pessoas que sofrem de demência, focaram em aspectos de desenvolvimento e avaliação de intervenções desse tipo, indicando a necessidade da utilização da tecnologia para ampliar o acesso a serviços de saúde.

Lasky e Riva (2006) analisaram a confidencialidade ressaltando sua importância para todas as formas de psicoterapia. Realçaram a maior dificuldade de se manter a confidencialidade em terapias grupais devido ao grande número de pessoas que têm acesso a informações pessoais dos pacientes. À medida que a modalidade de tratamento grupal se torna mais popular, observaram os autores, mais atenção tem-se dado ao aspecto da confidencialidade em grupo e o reconhecimento de que dilemas éticos a respeito dessa característica são comuns.

Shapiro e Ginzberg (2006) analisam as relações de pacientes e terapeutas quando a questão é o estabelecimento de honorários. Eles exploraram vários enquadres éticos como suporte para a realização de uma decisão como um modo de trabalhar as relações inconscientes de terapeutas e pacientes com o dinheiro. Nesse artigo examinaram o estabelecimento e aumento dos honorários, avaliação pré-grupais, pagamento realizado por terceiros assim como a combinação de modalidades de terapia. Enfocaram como resultado a contra-transferência e as dificuldades particulares inerentes em conciliar a identidade de terapeuta com a prática profissional da clínica.

Klontz (2004) discutiu aspectos éticos relacionados a grupos de terapia experiencial, dando ênfase nas questões éticas relacionadas à escolha apropriada de modalidade terapêutica, psicoterapia de grupo ou individual, observou também a competência do terapeuta no uso de técnicas experienciais, questões relacionadas ao poder do líder e o cuidado após a terapia. Destacou o uso de duas linhas guias como ponto de referência para decisões éticas, sendo essas linhas guia: “Ethical Principles of Psychologists and Code of

Conduct’ da Associação Psicológica Americana (2002) e “Association for Specialists in Group Work Best Practice Guidelines”.

Fokkens (2003) defendeu em seu artigo a necessidade de terapia de grupo para homens que experimentam dificuldades com seus comportamentos sexuais, sendo tais comportamentos tidos como indesejados pelos próprios pacientes, tendo compreendido que essa modalidade de atendimento, isto é, o grupo possibilitou melhoras no tratamento destes pacientes.

Bataglia (2001) relata uma intervenção realizada em um curso de graduação contemplando aspectos da questão ética na formação teórica, nas questões que se relacionam ao posicionamento ético do profissional de psicologia em relação a seus clientes e à sociedade. Os resultados mostraram que discussões a respeito de dilemas morais, reflexão dirigida e oportunidade de assunção de pontos de vista perante si mesmo e o grupo, levaram a um desenvolvimento da competência moral. Mostraram também a necessidade de um trabalho mais amplo que contemple toda a formação do psicólogo e não apenas a disciplina de ética profissional.

Uma breve análise desses artigos aponta para a escassez geral de trabalhos sobre ética no contexto grupal e, especificamente, escassez de pesquisas empíricas. Nos vários artigos analisados percebe-se também a ausência de uma teorização específica sobre o que vem a ser ética, sendo as análises baseadas no binômio certo/errado focando, na maior parte das vezes, a conduta individual do terapeuta e tendo como parâmetro de análise de sua forma de agir e a teoria psicológica a qual ele se vincula, não havendo necessariamente uma discussão em termos dessa teoria sobre o que constitui uma ação como ética ou não ética.

Considerando tais resultados, faz-se necessário uma discussão mais aprofundada que articule e problematize o que entendemos por ética enfocando de forma empírica, voltada

para contextos práticos, as construções de ética dos psicólogos e as formas daí decorrentes de enfrentamento de tais situações.

Importante ressaltar, também, que nenhum dos artigos refere-se à crise paradigmática e sua repercussão na temática ética. Tendo em vista a importância dos movimentos tidos como pós-modernos e sua repercussão, não só no campo da ética, mas em inúmeros outros sítios do conhecimento humano, consideramos importante ampliar a análise do tema ética para profissionais que trabalham com grupos de tal modo a lançar um olhar que esteja atento às transformações decorrentes da já mencionada crise paradigmática.

6 - A pesquisa: objetivos, participantes, construção e análise do corpus

6.1 – Objetivo

Este estudo buscará contribuir com a reflexão ética no contexto das práticas grupais em Psicologia, tendo como objetivo descrever os sentidos de ética que organizam as conversas profissionais de psicólogos que realizam práticas grupais.

6.2 – Participantes

Os participantes do estudo foram 10 psicólogos coordenadores de grupo que atuam na cidade de Uberlândia – MG. Todos os que aceitaram o convite do pesquisador para participar deste estudo foram informados sobre a pesquisa e, então, solicitados a assinar o Consentimento Livre e Informado (APÊNDICE A). Definimos como coordenadores de grupos, aqueles psicólogos que estivessem realizando práticas grupais em seu exercício profissional, não tendo necessariamente uma especialização ou formação pós-graduada específica nessa área.

6.3 – Passos na constituição do corpus

A constituição do corpus realizou-se por meio das transcrições das conversas de encontros grupais com psicólogos que realizam práticas grupais em diferentes áreas de atuação.

Foram realizados dois grupos, compostos de cinco participantes, cada um com cinco encontros quinzenais de 2h de duração, tendo como objetivo oferecer aos psicólogos um espaço de troca e reflexão sobre as questões éticas no trabalho com grupos. Os encontros

foram organizados de forma a permitirem: 1) uma aproximação entre os participantes e a discussão inicial sobre os temas da pesquisa; 2) a troca de experiências pessoais bem-sucedidas no enfrentamento de questões éticas; 3) a discussão de dilemas éticos específicos a partir de situações hipotéticas envolvendo dificuldades éticas na prática grupal construídas pelos próprios participantes da pesquisa; 4) a construção coletiva de propostas de orientação ética aos coordenadores de grupos; e 5) a finalização dos encontros.

A coordenação do grupo foi realizada pelo pesquisador responsável a partir das propostas contrucionistas de intervenção (Anderson, 1997; Mcnamee, Gergen, 1998; Gergen, 2006), ou seja, promovendo a troca dialógica entre os participantes e enfatizando a análise do processo social de construção dos sentidos. Tais propostas sustentam uma postura de co-construção com e entre os participantes, um enfoque sobre os relacionamentos e o contexto nos quais determinada descrição surge, a multiplicidade de formas de descrever uma situação e um discurso de potencialidades positivas e de construção de realidades futuras.

Os participantes foram convidados a partir de divulgação junto a universidades e centros de formação de terapeutas. Previamente ao início dos encontros, agendou-se uma conversa com cada interessado e foi preenchida uma ficha de identificação (APÊNDICE B). Todos os encontros foram audio-gravados.

Participaram desse estudo dez psicólogos coordenadores de grupo que atuam na cidade de Uberlândia – MG, com idades entre vinte e três e quarenta e nove anos, sendo nove mulheres e um homem, com experiência com trabalho com grupos entre um e doze anos, trabalhando para a rede pública e em consultórios particulares. Dois participantes realizaram sua formação em instituições privadas e os oito restantes em instituições públicas.

6.4 – Passos na análise do corpus

A análise do corpus foi feita segundo as propostas de análise do discurso influenciadas pela perspectiva construcionista social. Tomamos como modelo orientador, a metodologia para estudo das práticas grupais desenvolvida por Rases e Japur (2001, 2003, 2007), o qual adaptamos para a presente pesquisa. Assim, os passos da análise foram:

a) Transcrição de todas as entrevistas realizadas: consiste um momento de ativa produção de sentidos em relação ao material gravado, no qual os sons são traduzidos em palavras e marcadores linguísticos. As convenções de transcrição a serem utilizadas são adaptadas de Jefferson (1985). O texto produzido a partir desta forma de transcrição constitui-se então o corpus a ser analisado nas etapas subsequentes do processo de análise.

b) Leitura flutuante, curiosa e reflexiva das transcrições: a leitura cuidadosa por várias vezes do material transcrito, permite construir as categorias que orientam a análise de todo o corpus. Trata-se de um momento de atenção às primeiras impressões a respeito das transcrições, e de uma reflexão inicial sobre questões trazidas pela literatura da área e o emergente do corpus.

c) Identificação de situações relevantes para análise: a partir da leitura curiosa e reflexiva alguns trechos foram pré-selecionados para análise. Tais trechos apresentavam como característica saliente estarem agrupados em torno de dois temas norteadores, quais sejam, falas que foram reconhecidas como reprodução do modelo teórico-jurídico de se pensar ética e do modelo expressivo-colaborativo.

d) Análise discursiva: Os trechos selecionados, então, foram discursivamente analisados focando a identificação de repertórios interpretativos, em um primeiro momento, por meio de sua descrição: quais os termos mais usados, imagens, metáforas agregadoras do discurso etc. Posteriormente, passou-se para a análise da situacionalidade dos repertórios descritos com foco nas falas sobre a temática da ética inserida no contexto dos grupos.

6.5 – Método

Tendo em vista que a ética construcionista enfatiza a análise de contextos práticos (Walker, 2007), escolhemos como campo para pensar ética a atuação de profissionais psicólogos que trabalham com grupos. Epistemologicamente, o presente trabalho sedimenta-se em uma perspectiva construcionista de produção do conhecimento, segundo a qual o conhecimento científico é socialmente construído, abandonando-se, como consequência de tal postura, a busca pela verdade universal, passando o conhecimento a ser avaliado por meio dos critérios de utilidade e de ampliação das inteligibilidades relacionais (Gergen, 1997). A abordagem teórico-metodológica utilizada será a Psicologia Discursiva, pois proporciona um olhar atento às interações em cenários cotidianos (Hepburn & Wiggins, 2007).

6.5.1 – A Psicologia Discursiva

A Psicologia Discursiva tem como principal marco a publicação do livro ‘Discourse and Social Psychology’ de 1987, no qual os autores Jonathan Potter e Margareth Wetherell fazem uma releitura da Psicologia Social criticando o status da cognição. Embora Psicologia Discursiva não seja uma contraposição a essa linha de pesquisa, sua metodologia e seus pressupostos levantam uma série de questões em relação a tal programa científico. Outras obras seminais no estabelecimento dessa disciplina são ‘Representing Reality’, de 1996, de Jonathan Potter e ‘Discourse and Cognition’, de 1997, de Derek Edwards (Potter & Hepburn 2007).

A Psicologia Discursiva é uma discursiva por que discurso (falas e textos) são considerados como o meio principal de ação social. Desse modo, os fenômenos psicológicos são recontextualizados, e passam a ser entendidos como coisas que são construídas,

consideradas relevantes, e compreendidas na interação. A linguagem psicológica é vista como composta e organizada para a ação e interação (Potter & Hepburn, 2007).

Segundo Potter e Hepburn (2007), falando sobre Psicologia Discursiva: “Seu foco está no modo como as descrições lidam com aspectos psicológicos, em como esses aspectos são demonstrados na conversa e como as pessoas respondem a eles tomando-os como tristeza, desvios, conhecimento ou qualquer outra coisa” (p.15). De um modo geral, Psicologia Discursiva possui três características principais (Potter & Hepburn, 2007; Hepburn & Wiggins 2007):

1 – É orientada para a ação: o discurso é tido como um meio para a ação. Para a Psicologia Discursiva, o foco é em como ações específicas são realizadas indiretamente a partir de diferentes tipos de descrições;

2 – Situacionalidade: o discurso é situado de três formas complementares. Primeiro, é organizado sequencialmente, pois a fala atual é responsiva ao que foi, na sequência da fala, previamente dito, ou seja, o que foi dito enseja, porém não determina, a resposta seguinte. Segundo, o discurso é situado institucionalmente, de tal modo que, identidades institucionais e as tarefas que estão sendo realizadas são relevantes para a interação analisada. Terceiro, o discurso é situado retoricamente, ou seja, as descrições realizadas podem estar orientadas para resistir e enfrentar, na disputa pelo que é real, a descrições alternativas.

3 – O discurso é construído, pois ele é formado por palavras, categorias, repertórios interpretativos, metáforas e outros elementos; e é construtivo, pois versões do real são organizadas e ganham estabilidade por meio da conversação. Psicologia Discursiva estuda tanto as ações realizadas por essas construções quanto o modo como essas construções são organizadas para se tornarem estáveis, objetivas e independentes do falante.

A) A Psicologia Discursiva: repertórios interpretativos, modelo da ação discursiva e a análise da conversação

As primeiras elaborações da Psicologia Discursiva, como ferramenta teórico-metodológica para estudo dos fenômenos sociais datam de 1987, com o já mencionado livro *Disourse and Social Psychology* de Wetherell e Potter. A essa época, o principal recurso conceitual-analítico que agregava as considerações filosófico-conceituais da Psicologia Discursiva era a noção de *repertórios interpretativos*.

Com o desenvolvimento de inúmeras pesquisas e a ampliação de pesquisadores interessados nessa nova abordagem, outras influências importantes foram surgindo e se solidificando, sempre pautadas nos pressupostos originais, em que a linguagem-em-uso é o foco da atenção, enquanto instrumento gerador de realidades sociais e relacionais. Assim, outros recursos conceituais-analíticos foram sendo elaborados como o modelo da ação discursiva (*Discursive Action Model*), proposto por Edwards e Potter (1992).

Os desdobramentos recentes da Psicologia Discursiva têm também se aproximado da corrente teórica da Análise da Conversação (AC), dada às suas características que possibilitam utilizá-la como recurso para o entendimento das trocas conversacionais, das interanimações dialógicas. Assim a influência da AC apresenta-se de modo mais amplo, perpassando o entendimento dos outros recursos conceituais-analíticos acima descritos.

Para melhor compreendermos os meandros traçados pela perspectiva da Psicologia Discursiva, a seguir, falaremos brevemente sobre esses três elementos associados a essa abordagem teórico-metodológica: *repertórios interpretativos, modelo da ação discursiva e Análise da Conversação*.

Importante ressaltar que não é objetivo do presente trabalho apresentar uma análise detalhada e refinada das influências e do desenvolvimento histórico da Psicologia Discursiva

ou do lugar teórico por ela ocupado dentro das várias propostas de análise do discurso, porém, o que pretendemos é apresentar a Psicologia Discursiva e algumas características presentes em seu desenvolvimento que possibilite uma melhor compreensão da análise realizada nesse trabalho.

B) Repertórios interpretativos

A noção de *repertório interpretativo* pode ser entendida como o conjunto de termos, conceitos, lugares-comuns e figuras de linguagem utilizados para falar de um fenômeno específico (Spink, 2001). Sendo produções culturais e estando inscritos nos textos, imagens e lugares de memória que constituem o imaginário social, de acordo com Potter e Wetherell (1987), constituem-se como elementos essenciais utilizados por pessoas em conversação, seja textual, vocal etc. com o intuito de construir versões da realidade: ações, justificativas, sanções, limitações entre outras formas de atos. Qualquer repertório possui um espectro restrito de termos usados de uma forma estilística. Usualmente, tais termos se organizam e produzem metáforas-chaves, sendo assinalados por figuras e tons no discurso.

Desse modo, os repertórios interpretativos podem ser entendidos como unidades de construção dos discursos que salientam uma gama de possibilidades de construções discursivas, tendo sua origem vinculada à comunidade linguística em que as pessoas que os utilizam foram socializadas, tendo sido transmitidos por meio das trocas conversacionais por que essas pessoas passaram.

Para avançarmos nossa compreensão, e utilizarmos uma metáfora de construção, já que falamos em construcionismo social, os repertórios interpretativos podem ser vistos como “blocos de construções”, tijolos do discurso utilizados como recursos sociais e culturais para

construirmos versões dos acontecimentos, justificação de certas práticas, enfim, como forma de organização das versões do mundo com intuito de organizar as práticas humanas.

Buscamos, porém, entender a linguagem na perspectiva dinâmica de uso no contexto das práticas discursivas. Focalizamos, nessa perspectiva, os processos de interanimação dialógica que pontuam as trocas lingüísticas e a dinâmica de posicionamentos que daí emerge (Spink, 2001). Nesse sentido, a conversação, foco da análise nesse texto, varia em função das demandas locais da interação. Adota, portanto, a linguagem, múltiplas funções, sendo que tudo o que as pessoas fazem com suas falas dependem do contexto em que tal fala ocorre e dos agentes importantes presentes no cenário das trocas linguísticas.

Assim, dizemos que os repertórios não pertencem aos indivíduos, sendo, pelo contrário, um recurso social, disponível para aqueles que compartilham uma linguagem e cultura que os permitem justificar suas versões particulares, desculpando-se ou valorizando seus comportamentos, construindo ou evitando críticas, entre inúmeras outras possibilidades de construção de versões de realidade, perpassada sempre por um aspecto moral, normativo.

Nessa perspectiva, os indivíduos são participantes ativos, agentes ocupados em construir descrições com os mais variados fins possíveis. A noção de repertório busca entender esse empreendimento sem contudo recorrer à idéia de presença de um conteúdo psicológico interno nos indivíduos que dirija seus comportamentos (Potter & Wetherell, 1987).

Algumas características específicas, decorrentes da análise por meio do uso do conceito de repertório interpretativo, devem ser salientadas para ampliação do entendimento da presente pesquisa. Para tanto, abordaremos três características específicas dos repertórios interpretativos listadas por Potter e Wetherell (1987).

Primeiramente, os repertórios não são construídos como entidades intrinsecamente conectadas a grupos sociais. Assim, não antecipamos na análise a pressuposição de filiação de todas as pessoas analisadas a um mesmo grupo social, sujeitos a apenas um modelo estereotipado de respostas às situações do dia-a-dia, porém compreendemos que os repertórios estão disponíveis para as pessoas e são empregados em diferentes situações, a partir de muitas e variadas filiações.

Segundo, os sujeitos não são identificados como sendo caracterizados por um único discurso, isto é, a noção de repertórios defende que estes são usados para realizar diferentes tipos de descrição de atividades, tendo como consequência desse entendimento a compreensão de que uma pessoa não usaria sempre um mesmo tipo de repertório, podendo usar repertórios distintos e até mesmo contraditórios. Segundo Potter e Wetherell (1987), a variabilidade é extensamente mais esperada do que o consenso, isso realça a noção de interanimação dialógica, ou o modo como versões dos fenômenos vão sendo construídas a partir da pragmática da situação marcada pela produção de falas que possam ser defendidas contra futuros ataques conversacionais, em uma dimensão retórica. Portanto, considera-se esperado que haja variabilidade entre repertórios utilizados pela mesma pessoa e por diferentes pessoas (Potter & Wetherell, 1987).

Terceiro ponto a destacar, a análise pautada pelos repertórios interpretativos enfatiza, primariamente, a linguagem em uso, no modo como são construídas as descrições e nas diferentes funções possivelmente assumidas quando do seu emprego na fala. Assim, os significados não se produzem no interior dos indivíduos, mas são produzidos por meio do discurso enquanto textos, falas e descrições vão sendo construídos. Desse modo, o olhar da análise foca na linguagem em uso.

C) Modelo da ação discursiva

O Modelo da Ação Discursiva, proposto por Edwards e Potter (1992), foi construído para conectar diferentes características dos discursos dos participantes de uma conversa de maneira sistemática, enfatizando as atividades realizadas por tais características nas práticas sociais de tais participantes (Edward & Potter, 1993). Ao mesmo tempo, esse modelo enfatiza conexões entre conceitos psicológicos anteriormente tidos como separados: mente, identidade e realidade entram no modelo como representações e não como coisas com existência própria.

Esse modelo descreve o funcionamento do discurso a partir de alguns aspectos: Ação, Fato e Interesse, e Responsabilidade (Accountability) (Potter; Edwards, 1993).

A Ação consiste no aspecto fundamental da Psicologia Discursiva, é dividida em três aspectos: a) o foco da análise está na ação, não na cognição ou no comportamento; b) como as ações são realizadas por meio do discurso, conceitos psicológicos tradicionais como memória, atenção, etc são reconceitualizados em termos discursivos; c) a ação realizada pelo discurso está situada em sequências de atividades mais amplas de vários tipos. como a recusa de convites, a culpabilização e as defesas, todas atividades relacionais.

O Fato e Interesse se referem ao interesse dos participantes na construção discursiva dos fatos, também sendo constituída por três aspectos: a) o dilema do interesse ou do posicionamento: determinada descrição seria motivada por outras características que não a própria realidade, tais como interesses pessoais, o que poderia comprometer sua factualidade das descrições. Tal situação é manejada por meio de atribuições em relatos factuais e em descrições, como a descrição vívida e detalhada, que cria a impressão de uma visão real da situação descrita (Rasera, no prelo); b) relatos e descrições são apresentados como os *fatos*, independentes do falante, por inúmeros recursos discursivos; c) os relatos da realidade dos

fatos são retoricamente organizados, de tal forma a contraporem-se a formulações alternativas.

A Responsabilidade (*Accountability*) está relacionada à responsabilidade do falante/escritor pelo relato e suas conseqüências. Também é constituída por três aspectos: a) as versões da realidade são construídas de modo a considerar questões relacionadas a agência e responsabilidade na descrição dos eventos; b) as versões da realidade são construídas de modo a considerar questões relacionadas a agência e responsabilidade nas atuais ações do falante, incluindo aquelas presentes no ato de descrever os eventos; c) as atividades realizadas em a) e b) são frequentemente relacionadas, de tal modo que a) é utilizado para proporcionar b) e vice-versa.

Esta conectividade entre as características anteriormente descritas é um aspecto importante, pois grande parte dos eventos que relatamos são também aqueles que participamos ou possuímos um posicionamento, seja direta ou indiretamente, de tal modo que nossa responsabilidade está em jogo se pretendemos criar discursivamente a realidade de quaisquer fatos.

O Modelo da Ação Discursiva enfatiza processos de descrição dos fatos, situados em contextos nos quais a realidade é alvo de disputa, em que versões divergentes possuem existência potencial e se situam em um contexto moral, avaliativo. Portanto, os falantes devem estar atentos a essas características para retoricamente construírem suas versões de tal modo a considerarem esses aspectos.

D) Análise da conversação

A Análise da Conversação originou-se nos anos de 1960 com os seminários de Harvey Sacks (Hepburn, & Wiggins, 2007). Ela ofereceu novas formas de se fazer Sociologia enfocando o estudo empírico da comunicação como principal atividade das ciências sociais

(Wooffitt, 2005). Goffman, um autor importante para a AC (Liddicoat, 2007), afirmou com seu trabalho a possibilidade de estudar eventos e situações do cotidiano - normalmente tidos como banais e indignos de atenção acadêmica - e a partir deles, descobrir informações não triviais sobre como o mundo social é organizado.

Segundo essa concepção, a linguagem humana tem como uma de suas principais atividades a conversação, sendo que as sociedades humanas dependem desse recurso para funcionarem apropriadamente (Liddicoat, 2007). São três os principais elementos da Análise da Conversação (Hepburn, & Wiggins, 2007):

1 - A conversa é um meio para realizar uma ação: qualquer trecho de fala pode ser estudado enfocando a ação que está sendo realizada;

2 - As ações realizadas durante a conversa são dependentes do contexto ao mesmo tempo em que renovam esse contexto;

3 - Ao produzir a próxima ação, o falante demonstra seu entendimento em relação à ação (fala) anterior.

Outra característica importante da AC é que as interações, consideradas os blocos da ação social, não são tratadas como modelos fixos que devem ser seguidos, mas são padrões normativos que podem ou não ser seguidos, sendo a ação consequente material para análise e entendimento sobre o funcionamento do mundo social.

A AC tem, ao longo de sua existência, acumulado vários estudos que mapeiam algumas das características sistemáticas da organização da interação. Em conjunto, o trabalho da AC tem revolucionado o modo como se compreende as instituições, oferecendo uma visão alternativa sobre várias categorias sociais como raça, classe e gênero (Hepburn, & Wiggins, 2007).

E) Psicologia Discursiva: um jeito diferente de se fazer psicologia

Repertórios Interpretativos, Modelo de Ação Discursiva e Análise da Conversação, temas abordados que nos mostram um jeito diferente de se fazer Psicologia, a Psicologia Discursiva. O que mostramos anteriormente são as várias possibilidades de se fazer Psicologia Discursiva, seja focando em conceito ou modelos específicos, no caso repertórios interpretativos e Modelo da Ação Discursiva (MAD), ou sedimentando o trabalho em uma perspectiva mais fluída orientada pela Análise da Conversação (AC).

A Psicologia Discursiva, historicamente, vem se desenvolvendo como campo do conhecimento humano, e nessa história ênfases diferenciadas vão sendo criadas e implementadas. Em seu início, o conceito de repertórios interpretativos foi muito importante e bastante utilizado, principalmente para a análise de material derivado de entrevistas. Posteriormente, o MAD foi proposto como modelo para a análise, contudo, como os próprio proponentes do modelo alertam (Edward & Potter, 1993), sem a intenção de ser um modelo completo dos processos discursivos, nesse momento focando em conversações naturalistas, isto é, que ocorrem de maneira menos formal que as entrevistas, como conversas a mesa de jantar, diálogos de julgamentos em tribunais etc. Ambas formas de análise foram, conforme citado por Edwards (2005), influenciadas pela Análise da Conversação, tida como uma ferramenta capaz de analisar de forma minuciosa e empiricamente orientada as práticas relacionais pautadas pela conversação.

Temos, pois, uma maneira de se fazer psicologia em que podemos focar em diferentes ferramentas analíticas como os repertórios interpretativos (focando em conteúdo), o modelo da ação discursiva (focando o manejo de estruturas como a factualidade, o fato/interesse e a responsabilização), e a análise da conversação (foco no processo conversacional construtor de sentidos).

Para melhor compreendermos as diferenças entre essas abordagens ao fenômeno do discurso, podemos resgatar a construção como metáfora guia para entendermos as diferenças entre esses três modos de produzir sentido. Assim, podemos dizer que analisar os repertórios interpretativos seria compreender de que é feita a construção: tijolos, concretos, aço, ferro; analisar por meio do modelo da ação discursiva seria compreender como são feitas as estruturas que compõem a construção: a fundação, as pilastras, os arcos que seguram o teto; e utilizaríamos a análise da conversação para compreender o processo de construção: as técnicas utilizadas por pedreiros, engenheiros, pintores, para transformar as matérias primas e montá-las de tal forma que se transformem, efetivamente, em uma edificação.

Para além dos modelos e recortes conceituais, fica claro uma preocupação central da Psicologia Discursiva, o foco na análise do processo de construção e uso de descrições sobre pessoas e eventos presentes na fala e nos textos (Potter & Edwards, 2005). Especificando o modo pelo qual a Psicologia Discursiva trabalha, Potter e Edwards (2005) nos dizem que ela:

Ela examina como as descrições factuais são montadas, como são construídas como solidamente enraizadas ou desconstruídas como falsas, e como elas lidam com a responsabilização (ou outra coisa) das personagens e dos falantes. Nós focamos particularmente no que nós (provisoriamente) chamamos ‘mente e realidade’ – como as pessoas se utilizam do senso comum de uma realidade ‘externa’ como um tipo de cenário para, e um domínio de evidências do qual se pode realizar inferências, um espectro de estados mentais e características pessoais.

Nós também enfatizamos a *organização retórica*, como as descrições e suas inferências rotineiramente (e não apenas em contextos de disputa) estão sintonizadas quanto a possíveis ou imaginadas versões alternativas. As descrições são *construtoras* de seus objetos. Isto não quer dizer que a fala traz

coisas para o mundo, mas, ao contrário, que descrições são categorizações, distinções, contrastes; sempre há alternativas relevantes disponíveis. Isto permite que as descrições sejam *performáticas*; elas oferecem uma construção invés de outra, produzida em contextos sequenciais e retóricos, em que as características imediatas contam para produzir as ações. (p.243)

Ressaltadas as formas de se fazer Psicologia Discursiva, suas similaridades e diferenças, utilizaremos no presente trabalho, como forma de construir e analisar os dados, constituindo-se como fio conductor desse processo, a noção de repertórios interpretativos, isto é, o foco será no conteúdo, porém sem deixar de lado a análise da linguagem em uso, o modo como são construídas as descrições e as diferentes funções possivelmente assumidas quando do seu emprego na fala, procurando, portanto, incorporar insights das várias formas anteriormente descritas de se produzir sentido dentro do espectro da Psicologia Discursiva, buscando utilizá-las de forma complementar.

Nesse momento, creio ser importante ressaltar que o principal objetivo do presente trabalho é analisar o desenvolvimento da temática ética na e por meio da conversação entre psicólogos. O foco não está em analisar a conversação per se, portanto, a Análise da Conversação será utilizada como coadjuvante na produção de entendimento sobre o material utilizado.

Para esse objetivo, nessa dissertação, poderia se utilizar o Modelo da Ação Discursiva (MAD). No entanto, em análises preliminares, não consegui realizar um trabalho de qualidade, de tal forma que o que escrevia me parecia bastante mecânico e estereotipado, prendendo-me apenas às categorias do modelo e não atingindo de maneira satisfatória o tema ética.

Já quando utilizei como forma de análise os repertórios interpretativos, pude perceber maior desenvoltura na análise, analisando o conteúdo do discurso, no caso o tema ética, porém sem deixar de ancorar essa análise nos processos conversacionais, sujeitos à pragmática da situação, possibilitando compreender os sentidos de ética emergindo a partir dos relacionamentos humanos. Assim, pude perceber e criar interpretações maleáveis, criativas e perspicazes. Acredito que por meio da noção de repertórios interpretativos foi possível realizar uma análise do tipo da Psicologia Discursiva, que possibilitou o estudo da temática ética de maneira interessante.

Ao justificar minha escolha pelo modo de análise calcado no estudo dos repertórios interpretativos, creio estar sendo coerente com o entendimento construcionista social do processo de produção de conhecimento, não aderindo à concepção positivista de cientista heróico que utiliza a melhor ferramenta de análise única e exclusivamente em função das características dos dados, excluindo do processo influências tidas como espúrias, de cunho pessoal e, portanto, subjetivas, mas subcrevo-me ao entendimento de que produzir sentidos por meio da escrita científica é também um processo marcado por escolhas mundanas relacionadas não apenas às características do material de análise, mas a variáveis não ideais como disponibilidade de tempo do pesquisador, habilidades específicas, preferências pessoais abstrusas.

7 – Análise e discussão

Tendo em vista a proposta do presente trabalho em compreender os sentidos construídos sobre ética por psicólogos que trabalham com grupos, inicialmente identificamos, nomeamos e descrevemos os repertórios interpretativos utilizados pelos participantes em situação de grupo. Juntamente com esse processo de identificação, procuramos compreender a função de seu uso em situações específicas, ou seja, em decorrência da pragmática da situação, como esses repertórios são utilizados em função da contingencialidade do momento conversacional, inserindo o seu uso em caráter contextual e situacional. O manejo da identidade no decorrer das conversas também foi um aspecto explorado, procurando entender as implicações identitárias do uso dos repertórios, compreendendo essas implicações como forma de construir retoricamente a realidade das descrições em pauta.

Utilizamos no presente estudo uma abordagem na qual interações entre os participantes do grupo foram realçadas e, a partir de tais trechos, elaboramos a análise dos repertórios interpretativos realçando não apenas os conteúdos como também seu uso interacional.

7.1 – *Episódio 1*

A atividade grupal a partir da qual utilizamos o material para a análise a seguir ocorreu no primeiro encontro do segundo grupo e constituía-se da seguinte forma: foi pedido que fizessem uma lista na qual cada uma escreveria 10 palavras que viessem à mente quando pensassem no termo “ética”. Depois pediu-se para lerem em voz alta. Após isso, deveriam em conjunto e consensualmente definir quais são as cinco palavras que sintetizam todas as outras palavras escritas individualmente. Esse grupo tinha quatro participantes.

A) Ética: resultado de deliberação individual

Ao procurarmos compreender e descrever os repertórios, identificamos um conjunto de termos, imagens e metáforas comuns (repertório interpretativo) a que denominamos “ética – resultado de deliberação individual”, assim nomeado por descrever o processo e o conteúdo da ética como centrados em um momento específico, situado dentro do indivíduo, marcado por características únicas, pessoais, de quem se utiliza desse repertório.

Trechos da interação analisados:

TECHO 1: (...) **Marta:** Ah, acho que foi nesse sentido racional mesmo, de raciocinar. Conhecimento, que foi isso que eu falei do saber, de construir um conhecimento pra determinar se algo é ético ou não. E eu vejo a ética como uma produção de sentidos. Aí eu pensei Congresso Nacional, porque sempre que eu vejo lá o Congresso, eles estão falando de ética, geralmente de falta de ética. De parlamentares né... E porque a gente coloca parlamentares tão antiéticos lá dentro, fiquei pensando nisso”. ***É, um conceito que assim, está em constante mutabilidade, mudança, o que foi ético a um tempo atrás pode não ser ético hoje.***

JOICE: “*O que é ético em uma situação, pode não ser em outra...*”

Marta: “É, isso. A gente deve levar em conta a razoabilidade, a consideração se é ético ou não, um parâmetro né? *É pessoal, o eu que você colocou, ao contrário da moral, que eu acho que é por um conjunto de pessoas, o que é ético pra mim pode não ser ético pra você.* Aí, eu pensei em corrupção, falta de ética e que ética implica respeito, porque senão, se eu pensar só em mim fica fácil né, eu pensar no outro né, até que ponto que vai a ética né? A gente acha que até quando a gente respeita o limite do outro e se respeita né? Acho que é isso”. (...)

TRECHO 2: (...) **Eduarda:** “Todas nós três colocamos a palavra respeito. Sigilo, nós duas colocamos. Colocar-se no lugar do outro, duas. Então, de vocês duas ficou conhecimento, saber, pensando uma construção né? *E, o que eu acho que ficou de nós três também foi pessoal, eu e não universal.* Assim, não foram palavras exatas, mas acaba que fica sendo individual”.

Marta: “*É, esse negócio que é relativo*”.

(Grupo 2, Encontro 1, pp. 148)

Esse repertório é marcado por sua ênfase em descrições que situam o sentido de ética como prerrogativa do indivíduo, algo único, propriedade particular de cada um,

variando de pessoa para pessoa (*o que é ético pra mim pode não ser ético pra você/ E, o que eu acho que ficou de nós três também foi pessoal, eu e não universal*). Essas descrições são marcadas pela noção de decomposição temporal, associando-se os sentidos de ética com a noção de prazo de validade, tempo determinado em que os sentidos são válidos, não além disso (*É, um conceito que assim, está em constante mutabilidade, mudança, o que foi ético a um tempo atrás pode não ser ético hoje?*), e a metáfora de metamorfose, em que os sentidos vão se transformando em algo diferente do que originalmente eram (**JOICE**: *O que é ético em uma situação, pode não ser em outra.../ Marta: É, esse negócio que é relativo né*), tendo sido utilizadas em momentos em que os participantes tentam definir o que é ética.

Nesse sentido, esse repertório articula-se em torno de dois eixos, ambos providos da ideia de transitoriedade: o eixo do sujeito que conhece e produz conhecimento sobre ética e um outro eixo da temporalidade que articula passado e presente, em uma linha do tempo, em que o conceito de ética se modifica.

Interessante notar que, o momento do grupo em que essas descrições surgem centra-se na primeira tarefa grupal depois da apresentação, em que os participantes precisam estabelecer palavras em comum que remetam ao termo ética. Isso dito, podemos perceber que, ao estabelecer a conceituação de ética como maleável, mutável, diferenciando no tempo e entre pessoas, cria-se a possibilidade discursiva de produção de inúmeras versões sobre o que é ética, isto é, uma atmosfera em que a possibilidade de existência de conceitos diferentes e até mesmo contraditórios é possível, o que reduz o risco de avaliação, julgamento e crítica, dos participantes relativamente ao que cada um trará para o grupo como resposta à atividade proposta. Assim, a identidade daqueles que produzem as falas são confeccionadas como pessoas tolerantes que compreendem a possibilidade de versões dos acontecimentos divergentes de suas próprias.

B) Ética: algo que nos é dado pelos Outros

Outro repertório identificado foi nomeado de “Ética: algo que nos é dado pelos Outros”, no qual verificamos que termos como “coisa que tá sendo seguido”, “algo de fora”, “referencial”, juntamente como a metáfora de transmissão de algo pronto “passado pra gente”. Tais termos vão se constituindo como um repertório em que a ideia central está na localização da fonte ética estando fora dos indivíduos, independe de sua vontade, que se impõe a eles. A inserção do termo Outros, em maiúsculo, para nomear esse repertório, tem como objetivo evidenciar que a fonte produtora das ideias sobre ética presentes nessa articulação não são evidentes, pois configuram-se como disformes, incertas, sabe-se somente que esse Outro não faz parte de nós, os falantes.

TRECHO 3: **Marta:** “ Não é um tema fácil, acho que é consenso...”

Eduarda: “Acho que a gente poderia englobar alguma coisa que tem a ver com as três coisas que a gente colocar, de valor, de lei e de congresso nacional. Porque *é uma coisa que tá sendo seguido...*”

Marta: “*Tem algo que é de fora né...*”

Eduarda: “É”...

Marta: “No caso as leis, é como se fosse um *referencial forte né, que é passado pra gente.*”

Joice: “Me vem como um ponto de interrogação, porque parece que vem assim, literalmente.”

Marta: “Vem assim. Vem vejo que literalmente, ética e moral, ética e legislação, sabe”?

Eduarda: “Aham”

Marta: “é a mesma coisa ou não é a mesma coisa? Está junto ou não esta”?

Joice: “Essa palavra eu gostei, referencial. *Porque acho que referencial, os valores, e referencial também algo que vem do externo. Vocês concordam*”?

Eduarda: “*Aham*”

As partes em negrito do trecho acima mostram a construção de ética por meio do repertório “ética: algo que nos é dado pelos Outros”, em que a exterioridade da ética vai

sendo manejada por meio da conversação, em conjunto, pelas participantes como quando Eduarda diz *‘é uma coisa que tá sendo seguido..’*. e Marta concorda com sua fala complementando com uma explicação *‘Tem algo que é de fora né...’*. Eduarda aceita essa fala explicativa de Marta dizendo *‘É...’*, construindo assim, o que antes era prerrogativa do indivíduo, como algo exteriorizado, produzido e imposto por Outros para aqueles que são considerados receptáculos sem voz: *‘referencial forte né, que é passado pra gente.’*.

TRECHO 4: **Eduarda:** Enfim a ética como referência Então aí seria uma ética Como é eu eu falo? ***Uma ética externa.*** Mas isso é ética? Num é moral? ***Algo que vem de fora?***

Joice: agora eu estou entendendo o que vocês estão dizendo

Eduarda: Quando é produzido por ***um conjunto de pessoas?*** Mas na verdade. Nem precisa ser um conjunto de pessoas. ***Pode ser uma pessoa revestida de um poder a gente já toma como referencial, entendeu?***

Marta: umhum umhum

Esse trecho 4, continua construindo ética como um monólito, algo sólido que independe dos indivíduos *‘Uma ética externa.’/ Algo que vem de fora?’*, que possui propriedades que estão para além do agenciamento individual. Cria-se aqui, por meio dessa metáfora, a identidade de sujeito sem escolhas, oprimido, limitado em suas ações e decisões sobre ética: *‘Quando é produzido por um conjunto de pessoas? Mas na verdade, nem precisa ser um conjunto de pessoas. Pode ser uma pessoa revestida de um poder’*. Essas decisões caberiam a Outros, ou seja, pessoas diferentes de nós, superiores, que se impõem e que suas decisões não só são aceitas, como referendadas: **‘Eduarda: (...) a gente já toma como referencial, entendeu? Marta: umhum’**.

C) Ética: tema difícil

Um terceiro repertório identificado foi nomeado como ‘ética: tema difícil’, por ser constituído, basicamente, de exclamações, interjeições e afins sempre ressaltando a

dificuldade de se falar e de definir ética. Termos como ‘não é um tema fácil’, ‘eu acho difícil’, ‘é difícil’ aparecem com frequência. Algumas vezes, tais termos estavam inseridos em falas que eram marcadas pelo humor, contendo risadas seja na entrega ou como consequência da fala, estratégia discursiva utilizada para reforçar a característica de complexidade do tema. Há também a utilização de questões dilemáticas, marcada por oposição entre opções mutuamente excludentes e, portanto, pela necessidade de escolher entre dois extremos, com poucas opções para um meio termo.

TRECHO 5:

(...)

Marta: Bom, então vocês concordam de colocar respeito como uma das palavrinhas?

JOICE: Acho que sim né...

Marta: *Que mais?*

JOICE: Acho que pode colocar as que chamaram atenção né, respeito, essa questão realmente do caráter pessoal, a coloca a busca de universalidade, que remete a essa construção e a essa mutabilidade né...

Eduarda: Você acha que construção poderia ser uma palavra?

Marta: Poderia.

JOICE: Por mim poderia.

Marta: Eu posso escrever? Ou a gente faz todas e depois escreve?

JOICE: Pode escrever...

Marta: Respeito, construção...

Joice: *Que mais?*

Marta: Então, eu acho que essa mutabilidade aqui parece assim, sim ou não, universal...

Joice: Eu vejo ela alinhada com a construção.

Marta: Com a construção...

Joice: A gente pode colocar outro termo também, que abrange...

Marta: Não, acho que tá ótimo, eu não tiraria... Mas eu to tentando encontrar uma palavra pra dizer isso, que é algo que muda no tempo, muda de pessoa pra pessoa. Tipo, é relatividade?

Eduarda: É, é relativo...

Joice: O relativo também tem a ver com o pessoal também né, que a gente pôs... **Eu acho “difícil”**

Marta: É, pode pôr também...

Marta: *Não é um tema fácil*, acho que é consenso...

Eduarda: Acho que a gente poderia englobar alguma coisa que tem a ver com as três coisas que a gente colocar, de valor, de lei e de Congresso Nacional. Porque é uma coisa que tá sendo seguido...

Marta: Tem algo que é de fora né...

Eduarda: É...

Marta: No caso as leis, é como se fosse um referencial forte né, que é passado pra gente...

JOICE: Me vem como um ponto de interrogação, porque parece que vem assim, literalmente...

Marta: Vem assim Vem vejo que literalmente ética e moral, ética e legislação, sabe?

Eduarda: Aham

Marta: *é a mesma coisa ou num é a mesma coisa tá junto ou num tá?*

Esse trecho mostra a discussão sobre quais palavras seriam selecionadas para figurar em uma lista com palavras sobre ética, sendo que tal lista deve ser um resultado consensual entre as participantes. Vemos que a discussão vem se desenrolando e as participantes vão questionando quais palavras seriam ou não pertinentes. O uso da expressão **‘que mais’** por duas vezes, logo que algumas palavras são consideradas como aceitas, pode ser entendido como exigência de término da tarefa, exercendo pressão sobre o grupo para o término do processo de decisão consensual. Nesse contexto, e dada a variedade de palavras que vem e vão ‘respeito, caráter pessoal, busca de universalidade, construção, mutabilidade’ etc., as participantes vão se utilizar do repertório ‘ética como tema difícil’ lançando mão de termos como **‘... Eu acho “difícil”, ‘Não é um tema fácil’,** e de questões do tipo dilemática **‘é a mesma coisa ou num é a mesma coisa. Tá junto ou num tá?’**.

TRECHO 6:

Eduarda: *Referência? Vai ficar referência?*

Joice: *Referência ou referencial? Ou nenhum dos dois?*

Marta e Eduarda: *Risos*

Eduarda: Enfim a ética como referência Então aí seria uma ética. Como é eu eu falo? Uma ética externa. Mas isso é ética? Num é moral? Algo que vem de fora?

Joice: agora eu estou entendendo o que vocês estão dizendo

Eduarda: Quando é produzido por um conjunto de pessoas? Mas na verdade. Nem precisa ser um conjunto de pessoas. Pode ser uma pessoa revestida de um PODER a gente já toma como referencial, entendeu?

Marta: umhum umhum

Eduarda: Então tem mais palavrinhas. Vamos ver. Julgamento,

Joice: Vocês querem colocar alguma coisa de moralidade também?

Eduarda: Não Por mim não. E você (pergunta para Marta)?

Marta: É quando eu penso em moral ao invés de (inaudível) eu penso nesse contraponto

Joice: Aham

Marta: Entre se tá junto se num tá, né.

Eduarda: Engraçado. Quando eu pensei em ética eu nem lembrei de moral.

Marta: *Tá vendo. É difícil. Risos*

Joice: *Risos*

Esse trecho evidencia o uso do humor, por meio de risadas, como estratégia para a construção da complexidade do tópico. Não há risadas utilizadas depois das falas, ou juntamente com elas, em outras partes do diálogo, a não ser quando da utilização do repertório ‘ética: tema difícil’. A utilização compilada entre questões dilemáticas e o uso do humor *‘Eduarda: Referência? Vai ficar referência? Joice: Referência ou referencial? Ou nenhum dos dois? Marta e Eduarda: Risos./ Marta: Tá vendo. É difícil ./ Risos/ Joice: Risos’* intensifica e ornamenta com mais pujança o repertório em questão.

D) Considerações sobre os repertórios descritos: repertórios em ação

Em função da característica da tarefa grupal, que exigia consenso em torno de palavras que se referissem a ética entre as participantes, podemos entender o motivo de o

primeiro repertório utilizado não ter podido ser o único a figurar na discussão, uma vez que o mesmo permitia inúmeras versões diferentes, característica em contradição com a demanda da atividade. Não obstante, o aparecimento desse repertório permite que a tarefa seja iniciada, pois admite espaço conversacional para as participantes colocarem suas opiniões de maneira exploratória, já que esse repertório prima por ser composto pela transitoriedade e individualidade dos sentidos de ética. Vemos que apesar de não ter sido considerado satisfatório para completar a tarefa proposta, ele compõe uma parte importante na execução da tarefa, pois consente que ela comece e se desenrole.

Dialeticamente, o repertório ‘ética algo que nos é dado pelos Outros’ vai assumindo uma função importante, por se adequar de maneira mais satisfatória às características da atividade em discussão, pois a ideia marcante desse repertório é marcada pela fixidez e determinação, algo que não é transitório, ao contrário, está fora das individualidades, se impondo a elas. A utilização do repertório ‘ética tema difícil’ acontece, primeiramente, nesse momento da conversação em que o repertório ‘Ética: resultado de deliberação individual’ está sendo empregado, como forma de preparar o terreno para a inserção de um novo repertório, por meio da contestação da validade do repertório até então utilizado, situando-o como problemático pela caracterização da dificuldade da tarefa, pois, se aquele repertório fosse suficiente a tarefa seria construída como fácil e não o oposto. Assim, como já colocamos, o repertório inicialmente utilizado não se sustenta, pelas dificuldades em cumprir as demandas da atividade grupal. Entra em cena, então, o repertório ‘ética algo que nos é dado pelo outro’ e, com suas características, ele estaria mais apto a resolver a atividade em pauta, pois traria consigo, não apenas consenso, mas a necessidade explícita de aceitação, afinal trata-se de algo que independe dos falantes e dotado de um poder inelutável. Isso, porém, não acontece, pois aceitar essa versão seria negar todas as anteriores propostas pelas outras participantes.

Nesse ponto, cabe uma pequena digressão, pois é importante ressaltar alguns aspectos de inserção do trabalho em que questão: trata-se de um estudo universitário, situado no campo da psicologia em que os coordenadores do estudo são conhecidos pelas práticas construcionistas sociais, em que há uma abertura e ênfase no diálogo, demonstrada também pela proposta de utilização do grupo como método de pesquisa. As participantes são psicólogas formadas na mesma instituição dos pesquisadores, enfim, todas essas características somam-se para amparar a interpretação de que práticas argumentativas silenciadoras dos sentidos diferentes propostos por outras pessoas não seriam sustentadas com muita tenacidade. É evidente o caráter especulativo dessa reflexão, porém por meio dela explicito características da minha inserção, enquanto produtor de sentidos, na construção de possibilidades de interpretação em algo tão amplo, prolífico como o material aqui analisado, a interação em grupo.

Enfim, as participantes não utilizam simplesmente o repertório ‘ética algo que nos é dado pelos Outros’ de maneira direta e específica, e com isso silenciando as várias falas até então empregadas para a definição da tarefa, elas lançam mão de uma estratégia interessante e sofisticada, colocando novamente na conversação o repertório ‘ética – tema difícil’, o que possibilita a continuidade e concomitância entre os dois primeiros repertórios, porém em condições diferenciadas, em que um não se impõe ao outro. Assim, ao empregar novamente o repertório ‘ética - tema difícil’, abre-se a possibilidade de completar a tarefa grupal, completar a lista de palavra, mesmo que ela não fique totalmente coerente, comportando contradições, uma vez que um tema *difícil* tem por característica a complexidade de descrições que não se encaixam de maneira simples e, obviamente, fácil.

A utilização desse repertório, nesse segundo momento, é uma tarefa complexa, pois o objetivo conseguido é evitar um beco de fim das possibilidades argumentativas, trazido

pelo repertório ‘ética como algo que nos é dado pelos Outros’, ao mesmo tempo preservando a boa qualidade da interação grupal. Desse modo, para conseguir ter sucesso na interação, o repertório ‘ética tema difícil’ é colocado em prática de maneira muito habilidosa, utilizando recursos estilístico e argumentativos bastante complexos e interessantes tanto no conteúdo, como as perguntas dilemáticas, quanto na forma, a utilização das risadas para criar o humor.

A tarefa exigida no encontro 1 tratava-se de uma atividade de definição ontológica sobre Ética, no sentido de que às participantes é pedido para definirem, por meio de palavras sinônimas, o sentido do termo Ética.

Assim, podemos ver que a conversação decorrente da atividade proposta assemelha-se bastante ao que Walker (2007) chama de modelo teórico-jurídico de elaboração do conhecimento sobre Ética.

Esse modo de produção de sentido sobre essa temática, praticado nesse encontro pelas participantes, reproduz alguns repertórios interpretativos característicos a determinados discursos sobre ética, a saber, os dois primeiros tipos de discursos já salientados anteriormente no presente texto.

Desse modo, o discurso sobre ética nomeado nesse trabalho como ‘Ética: ênfase no interior do indivíduo’ vê-se representado pelo repertório interpretativo ‘ética resultado de deliberação individual’ o qual tem como eixo fundamental de similaridade a metáfora topológica que identifica o interior do indivíduo como o locus privilegiado, senão o único, como fonte nascedoura da deliberação ética.

Características peculiares ao repertório interpretativo ‘ética resultado de deliberação individual’ que não são compartilhadas pelo discurso ‘Ética: ênfase no interior do indivíduo’ é a metáfora da decomposição temporal, em que se associam os sentidos de ética com a

noção de prazo de validade, tempo determinado em que os sentidos são válidos; e a metáfora de metamorfose, em que os sentidos vão se transformando em algo diferente do que originalmente eram.

Uma possível explicação para essa diferenciação é o fato de que o discurso ‘Ética: ênfase no interior do indivíduo’ tem como local originário de produção o mundo acadêmico em que os valores de robustez, não-contradição, regularidade, coesão, são critérios valorativos em que se baseiam as teorias filosófico-científicas. Enquanto o repertório interpretativo em questão tem como origem a conversação, e como tal, desenvolve-se respondendo às exigências conversacionais de conflito e consenso, em que os sentidos podem se tornar maleáveis, mutáveis e até mesmo sustentar contradições, a fim de realizar inúmeras tarefas relacionais, (situamos, a seguir, essas características das exigências conversacionais tomando como referência a conversa em que esse repertório foi identificado), situamos o falante como democrático, aquele que aceita e até incorpora versões dos fatos divergentes das suas a fim de evitar o embate direto com vistas à manutenção do clima cordial de um grupo que está apenas começando e deve durar mais alguns encontros.

Analisamos, até esse ponto, algumas semelhanças e diferenças entre os repertórios interpretativos, recurso analítico mais sintonizado às demandas relacionais da conversação, e o discurso sobre ética sintetizado a partir de análises acadêmicas, portanto, originário de um outro tipo de conversação (aqui entendo esse ‘outro tipo de conversação’ recorrendo às ideias de Billig (1996), baseado na concepção de construção do conhecimento como atividade eminentemente retórica, em que o conhecimento científico-filosófico sobre o mundo é entendido como uma extensa conversa em que vários argumentos se digladiam).

Podemos perceber que essas formas de produção de sentido sobre o que é ética se interpenetram simbioticamente, uma se alimentando da outra, porém, dado o contexto a partir

do qual elas se situam como mais sensíveis, a conversação imediata em um grupo específico entre psicólogos ou o mundo filosófico-científico da academia, características específicas afloram, e os sentidos sobre o mundo, especialmente no que tange a definição do que é Ética, se diversificam, metamorfoseando-se em diferentes possibilidades.

O segundo discurso ‘Ética: ênfase no mundo exterior’ encontra-se em consonância com o repertório interpretativo ‘ética: algo que nos é dado pelos outros’. A semelhança aglutinadora entre essas duas formas de entendimento sobre Ética situa-se na metáfora de um algo exterior, cheio de força e, portanto, irresistível, inelutável, que se impõe enquanto força normativa e prescritiva de sensibilidade ética e determinação da conduta humana.

Essas duas formas de se entender Ética, ‘Ética: ênfase no mundo exterior’ e ‘ética: algo que nos é dado pelos outros’, estão mais fortemente vinculadas se compararmos à análise anterior, de tal modo que se torna difícil assinalar diferenças claras entre os sentidos propostos pelas duas formas de entendimento sobre ética.

Cumprе salientar que ambos constroem uma versão dos fatos em que o agenciamento se torna irrisório, sendo a fonte mestra guia para as análises sobre certo/errado, como proceder situada fora dos indivíduos, cabendo-lhes apenas assimilar o que é ‘passado’ pelos produtores do saber ético. No discurso ‘Ética: ênfase no mundo exterior’ essa fonte é identificada como o Social, entidade amorfa com poderes que estabelecem o verdadeiro e correto modo de atuar/agir, enquanto o repertório interpretativo denomina essa fonte exteriorizada como Outros, que possuem uma força inescrutável e vinculante, ao mesmo tempo dona de identidade indeterminada, possibilitando uma característica peculiar: a onipresença.

Nesse ponto podemos pensar as atividades grupais e os tipos de repertórios que elas convidam. Não alegamos existir uma relação causal, mas é interessante pensar como um tipo de atividade grupal estimula o recurso/uso de um tipo de específico de conteúdo.

O tipo de atividade realizada nesse encontro, isto é, perguntar sobre o que é algo, utilizar-se da técnica de brainstorm ou listas de palavras individuais para produzir escolha consensual de palavras é exercício grupal muito comum.

Questionamos assim a neutralidade das perguntas/intervenções que fazemos nos grupos, realizando um convite reflexivo para que os coordenadores de grupo estejam atentos à situacionalidade do discurso produzido em seus encontros.

No intuito de melhor compreendermos a utilização dos repertórios acima descritos, tendo em vista que eles foram identificados em uma mesma interação, possibilitando uma visão de conjunto e contínua, todo o diálogo será transcrito a seguir, realçando-se os repertório acima descritos. Os repertórios ‘ética resultado de deliberação individual’, ‘ética algo que nos é dado pelos Outros’ e ‘ética tema difícil’ estão em negrito, itálico e sublinhado, respectivamente.

Marta: Ah, acho que foi nesse sentido racional mesmo, de raciocinar. Conhecimento, que foi isso que eu falei do saber, de construir um conhecimento pra determinar se algo é ético ou não. E eu vejo a ética como uma produção de sentidos. Aí eu pensei Congresso Nacional, porque sempre que eu vejo lá o congresso, eles estão falando de ética, geralmente de falta de ética. De parlamentares né... E porque a gente coloca parlamentares tão antiéticos lá dentro, fiquei pensando nisso. **É, um conceito que assim, está em constante mutabilidade, mudança, o que foi ético a um tempo atrás pode não ser ético hoje.**

JOICE: O que é ético em uma situação, pode não ser em outra...

Marta: É, isso. A gente deve levar em conta a razoabilidade, a consideração se é ético ou não, um parâmetro né? **É pessoal, o eu que você colocou, ao contrário da moral, que eu acho que é por um conjunto de pessoas, o que é ético pra mim pode não ser ético pra você.** Aí, eu pensei em corrupção, falta de ética e que ética implica respeito, porque senão, se eu pensar só em mim fica fácil né, eu pensar no outro né, até que ponto que vai a ética né? A gente acha que até quando a gente respeita o limite do outro e se respeita né? Acho que é isso.

JOICE: Achei bacana o termo difícil porque é difícil de definir...

Marta: Agora as palavrinhas em comum, que eu ouvi que tem nos três né: respeito...

Eduarda: Fui fazendo uma estatística aqui...

Marta: Ah foi?

Eduarda: Todas nós três colocamos a palavra respeito. Sigilo, nós duas colocamos. Colocar-se no lugar do outro, duas. Então, de vocês duas ficou conhecimento, saber, pensando uma construção né? **E, o que eu acho que ficou de nós três também foi pessoal, eu e não universal.** Assim, não foram palavras exatas, mas acaba que fica sendo individual.

Marta: **É, esse negócio que é relativo né?**

Eduarda: Aham...

Marta: Bom, então vocês concordam de colocar respeito como uma das palavrinhas?

JOICE: Acho que sim né...

Marta: Que mais?

JOICE: Acho que pode colocar as que chamaram atenção né, respeito, essa questão realmente do caráter pessoal, a coloca a busca de universalidade, que remete a essa construção e a essa mutabilidade né.

Eduarda: Você acha que construção poderia ser uma palavra?

Marta: Poderia.

JOICE: Por mim poderia.

Marta: Eu posso escrever? Ou a gente faz todas e depois escreve?

JOICE: Pode escrever.

Marta: Respeito, construção...

JOICE: Que mais?

Marta: Então, eu acho que essa mutabilidade aqui parece assim, sim ou não, universal.

JOICE: Eu veja ela alinhada com a construção.

Marta: Com a construção.

JOICE: A gente pode colocar outro termo também, que abrange...

Marta: Não, acho que tá ótimo, eu não tiraria... Mas eu to tentando encontrar uma palavra pra dizer isso, que é algo que muda no tempo, muda de pessoa pra pessoa. Tipo, é relatividade?

Eduarda: É, é relativo...

JOICE: O relativo também tem a ver com o pessoal também né, que a gente pôs... Eu acho “difícil”...

Marta: É, pode pôr também...

Marta: Não é um tema fácil, acho que é consenso.

Eduarda: Acho que a gente poderia englobar alguma coisa que tem a ver com as três coisas que a gente colocar, de valor, de lei e de congresso nacional. *Porque é uma coisa que tá sendo seguido...*

Marta: *Tem algo que é de fora né.*

Eduarda: É.

Marta: *No caso as leis, é como se fosse um referencial forte né, que é passado pra gente.*

JOICE: Me vem como um ponto de interrogação, porque parece que vem assim, literalmente.

Marta: Vem assim Vem vejo que literalmente ética e moral, ética e legislação, sabe?

Eduarda: Aham

Marta: é a mesma coisa ou num é a mesma coisa tá junto ou num tá?

Joice: Essa palavra eu gostei, referencial. *Porque acho que referencial os valores, e referencial também algo que vem do externo. Vocês concordam?*

Eduarda: Aham

Marta: Referencial

Joice: Ou referência.

Eduarda: Ética é um referencial no sentido de que depende de um referente, de um ponto de vista. Seria isto?

Joice: É.

Marta: Num é no relativo não? O referencial?

Eduarda: É é. Entra. Mas num é não. É outra coisa esse referencial

Joice: Referência

Eduarda: É. Pode ser.

Marta: É referência no que sentido?

Eduarda: No sentido de. É lembrei o que falei. É referência no sentido que tá fora e serve como se fosse para nos orientar

Joice: Aham

Eduarda: Não é?

Marta: É

Eduarda: Referencial foi nesse sentido.

Marta: Entendi

Joice: Embora os valores possam ser internos

Marta: A gente não nasce com os valores

(inaudível)

Eduarda: Essa construção é uma troca né? Entre o meio externo e interno.

Eduarda: Então seria

(inaudível)

Eduarda: Referência? Vai ficar referência?

Joice: Referência ou referencial? Ou nenhum dos dois?

Marta e Eduarda: Risos

Eduarda: Enfim a ética como referência. Então aí seria uma ética. Como é eu eu falo? *Uma ética externa*. Mas isso é ética? Num é moral? *Algo que vem de fora?*

Joice: agora eu estou entendendo o que vocês estão dizendo

Eduarda: Quando é produzido por um conjunto de pessoas? Mas na verdade. Nem precisa ser um conjunto de pessoas. *Pode ser uma pessoa revestida de um poder a gente já toma como referencial, entendeu?*

Marta: *umhum umhum*

Eduarda: Então tem mais palavrinhas. Vamos ver. Julgamento,

Joice: Vocês querem colocar alguma coisa de moralidade também?

Eduarda: Não Por mim não. E você (pergunta para Marta)?

Marta: É quando eu penso em moral ao invés de (inaudível) eu penso nesse contraponto

Joice: Aham

Marta: Entre se tá junto se num tá, né.

Eduarda: Engraçado Quando eu pensei em ética eu nem lembrei de moral.

Marta: Tá vendo. É difícil . Risos

Joice: Risos

7.2 – Episódio 2

A atividade grupal a partir da qual utilizamos o material para a análise a seguir ocorreu no segundo encontro do primeiro grupo e constituía-se na proposta de uma dramatização de um programa de TV em que seriam realizadas entrevistas com psicólogos. O objetivo era conversarmos sobre experiências pessoais bem-sucedidas no enfrentamento de questões éticas. Assim, propusemos que a dramatização se dividisse em três personagens: apresentador, repórter e entrevistado.

A pessoa que representaria o apresentador do jornal foi orientado a iniciar o programa, chamar a matéria e encerrar o mesmo com comentários sobre as reportagens de modo a sintetizar os principais aspectos voltados ao enfrentamento bem-sucedido de situações dilemáticas em

grupos e que surgiram nas entrevistas. Poderia também refletir de modo geral sobre questões éticas e sobre a importância do debate para a profissão.

A pessoa a representar o repórter foi orientada a apresentar o psicólogo e iniciar com perguntas mais gerais que situassem o expectador, como: “Qual é o seu contexto de trabalho? Qual o trabalho com grupos que você realiza?”. Em seguida realizar perguntas mais específicas sobre as experiências que essa psicóloga tivera no enfrentamento bem-sucedido de questões éticas nas práticas grupais. A partir desse levantamento específico, o repórter poderia explorar os recursos que tal psicóloga utilizou no enfrentamento da situação. As perguntas seguiam um foco explorativo, visando curiosamente conhecer o que o psicólogo teria a dizer sobre a questão.

O papel de entrevistado tinha como orientações apenas relatar sua experiência pessoal bem sucedida, com enfoque nos recursos utilizados, no contexto específico de entrevista de jornal.

Assim, a apresentadora inicia o programa. Cada uma das repórteres faz a entrevista, uma por vez. Em seguida, a apresentadora faz seu comentário sobre a matéria e encerra o programa. Esse grupo tinha 5 participantes.

A) Repertórios Identificados

Na análise da atividade dois do primeiro grupo, pudemos identificar dois principais *repertórios interpretativos* abordando o tema ética. Descreveremos esses repertórios a seguir discutindo suas relações com o encontro, com a Ética enquanto campo de investigação e implicações sobre as verdades postas em prática por meio da conversação realizada.

B) Repertórios relacionados ao tema ética: Ética – evento crítico perturbador da ordem

O repertório interpretativo **ética – evento crítico perturbador da ordem** pôde ser identificado na fala de Cíntia quando respondia, na dramatização, às perguntas realizadas por Vanessa. Esse repertório é constituído por termos que situam e descrevem situações

específicas em que o tema ética se torna relevante tomando como referência a metáfora da guerra, revoluções, ou seja, um evento crítico que causa um distúrbio da ordem preestabelecida. Assim, fala-se de ética a partir de uma situação atípica que ocorre de maneira não frequente e é carregada de intensidade e movimento disruptivos. Termos utilizados como adorno dessa metáfora são ‘sofrer um ataque’, ‘correr’ no sentido de fugir, ‘não muito habitual’, no sentido de excepcional.

Segue o trecho de análise:

Vanessa: Eu gostaria que você nos contasse um pouco sobre o seu contexto de trabalho que envolve as práticas grupais e que na verdade o quê que te levou a trabalhar com essas práticas grupais.

Cintia: Bom. É vou ta contando uma experiência antiga, um pouquinho antiga, aproximadamente uns dois anos atrás, quando eu trabalhava numa instituição. Uma instituição que atende pacientes portadores de sofrimento mental e que lá nosso, nosso campo de trabalho, a atuação era em grupo. E nós formávamos grupos de dez, entre oito e dez pacientes. E num dia, num dia desses grupos é aconteceu algo muito diferente, que não era muito habitual acontecer. Em geral os pacientes freqüentavam ambulatório eram pacientes que estavam sob o efeito da medicação e então eles eram pacientes tranquilos, que estavam com o processo cognitivo equilibrado, que tinham condições emocionais de participar dos grupos. Eles é aceitavam as orientações dadas nos grupos, no grupo, faziam as atividades propostas, assim ocorria tranquilamente. E teve um dia que de repente chegou um paciente que tava uns dias sem participar e ele chegou, e era um paciente muito alto, grande e chegou no grupo “E eu quero participar, porque eu amo minha psicóloga e que eu quero beijar, quero abraçar e agora ninguém me segura e eu falei ‘E agora? Quê que eu faço, né?’” risos

Vanessa: Que situação.

Cintia: Que situação! E foi interessante porque assim o primeiramente eu pensei, eu faço o quê, eu fico no meu lugar ou eu corro né, quê que eu faço, corrê não tinha jeito, mas

Vanessa: Então você avalia que essa situação Cintia, seria uma situação que envolva uma prática grupal e que envolva um dilema ético?

Cintia: Sim. Sem dúvidas, porque eu estava ali prestes a sofrer um ataque né

Com a fala ‘Em geral os pacientes freqüentavam ambulatório eram pacientes que estavam sob o efeito da medicação e então eles eram pacientes tranquilos, que estavam

com o processo cognitivo equilibrado, que tinham condições emocionais de participar dos grupos. Eles é aceitavam as orientações dadas nos grupos, no grupo, faziam as atividades propostas, assim ocorria tranquilamente’ Cíntia cria a imagem do que ela considera como grupo. Podemos perceber nessa imagem como as coisas estão ordenadas, tranquilas, as pessoas equilibradas aceitando as intervenções e participando colaborativamente com a atividade desenvolvida.

Em seguida, ela colocará em sua fala o evento em que a ética passa a ser o foco de sua análise: *‘E teve um dia que de repente chegou um paciente que tava uns dias sem participar e ele chegou, e era um paciente muito alto, grande e chegou no grupo “E eu quero participar, porque eu amo minha psicóloga e que eu quero beijar, quero abraçar e agora ninguém me segura e eu falei ‘E agora? Quê que eu faço, né?’” risos*’.

Podemos notar como o evento em que a situação sensível do ponto de vista ético será descrita configura-se como um evento atípico, principalmente, ao reparamos o modo com ela introduz esse evento *‘E teve um dia que de repente*’. Nessa fala ela coloca o evento específico ocorrendo em um dia, denotando a raridade desse acontecimento, construindo sua atipicidade, pois não se trata de algo que acontece todos os dias, mas em um dia especificamente. Essa construção linguística é reforçada pela expressão *‘de repente*’ focando em como a ação que se seguiria foge à previsibilidade, sendo portanto incomum.

Complementando a descrição desse evento, ela continua com a descrição do sujeito desencadeador dos eventos atípicos: *‘um paciente que tava uns dias sem participar e ele chegou, e era um paciente muito alto, grande*’. Percebemos aqui que as características do elemento deturpador da ordem são também características excepcionais, que fogem aos padrões da normalidade, pois o paciente além de estar *‘uns dias sem participar*’, portanto

estava fora do grupo que é ordeiro, é uma pessoa *‘muito alto, grande’*, isto é, alguém que possui a potencial capacidade de causar transtornos, pela utilização de sua capacidade física.

Notemos que o paciente poderia ser descrito com o uso de inúmeros adjetivos como agressivo, chato, impertinente, etc., que ainda o descreveriam como alguém capaz de deturpar a ordem do grupo, porém a escolha do aspecto físico para descrevê-lo faz um trabalho muito interessante, pois se trata de uma característica que evita contraposição à capacidade de perturbar a ordem construída no relato, uma vez que adjetivos alternativos aos do aspecto físico, que se ligassem à características da personalidade, por exemplo, poderiam ser criticados como sendo fruto da interpretação da psicóloga que está relatando, ou até mesmo de um processo de transferência, em termos psicanalíticos. Assim, a factualidade (Potter, 1996) da ação relatada é reforçada ao impedir versões alternativas que pudessem ser postas na conversa, por meio do uso da característica física como forma de descrever o sujeito gerador de desordem.

Trechos mais isolados podem ser utilizados para mostrar como esse repertório vai sendo configurado como *‘E num dia, num dia desses grupos é aconteceu algo muito diferente, que não era muito habitual acontecer’* frase que antecede todo o relato do evento descrito, aparecendo como um marcador que norteará os acontecimento subsequentes, marcando-os como excepcionais.

Outro trecho relevante: *‘Vanessa: Então você avalia que essa situação Cintia, seria uma situação que envolva uma prática grupal e que envolva um dilema ético? Cintia: Sim. Sem dúvidas, porque eu estava ali prestes a sofrer um ataque né’*. Nesse ponto, Cíntia é contraposta com a dúvida de Vanessa se o que ela relatou seria ou não um relato de evento ético. Ela então responde afirmando veementemente que estava *‘prestes a sofrer um ataque’* utilizando-se novamente do repertório **ética – evento crítico perturbador da ordem**,

descrevendo o evento ético como um *ataque* que seria *sofrido*, palavras que enfatizam o caráter dramático dos eventos intensificando a experiência vivida ao promover o uso de termos geralmente associados a eventos mais graves como guerras, revoluções, terrorismo, etc.

C) Repertórios relacionados ao tema ética: Ética – questão frequente de valor absoluto

O repertório ética – questão frequente de valor absoluto é marcado pela metáfora da uniformidade, em que os eventos são todos semelhantes e todos possuem a característica de serem atravessados pela temática ética e não podem ser diferenciados a partir da intensidade. As expressões são apresentadas geralmente no plural, enfatizando a variedade e frequência com que elas ocorrem. A repetição e banalidade das situações em que se imiscuem questões éticas são elementos utilizados para construí-las como presentes a todos os momentos. Palavras específicas como cotidiano, habituar, adaptar, são utilizadas no emprego desse repertório.

O trecho a seguir contém o uso desse repertório, realçado em negrito:

Lais: tá Bom, atualmente eu trabalho numa instituição, numa instituição pública e que eu atendo adolescentes de 12 a 18 anos né, com alguma questão de álcool e outras drogas, tem que ter essa problemática

Simone: Que infringiram a lei

Lais: Não, nem sempre

Simone: Não necessariamente

Lais: Não. Pode ser usuário porque agora o usuário não está fora dessa lei né assim, só o tráfico que é. Então é que tenha feito algum tipo de uso ou que FAÇA uso. Então a gente acaba recebendo muitos pais, que aí a gente tem que avaliar isso, que as vezes um comportamento de um aluno que as vezes faltou a escola dois dias os pais consideram isso como está usando drogas, né. Então eu trabalho com uma clientela que na verdade qualquer coisa que eles façam pode ser uso de drogas. Então aí a gente tem que as vezes ouvir né, ficar, oferecer mesmo a escuta pra saber o que que é isso assim. Então uma clientela também onde se é desconsiderado todos os outros fatores da vida deles e é só colocado foco em um deles, né. Então a mãe vai lá levar um filho, a mãe vai lá levar, ou o vizinho vai levar alguém. Mas assim quando você vê a estrutura, a família, todas essas coisas isso não se fala , mas fala

que tem a droga. Mas não falam outras coisas que tem ou aliás outras coisas que não tem, que ta faltando. Então assim é trabalho com esses adolescentes, é um público difícil porque é um público que não é como adulto, ele não tem sofrimento pelo uso, ele não traz, não é crônico ainda esse uso, ele não traz um sofrimento disso. Olha assim, porque eu fiquei um mês no CAPSad que aí era de adultos também com a mesma problemática. Então são pessoas mais velhas que aí trazem essa questão de a olha quanta coisa eu perdi. O adolescente ainda não perdeu nada ainda, ainda ta conquistando um monte de coisa ainda, aliás com a droga ele ganha um tanto de coisas, ele num perde. Pelo menos no discurso deles.

Simone: E isso já traz, faz você pensar num dilema que traria movimentos é anti-éticos no, na condução do próprio grupo, como é que é isso pra você tratando-se de uma problemática

Lais: **Eu acho que é o tempo inteiro né.** Eu fiquei quando o, quando fui ouvir essa questão é de um retorno ao grupo, **como pensar sobre esses grupos né, de pensar numa situação. Eu acho quase impossível conseguir pensar em uma situação ,**

Nesse trecho, Laís responde à pergunta sobre momentos em que questões éticas são relevantes afirmando ser impossível destacar um evento específico e contar uma história sobre ele, assim como o fez Cíntia que falou antes dela. Ao escolher fugir da forma de contar história, ação realizada anteriormente pela sua colega, Laís está ativamente construindo esse repertório, pois sendo a questão ética presente em todas as relações, os momentos que poderiam ser relatados são inúmeros. Porém, ela ainda poderia escolher alguns desses inúmeros momentos, mas prefere não fazê-lo e com isso reforça a indistinção presente no repertório interpretativo por ela utilizado, pois os momentos todos são configurados como tendo o mesmo valor, uma vez que todos possuem a qualidade de serem relevantes do ponto de vista ético e a ética, de acordo com o repertório que está sendo empregado, é uma questão frequente de valor absoluto, isto é, ela não pode ser diferenciada nem em termos de frequência, pois está presente a todo o tempo, nem em termos de valor, pois possui um valor igual para todos os momentos.

O uso do plural para se referir aos acontecimentos sobre a ética, ao conteúdo desses acontecimentos e às formas utilizadas para a ação no grupo, é também uma característica desse repertório: *‘Lais: Tem um tanto de **momentos** na verdade né’*, referindo-se aos

acontecimentos que envolvem a temática ética; ‘Então a gente acaba escutando **coisas** que depois a gente vai se adaptando aquilo’, aludindo ao conteúdo desses acontecimentos ; ‘Eu não sei porque em **vários momentos quais são os recursos** na verdade’, referindo-se aos acontecimentos e às formas de lidar com os mesmos;

Outro ponto importante para a construção do repertório **ética questão frequente de valor absoluto**, é a utilização de várias frases na voz ativa (Wooffitt, 1991, citado por Potter, 1996), como recurso para criar uma atmosfera, construindo a factualidade (Potter, 1996) do relato e assim reforçando aspectos do repertório utilizado, como a habitualidade da presença da questão ética, uma vez que as falas reproduzem o conteúdo que um ouvinte qualquer encontraria caso participasse do grupo, e não apenas a impressão marcante que permanece em Laís, autora do relato, sobre o grupo. Com esse recurso, ela protege o seu relato contra possíveis alternativas pois emprega as características do mesmo nas citações de que se utiliza.

Como exemplo disso temos os trechos a seguir, com as partes que se utilizam da voz ativa em negrito:

(...)Lais: Eu acho que é o tempo inteiro né. Eu fiquei quando o, quando fui ouvir essa questão é de um retorno ao grupo, como pensar sobre esses grupos né, de pensar numa situação. Eu acho quase impossível conseguir pensar em uma situação , porque eu to lidando com uma coisa que tem 90% da população pra falar que é errado, é um tanto da população pra dizer que a gente não devia atender esse grupo né, porque eles não querem nada com nada. **Então a população que faz assim, que chega pra você num dia e diz: “Olha eu roubei, eu matei ontem”. E aí você fica no grupo: ‘Então ta, né quê que eu faço com isso?** Eu sento, escuto, porque essa pessoa veio pra me dizer isso e aí é uma maneira de eu vincular e essa pessoa continuar a vim OU eu faço como todas as outras pessoas fazem, ligo pra polícia, aí vem e pegam, internam e não adianta nada?’...

(...)Lais: Então eu sinceramente não sei responder se aquilo, a conduta é correto ou não. Eu sei que eu penso a, eu acho que ética ta muito relacionada a situação, ela não é pré-definida, não tem um roteiro, ninguém me explicou um roteiro quando eu entrei lá dentro o que eu posso falar e o que eu não posso. Eu considero que que é assim, isso eu vou tentando trazer

pro grupo mesmo, eu falo “Se vocês estão me contando isso, é pra quê? Vocês acham que eu devo ir falar? Vocês acham que é melhor eu chegar lá e olhar pra essas pessoas que estão acompanhando vocês, que são agentes, são essas pessoas, e falar disso? Vocês acham que”, assim, eu tento buscar deles porque eu não tenho a resposta, eu não sei, eu não sei se adiantaria uma fala minha, não sei se adiantaria o que, eu não sei, não sei se é positivo, se eu estou fazendo certo, eu não sei, né. Então assim eu tento trazer deles assim. **E o que eles me dizem é só “A gente precisa falar disso, a gente precisa que alguém mais fique sabendo”...**

D) Questões Relevantes sobre o Episódio 2

A atividade do segundo encontro possui características diferentes se comparada à atividade analisada no episódio 1. Nesse momento, os profissionais psicólogos engajam-se em uma discussão de casos específicos que ocorreram com eles, analisando-os a partir do tema ética. Esse modelo de produção de sentido sobre ética tem sua existência atrelada à reflexão sobre práticas e condutas humanas concretas que existem, mesmo que imperfeitamente, em espaços sociais humanos reais situados em uma temporalidade real. Essa forma diferente de se produzir sentidos sobre ética é chamada por Walker (2007) de expressiva-colaborativa.

Os repertórios colocados em uso pelas psicólogas nesse segundo encontro analisado não se assemelham aos discursos sobre ética anteriormente citados, encontrados na literatura acadêmica: ‘Ética ênfase no interior do indivíduo’ e ‘Ética ênfase no mundo exterior’. Pelo contrário, focam na experiência vivida, nos acontecimentos extremos, como a fala de Cíntia, ou na impressão causada pela experiência diária, como na fala de Laís. Essas falas mantêm como foco os vários relacionamentos nos quais os falantes e os vários personagens da história são considerados portadores de identidades particulares e atores que são descritos pelos seus posicionamentos em relação às possíveis formas de atribuição de responsabilidades.

As justificativas éticas lançadas pelas participantes nessa atividade enfocam a realidade circunscrita, as características do momento, as impressões pessoais, pensamentos momentâneos, fragilidades e potencialidades tanto individuais quanto grupais. Exemplos desses procedimentos podem ser notados nas falas de Cíntia quando se refere aos seus pensamentos quando o momento ético crítico acontece, situando-se como um alguém que está em dúvida sobre como proceder (Cíntia: ‘E agora? Quê que eu faço, né?’).

O modo como essa mesma participante vai colocando a ação do grupo como essencial para o desenvolvimento da história, situando o agir eticamente como não decorrente da deliberação de um sujeito-pensante-racional, mas como uma prática, um processo no qual aparece a dúvida, a colaboração de outros importantes (como a proteção que o grupo oferece à psicóloga), tudo isso nos mostra a construção de um entendimento a respeito de práticas de responsabilidade em que se atribui ações como necessárias/importantes. Como exemplo disso tem a fala de Cíntia: *‘Então foi uma situação muito complicada e mas assim eu vejo que nessa situação eu não tive muito como agir de uma outra forma di, dif, diferente’*. De acordo com Walker (2007), podemos ver nesse relato o entendimento de que *‘morality consists in a family of practices that show what is valued by making people accountable to each other for it. (p. 10)’*, uma ilustração do que ela denomina Ética expressivo-colaborativa.

Podemos perceber pela fala de Laís o mesmo movimento de Cíntia, no que se refere ao foco da fala sobre o tema ética situado em episódios práticos específicos que acontecem em lugares determinados, quando ela relata *‘eu trabalho numa instituição, numa instituição pública, e que eu atendo adolescentes de 12 a 18 anos né, com alguma questão de álcool e outras drogas, tem que ter essa problemática’*.

Notemos o modo como ela delinea o seu local de trabalho como uma instituição pública, assumindo essa qualidade como importante para a compreensão do restante de sua

colocação por meio da repetição da palavra instituição, tendo a segunda vez em que a palavra *pública* aparece ocorrido de forma destacada em sua frase.

O uso do especificador *alguma* nessa mesma frase faz um trabalho interessante na criação da identidade dos atores relevantes com os quais ela trabalha e que fazem parte da sua análise da performance ética (lembramos que ela é questionada, como parte da tarefa grupal, a respeito de episódios de enfrentamento de questões éticas bem-sucedidos). Esse especificador nos propõe que a ‘*questão de álcool e outras drogas*’ é uma questão importante para a descrição do grupo com quem ela trabalha, porém não se trata da única questão, podendo sua clientela apresentar questões diversas relacionadas ou não com a temática.

Todo esse trabalho de Laís para falar sobre o local em que ela trabalha, especificando-o de diversas formas já em sua primeira fala, nos diz de um grupo que vai sendo construído como controverso, marcado por interpretações estereotipadas e que precisam ser logo no início desfeitas, por meio de sua caracterização especificada e ampliada. Podemos compreender que sua interlocutora Simone está sintonizada com a fala de Laís, pois, ao construir o grupo como não sendo especificamente possuidor de determinada característica Laís chama a atenção de Simone justamente para essa característica que ela não quer que o grupo seja caracterizado. Visualizamos isso pela fala de Simone que ocorre logo em seguida à de Laís, em que diz ‘*Que infringiram a Lei*’, numa tentativa de sintetizar o que Laís estava dizendo.

Toda essa performance linguística assinalada ilustra a atenção das participantes para características de identidade dos indivíduos atores de ações éticas. Essas falas respondem, com uma notável sensibilidade, a questões ligadas a entendimentos sociais compartilhados que dizem respeito a concepções relacionadas às pessoas que estão sendo alvo do escrutínio

avaliativo da Ética, no caso, o grupo de jovens que Laís atende, que pode ser visto pelo viés da ilegalidade apenas, ou como um grupo que não se resume tão somente às suas práticas ilegais.

Podemos pensar nas variadas formas possíveis de distribuição das responsabilidades éticas caso o grupo fosse visto como dessa ou daquela forma, compreendendo que vê-lo a partir de um prisma, como o da ilegalidade, geraria uma economia, no sentido de distribuição de julgamentos/avaliações morais, diferente se o víssemos por um outro prisma.

Laís traz como parte de sua próxima fala justamente essa questão, no momento em que diz *‘Então a gente acaba recebendo muitos pais, que aí a gente tem que avaliar isso, que as vezes um comportamento de um aluno que as vezes faltou a escola dois dias os pais consideram isso como está usando drogas, né. Então eu trabalho com uma clientela que na verdade qualquer coisa que eles façam pode ser uso de drogas’*.

Nesta parte ela ressalta o viés avaliativo relacionado à compreensão da identidade do grupo marcada pela ilegalidade, em que ações que poderiam ser vistas das mais variadas formas (afinal de contas, a pessoa poderia ter faltado à aula por inúmeros motivos, como um ambiente hostil na escola em que essa pessoa vem sendo ameaçada, por exemplo), acabam sendo vistas como uso de drogas.

Lembremos que no início da fala de Laís há todo um malabarismo para construir o grupo como não pertencente a um rótulo específico e que esse esforço resulta na fala de Simone caracterizando esse grupo justamente a partir de uma rotulação (*‘Simone: que infringiram a Lei’*) e que na fala assinalada no parágrafo anterior, Laís nos diz justamente da repercussão negativa de se perceber o grupo a partir desse rótulo, então, creio ser possível a interpretação de que o uso da expressão *‘uso de drogas’* situa-se como sinônimo de coisa

errada, ilegal, ao ter sido equiparada à conduta de faltar à aula, reforçando o entrelaçamento entre concepção de grupo (pelo uso de rotulações) e distribuição de julgamentos/avaliações morais a respeito das condutas dos membros desse grupo.

Todos esses movimentos sutis em que a identidade do grupo se coloca como questão a ser tratada, e trabalhada laboriosamente, como resultado da tarefa grupal ‘descrever eventos em que se lidou com questões éticas de forma bem sucedida’, nos diz algo muito importante.

Primeiramente, ainda estamos trabalhando questões éticas, porém aqueles repertórios interpretativos diretamente conectados às elaborações acadêmicas relacionadas à definição de ética estão, senão ausentes, em segundo plano. A tarefa executada pela participante liga-se mais diretamente a construir linguisticamente o grupo com que trabalha, enfocando a distribuição de julgamentos/avaliações morais relacionadas ao modo como o grupo é concebido, ou seja, estando ou não ligado a rótulos específicos.

Esse movimento de construção do grupo nos diz não apenas sobre a concepção de grupo de Laís, mas também sobre sua concepção de ética, só que não em um sentido ontológico, de definição do que é Ética, suas origens, de onde vem (algo que vimos na análise do episódio 1), mas referindo-se ao estabelecimento de valores/práticas-de-responsabilização à população específica com que a profissional psicóloga desenvolve sua prática e as consequências desse processo.

Nesse sentido, o modo de compreensão dos fenômenos relacionados à temática Ética posto em prática por Laís está mais conectado, ou pode ser mais bem compreendido, a partir de um modelo de entendimento ético expressivo-colaborativo, em que definições intimamente ligadas a contextos práticos são mais relevantes que concepções teórico-abstratas (relacionadas ao modelo teórico-jurídico de entendimento ético).

8 – Palavras de Encerramento

Começamos essa dissertação explorando o processo histórico em que a crise paradigmática das ciências foi sendo desenvolvida. À medida em que pudemos falar sobre os princípios do paradigma moderno e como, por meio de severas críticas postas em prática por vários movimentos intelectuais e sociais, os postulados desse paradigma foram sendo contestados e novas formas de produzir conhecimento foram sendo propostas como possibilidade de resposta das limitações encontradas.

Fomos ressaltando as consequências da crise paradigmática, e suas tentativas de superação, tanto para a produção de conhecimento de maneira geral, quanto para a produção de saberes no campo do estudo da Ética. Dessas principais consequências ressaltamos a perspectiva do construcionismo social como uma aproximação aos estudos dos fenômenos humanos que tem em sua base a consideração a respeito dos princípios do movimento pós-moderno tais como situacionalidade histórica e social do conhecimento, a relativização da verdade, a co-construção do conhecimento.

Esta co-construção é considerada como resultado dos compromissos sociais/ideológicos/políticos dos produtores do conhecimento, assim como de suas inserções institucionais.

Percebemos também que, no campo do estudo do dispositivo grupal como forma de intervenção especializada utilizada por psicólogos em sua atividade profissional, poucos são os estudos que se mostram sintonizados com uma análise que leve em consideração os movimentos críticos ressaltados.

Assim, várias implicações no campo da pesquisa sobre grupo e ética decorrentes dos insights gerados pelas correntes pós-modernas são elididos e ignorados, não sendo

considerados nem ao menos para serem contestados. Creio que desse cenário se disponte a importância de começarmos a nos aproximar desse campo de produção de saber, a ética no campo da psicologia dos grupos, a fim de ampliarmos o debate sobre os movimentos filosóficos/sociais atuais e situarmos o impacto de suas reflexões para a Psicologia.

Parece-me demasiado importante considerarmos essa tarefa, principalmente para a área da Psicologia, cuja cisão Ciências Humanas – Ciências Naturais se mostra particularmente proeminente. Isso porque a ciência psicológica historicamente tem se situado na fronteira do paradigma moderno, sempre o desafiando, seja pela contraposição a seus pressupostos, seja pela justificação dos mesmos – por meio de argumentações elaboradas e interessantes, em ambos os casos.

No presente texto oferecemos uma reflexão que notadamente toma a ciência psicológica por uma ciência das humanidades desafiando o status quo do paradigma estabelecido e propondo uma continuidade no debate acima referido, porém incorporando argumentos novos – talvez não tão novos para outras áreas das humanidades, mas novos para a psicologia dos grupos.

Os novos argumentos a que me refiro podem ser considerados como tomando parte no entendimento de que a realidade não demanda formas específicas de descrição e que a linguagem não reflete o mundo tal como ele é, mas o constrói e constitui em todo momento.

Essa construção é entendida como uma prática social, posta em movimento pelas pessoas de acordo com a pragmática da situação e de maneira retórica e responsiva, utilizando os vocabulários e estratégias de argumentação disponíveis socialmente por meio da inserção cultural dos sujeitos que se relacionam e estão em troca dialógica.

Nesse sentido, as realidades que construímos enquanto falamos ou escrevemos dissertações são exatamente isso: realidades construídas. Daí que os dados não são

observados meramente, mas são a todo momento interpretados e essas interpretações são postas ali no papel, ou na tela do notebook, apenas para mais tarde serem revistas em um movimento constante que se esgota, muitas vezes, apenas por ter esgotado também o prazo institucional e também a paciência do pesquisador em lidar cotidianamente com o tema.

Trago tudo isso como material para reflexão justamente para ressaltar o caráter provisório do texto, não apenas desse texto, mas de todos os textos e produções filosófico/científicas. Pretendo ressaltar como é importante analisar essas características tidas como mundanas e expandir a reflexão, procurando entender que toda produção de conhecimento é artificial, no sentido de que se trata de um artefato tal como é um artefato o resultado do trabalho de um artesão.

Enquanto ele, o artesão, trabalha com materiais concretos, palha, madeira, ferro, nós produtores de conhecimento acadêmico trabalhamos com o simbólico e estiloso uso das palavras – assim como no poema de Olavo Bilac em que o escritor trabalha como trabalha o ourives, nós produtores de saber também trabalhamos artesanalmente com as palavras e produzimos não só conhecimento, mas ideias e ideais.

Assim, quero continuar enfatizando como se torna importante o modo como nos direcionamos para a construção da realidade, por meio de quais perguntas, quais métodos, pois que os sentidos que são colocados em prática são consequência do olhar/lugar epistêmico a partir do qual nos colocamos e estão em consonância com esse lugar e produzem realidades conectadas às qualidades desse lugar, engendrando e reproduzindo determinados tipos de inteligibilidades que reforçam tipos específicos de práticas sociais.

Portanto, devemos estar criticamente orientados a respeito dos pressupostos epistemológicos que nos guiam para produzir conhecimento, e quais tipos de comprometimentos ideológicos e sociais guiam nossa compreensão do fenômeno que

analisamos, no nosso caso a Ética. Analisá-lo a partir do lugar/olhar construcionista social é dar oportunidade para a ramificação de sentidos locais/específicos, possibilitando que populações/ grupos possam entrar no debate com vistas a produzir diálogos generativos, antes impossíveis se o que buscávamos era a “Verdade” abstrata e compacta independente de contextos históricos e sociais.

Assim, os sentidos construídos nas conversas com psicólogos sobre ética e grupo não são considerados possessão desses psicólogos, isto é, algo que está dentro deles e que vem à tona quando eles falam, de tal modo que lhes falte ou transborde capacidade de reflexão quanto às questões éticas da profissão.

Entendemos que quando a tarefa grupal na qual nós, pesquisadores e pesquisados, nos engajávamos orientava a conversa para a execução de uma forma específica de produção de saber, esse tipo específico de saber afluía, ou seja, quando procurávamos definição abstratas e generalistas para entendermos o que é Ética era justamente nesses moldes que construimos o fenômeno da Ética, utilizando os repertórios interpretativos mais intimamente conectados aos discursos acadêmicos do tipo teórico-jurídico.

Outrossim, quando nos aproximávamos conversacionalmente do campo da Ética explorando a vivência empírica, casos reais, as respostas dadas, as respostas imaginadas ou entendimentos imediatos que guiaram a ação ou os entendimentos gerais mais amplos sobre os grupos que eram atendidos, enfim, características situacionais, concretas (mesmo que imaginadas, mas imaginadas no contexto das atividades experimentadas), produzíamos o fenômeno da ética de modo expressivo e colaborativo, explorando julgamentos e distribuições de responsabilidades entendidas como mais ou menos adequadas e tendo justificações elaboradas, contestadas, solidificadas e desmontadas. Temos, pois, que os sentidos produzidos nesses encontros não estão reificados, mas se mostram fluídos em

consonância com as práticas humanas, suas possíveis organizações, suas inserções locais, culturais e institucionais.

Nesse sentido, nos aproximamos do modelo de entendimento sobre ética focado na análise das conversas entre as pessoas sobre temas relevantes, ao que chamamos modelo expressivo-colaborativo, estando ele sintonizado com as questões postas pelo momento pós-moderno e a crise da representação. Ele pode ser compreendido como uma forma de elaboração e materialização dos preceitos postos em prática pelas críticas implementadas nessa conjuntura histórica e tem duas implicações relevantes que são: promover uma análise do que consideramos ser a Ética e como utilizamos esse entendimento nos relacionamentos humanos, e promover reflexão a respeito da validade de práticas e ideais de conduta assumidos ou imaginados (Walker, 2007).

Desse modo, ética passa a ser compreendida como algo que as pessoas fazem juntas, inseridas em comunidades, sociedades e relacionamentos. São atividades às quais elas estão constantemente atentas promovendo ativamente a avaliação, julgamento e distribuição de responsabilidades entre as pessoas e em relação a tópicos considerados relevantes, sempre tendo em consideração os valores presentes no contexto do qual vieram e/ou que imaginam como ideal. Nesse sentido, Ética trata-se de um aspecto da vida humana, circunscrito e sedimentado em lugares sociais e históricos específicos, preechido de demandas e delimitações próprias.

Ainda, ressaltamos que a partir dessa visão podemos conceber as conversas que temos sobre ética e os sentidos que colocamos em prática à medida em que debatemos temas relevantes, como produtores de possíveis arranjos sociais específicos em que distribuições de responsabilidade, noções de culpabilização e ideais de conduta são consolidados.

Assim, há um enorme potencial dialógico e generativo nas conversas cotidianas

sobre ética, pois é por meio delas que as realidades são constituídas e também contestadas. Por meio do incentivo à troca entre perspectivas diferentes e debates sobre temas, tais como o trabalho do psicólogo com grupos, mapeando seus vocabulários e metáforas, seus argumentos mais comuns, traçando a rota das distribuições de responsabilidades, de condições de igualdade e desigualdade, estaremos possibilitando a crítica transformativa e reflexiva das práticas humanas.

A esse respeito Walker (2007), traz uma afirmação interessante em que situa que o estudo da Ética:

... pode e deve nos ajudar a manter a confiança onde devemos depositar nossa confiança, e ao nos pressionar para alterar nossas visões nos momentos em que elas não podem ser razoavelmente sustentadas. É, assim como sempre foi, uma investigação a cerca daquilo que devemos pensar e fazer. Eu argumentei, contudo, que é necessário criticar reflexivamente suas próprias perspectivas situadas, não porque elas sejam necessariamente precárias ou suspeitas por serem situadas, mas porque elas pertencem necessariamente a alguns conjuntos de comprometimentos que são moldados a partir de circunstâncias históricas, culturais, e sociais que provavelmente são limitadas se não falhas. (p. 262)

Desse modo, e a partir de um ponto de vista construcionista social inserido no bojo das críticas pós-modernas, levando em consideração que as verdades são locais e específicas, não existindo a segurança de uma verdade fundacional e transcendente, temos que um caminho possível para o entendimento do fenômeno ético está em promover a reflexividade, a criticidade e a implicação por meio da convivência dialógica entre perspectivas culturais distintas.

Podemos, então, a partir dessas reflexões sobre a produção de sentidos de psicólogos que atuam com grupo a respeito desse dispositivo de trabalho, guiar o projeto de conversas sobre Ética profissional focando em modos de estar juntos e produzir sentidos que estejam mais intimamente conectados e sensíveis às questões de inserção social, histórica e cultural tanto dos agentes profissionais, quanto da própria profissão e também dos grupos populacionais atendidos pelos profissionais de saúde em questão.

Abrimos mão, então, da certeza e da solidez do que nos é cotidianamente conhecido e tido como certo e nos vemos em um novo caminho, mais fluido, adubado pelas inúmeras possibilidades de transformação e invenção de vidas. Trata-se, portanto, de artisticamente inventar a Ética enquanto conversamos sobre nossas práticas, e não mais descobri-la.

9 – Referências

- Alonso, F. R. (2002) Revisitando os fundamentos da ética. In COIMBRA, J. A. A. (org.). *Fronteiras da ética*. São Paulo: SENAC.
- Andersen, T. (1999) *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS/ITF.
- Anderson, A. (1997) *Conversation, language and possibilities. A postmodern approach to therapy*. New York: BasicBooks.
- Bataglia, P. (2001) A construção da competência moral e a formação do psicólogo. Tese doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Bauman, Z. (1997) *Ética Pós-Moderna*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus.
- Billig, M. (1996) *Arguing and Thinking – A Rhetorical Approach to Social Psychology*, (2a ed.). Cambridge University Press: Cambridge.
- Bosi, M. L. M.; Mercado, F. J. (2004) (orgs). *Pesquisa qualitativa nos serviços de saúde*. Petrópolis: Vozes.
- Brabender, V. (2009) Ethical hot spots of combined individual and group therapy: Applying four ethical systems. *International Journal of Group Psychotherapy*. Vol 59(1), 127-147.
- Burr, V. (1995). *An introduction to Social Constructionism*. London: Routledge.
- Camargo-Borges, C. ; Mishima, S. M. & McNamee, S. (2008) Da Autonomia à Responsabilidade Relacional: explorando novas inteligibilidades para as práticas de saúde. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 1, p. 8-19.
- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA (2005). São Paulo. Novo código para novos tempos. *Jornal de Psicologia*, n.145.
- Debiak, D. (2007) Attending to Diversity in Group Psychotherapy: An Ethical Imperative. *International Journal of Group Psychotherapy*. Vol 57(1), 1-12
- Delanty, G. and P. Strydom (eds) 2003 *Philosophies of Social Science: Classic and Contemporary Readings*. Buckingham: Open University Press.
- Doll Jr. W. E. (1997) *Currículo: uma perspectiva pós-moderna*. (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Edwards, D., Potter, J. (1992) *Discursive Psychology*, London: Sage.
- Edwards, D.; Potter, J. (1993) Language and causation: a discursive action model of description and attribution. *Psychological Review*, 100, p. 23-41.

- Edwards, D., & Potter, J. (2005). Discursive psychology, mental states and descriptions. In H. te Molder & J. Potter (Eds), *Conversation and Cognition* (pp. 241-259). Cambridge: Cambridge University Press.
- Edwards, D. (2005). Discursive psychology. In K. Fitch & R. Sanders (Orgs.), *Handbook of Language and Social Interaction* (pp. 257-273). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Feyerabend, P. *Science in a Free Society* (1978) London: New Left Books.
- Fokkens, H. (2003) Men across borders. *Psyche en Geloof*. Vol 14(4),2003, 176-182.
- Jefferson, G. (1985) 'An exercise in the transcription an analysis of laughter', in T. Van Dijk (ed.), *Handbook of Discourse Analysis*, vol. 3. London: Academic Press.
- Gergen, K. J. (2006) *Construir la realidad – el futuro de la psicoterapia*. Buenos Aires: Paidós.
- Gergen, K. (1998) Constructionist Dialogues and the Vicissitudes of the Politcal. In Velody, I. & Williams, R. (Orgs.) *The Politics of Constructionism*. London: Sage.
- Gergen, K. J. (1997) *Realities and relationships*. Cambridge: Harvard University Press.
- Goergen, P. (2001) *Pós-modernidade, ética e educação*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Goergen, P. (2005) Espaço e Tempo na Escola: a Liquefação dos Sólidos Modernos. *Revista Avaliação*, V. 10 (2), p. 47-66.
- Hepburn, A. & Wiggins, S. (2007). *Discursive research in practice. New approaches to psychology and interaction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Irwin, T. (2007) *The Development of Ethics: a historical and critical study*. Vol I: From Socrates to the Reformation. Oxford University Press.
- Jefferson, G. (1985) An exercise in the transcription and analysis of laughter. In T. Van Dijk (Ed.) *Handbook of discourse analysis*, Vol. 3: *Discourse and dialogue*. London, UK: Academic Press
- Klontz, B. (2004) Ethical Practice of Group Experiential Psychotherapy. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*. Vol 41(2), Sum 2004, 172-179.
- Lasky, G; Riva, M. (2006) Confidentiality and Privileged Communication in Group Psychotherapy. *International Journal of Group Psychotherapy*. Vol 56(4), Oct 2006, 455-476
- Liddicoat, A.J. (2007) *Introduction to Conversation Analysis*. Continuum: London.
- Lincoln, Y. & Guba, E. (2006) Controvérsias Paradigmáticas, Contradições e Confluências Emergentes. In. Denzin, N.; Lincoln, Y. & cols. (Orgs.) *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens* (2a Ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.

Lyotard, J. F. (1989). *A Condição Pós-Moderna*. Viseu: Gradiva.

Mangione, L ; Forti, R.; Iacuzzi, C. (2007) Ethics and Endings in Group Psychotherapy: Saying Good-bye and Saying it Well. *International Journal of Group Psychotherapy*. Vol 57(1), 25-40.

Mcdivitt, K. L. (2001). Ethics in group work with children and adolescents. *Journal of Clinical Psychology*. 59 (11), p. 1247-1256.

McNamee, S.; Gergen, K. J. (1998) (orgs). *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas.

McNamee, S., & Gergen, K. J. (Orgs.) (1999). *Relational Responsibility. Resources for sustainable dialogue*. London: Sage Publication.

Minayo, M. C. S. (1994) *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec-Abrasco.

Nogueira, C. (2001) Construcionismo Social, Discurso e Gênero. *Psicologia*, 15 (1) pp 43-65.

Oliveira, M. A. (1993) *Ética e racionalidade moderna*. (vol. 28). (Coleção filosofia). São Paulo: Loyola.

Patton, M. Q. (1990) *Qualitative evaluation and research methods*. Londres: SAGE.

Pepper, R. S. (2004) Confidentiality and dual relationships in group psychotherapy. *International Journal of Group Psychotherapy*, 54 (1), p. 103-114.

Pepper, R. S. Emotional incest in group psychotherapy. (2002) *International Journal of Group Psychotherapy*, 52 (2), p. 285-294.

Pereira, R. A. (2002) *A Ciência Moderna, a Crise dos Paradigmas e sua Relação com a Escola e com o Currículo*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

PLENÁRIO DO CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 13., jul. 2005, Brasília.
Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: [s. n.], ago. 2005. 18 p.

Potter, J. & Wetherell, M. (1987) *Discourse and Social Psychology*. London: Sage Publications.

Potter, J. (1996) *Representing Reality: discourse, rhetoric and social construction*. Sage Publications: London.

Potter, J. & Hepburn, A. (2007). Discursive psychology, institutions and child protection. In A. Weatherall, B. Watson & C. Gallois (Eds). *Language and Social Psychology Handbook* (pp. 160-181). London: Palgrave.

- Rasera, E. F. & Japur, M. (2001). Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 201-209.
- Rasera, E. F. & Japur, M. (2003). Grupo de apoio aberto para pessoas portadoras do HIV: a construção da homogeneidade. *Estudos de Psicologia*, 8, 55-62.
- Rasera, E. F. & Japur, M. (2007). *Grupo como construção social: aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo*. São Paulo: Vetor.
- Santos, B. S. (2000a) A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez.
- Schermer, V. (2009) On the vicissitudes of combining individual and group psychotherapy. *International Journal of Group Psychotherapy*. Vol 59(1), 149-162.
- Serafini, J.; Damianakis, T.; Marziali, E. (2007) Clinical practice standards and ethical issues applied to a virtual group intervention for spousal caregivers of people with Alzheimer's. *Social Work in Health Care*. Vol 44(3), 225-243.
- Shapiro, E.; Ginzberg, R. (2006) Buried Treasure: Money, Ethics, and Countertransference in Group Therapy. *International Journal of Group Psychotherapy*. Vol 56(4), 477-494.
- Spink, M. J. (2001). Trópicos do discurso sobre o risco: Riscoaventura como metáfora na modernidade tardia. *Cadernos de Saúde Pública*, 17, p. 1277-1311.
- Spink, M. J. (org.) (2004b) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3ª ed. São Paulo: Cortez.
- Touraine, A. (1994) *Crítica da modernidade*. (6a Ed.). (Edel, E. F., Trad.) Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- Vásquez, A. S. (1997) *Ética*. (17. ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Walker, M. (2007) *Moral Understandings: A Feminist Study in Ethics*. New York: Routledge.
- Wooffitt, R. (2005) *Conversation Analysis and Discourse Analysis: A Comparative and Critical Introduction*. Sage.

Apêndices

Apêndice A – Consentimento livre e informado

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “Sentidos de ética nas práticas grupais em conversas profissionais”, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Emerson Fernando Raser, e com a colaboração dos pesquisadores Mário José Bertini Silva de Jesus e Flávia Miranda Oliveira.

Nesta pesquisa nós estamos buscando refletir sobre questões éticas envolvidas nas práticas grupais realizadas por psicólogos.

A sua participação na pesquisa consiste em estar presente em cinco encontros grupais quinzenais, de 2h de duração, nas dependências do Instituto de Psicologia da UFU, para conversar sobre as questões éticas no trabalho de coordenação de grupo, os quais serão áudio-gravados.

Esse estudo será desenvolvido dentro de todas as condições éticas, portanto não oferece risco à sua saúde e você poderá se beneficiar dele com a oportunidade de ter um espaço onde possa refletir e aprender sobre o tema desse estudo.

O encontro em grupo será audiogravado e o material resultante da gravação será destruído após a sua transcrição. Em seguida, esse material fará parte de um banco de dados para ser utilizado em análises futuras. A destruição do material gravado garantirá que você não seja identificado. Na verdade, em nenhum momento da realização do trabalho você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você é livre para deixar de participar do estudo, a qualquer momento, se desejar, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo. O seu certificado de participação será oferecido em acordo com a carga horária efetiva de sua participação, independente de você concluir o número total de encontros. Você também não terá nenhum gasto e ganho financeiro pela participação na pesquisa.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa você poderá entrar em contato com os pesquisadores no Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Psicologia, Av. Maranhão, s/n , Bloco 2C, Sala 2C54 - Campus Umuarama - Bairro: Jardim Umuarama - Uberlândia – MG, CEP: 38400902 - Caixa Postal: 593, Telefone: (0xx34) 3218-2701 , bem como com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres-Humanos da Universidade Federal de Uberlândia (CEP/UFU): Av. João Naves de Ávila, n 2121, bloco J, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131
Uberlândia, ____ de _____ de 2010.

Prof. Dr. Emerson Fernando Raser
(Pesquisador)

Mário José Bertini Silva de Jesus
(Pesquisador)

Flávia Miranda Oliveira
(Pesquisadora)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

Apêndice B – Anúncio de divulgação da pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – CURSO DE MESTRADO



CONVITE

Considerando a importância de uma formação ética profissional, vimos por meio deste convidar você, psicólogo que esteja realizando práticas grupais em seu exercício profissional, a refletir conjuntamente sobre as questões éticas vividas na sua atuação profissional com grupos. Esperamos que a participação em uma série de encontros grupais de sensibilização sobre o tema possibilite um contexto de reflexão, aprendizagem e investigação no qual novos sentidos de ética em grupo possam surgir.

Esta proposta faz parte de uma pesquisa intitulada “Sentidos de ética nas práticas grupais em conversas profissionais” realizada por psicólogos da Universidade Federal de Uberlândia. Trata-se de uma pesquisa que busca investigar os sentidos de ética para profissionais que trabalham com grupos

Os interessados poderão enviar um email para emersonrasera@gmail.com.

Serão emitidos certificados de participação dos encontros.

Contamos com sua presença!

Emerson Fernando Rasera – Psicólogo e Professor da UFU

Flávia Miranda Oliveira – Psicóloga e Mestranda em Psicologia pela UFU

Mário José Bertini Silva de Jesus – Psicólogo e Mestrando em Psicologia pela UFU

Apêndice C – Ficha de Identificação

Anotar sexo.

Qual a sua idade?

Onde você trabalha?

Onde se formou?

Há quanto tempo se formou?

Possui alguma especialização (formação complementar) em grupos?

Qual a sua prática grupal? (Descrever o tipo de grupo mais comumente realizado: número de encontros, número de participantes, objetivo do grupo)

Há quanto tempo coordena grupos?

Por que você começou a trabalhar com grupos?

Qual sua motivação para participação deste grupo de reflexão?

Apêndice D – Transcrições dos Encontros Analisados

Grupo 1 – Segundo Encontro

Flávia: É porque a gente tinha pensado dela se apresentar, falar o nome, conforme as outras fizeram, e a prática grupal pra depois a gente fazer a atividadezinha.

Emerson: Ah tá Tá bom

Flávia: Mas agora já foi.

Emerson: Já foi o quê?

Mário: Não ué, pode ser

Flávia: Pode voltar?

Emerson: Ah não, acho que é: o nome tudo bem, mas acho que de contar um pouquinho uma prática grupal que você já fez

Lais: O que que eu tô fazendo?

Emerson: Que está fazendo ou já fez, alguma prática que você já esteve envolvida, como psicóloga.

Lais: Então eu sou Lais, eu acabei de me formar, me formei no início do ano, em Janeiro. E: desde os estágios eu já: venho fazendo grupos. Trabalho com, eu fazia um grupos de pais, a mais de dois anos o mesmo grupo, eram poucas pessoas que participavam, cinco pessoas, mas era um grupo bem legal. A gente fazia, a gente começou como estágio e aí a gente continuou e a nossa professora na época decidiu continuar orientando, fazendo supervisão da mesma maneira, sem tá dentro da grade curricular. E: desde junho eu faço outros grupos, porque agora eu estou no xxxx da infância e adolescência, então é: especificamente que tem grupo mesmo semanalmente é um grupo que a gente faz com os meninos internos do xxxx, né ?

Emerson: Da onde?

Lais: No xxxx. O sistema sócio-educativo de xxxxxxxx. Então: com eles é um grupo mais sistemático mesmo, semanal, é: então tem, segue todas as posturas, todo o setting do grupo assim acaba acontecendo. Os outros grupos dentro do meu trabalho já não acontecem dessa maneira tão assim, acaba sendo mais aberto, alguns saem “ah, não quero mais”, entra criança no meio também, participa um pouquinho, grita, faz alguma coisa, sai. Então acaba sendo mais confuso assim, mas eu acredito que da mesma maneira é um grupo também, já já tem essa característica, quando não aparece criança eles até estranham, acham que tá muito (inaudível)

Mário: risos

Lais: Então é isso que eu tô fazendo

Emerson: Tá bom

Flávia: E aí a gente pensou que pra poder dar boas vindas pra você e, de certa forma rememorar o primeiro encontro a gente preparou um jeitinho diferente de apresentação, que é um sorteiozinho, nós temos quatro questões. Temos três pessoas né:?

Vanessa: risos

Flávia: Então cada uma vai pegar uma e aí vai ter uma perguntinha. Tem a ordem né, primeira pergunta, segunda pergunta. E a partir do que tá escrito aqui, a gente conta um pouco pra ela, tá bom?. Daí a gente fica com uma. (12 segundos para sorteio dos papéis) Aí tem a ordem: primeira, segunda

Todos: risos

Cintia: Vamo lá. Apresentar todos os coordenadores pelo nome e algo que conheceu sobre eles no último encontro. Vamo lá. O mais fácil, o Emerson

Todos: risos

Cintia: Ai o Emerson acho que já trabalha com grupos a vários anos, tem mestrado na área, né. E:: tem um interessante grande no assunto. O Mário, é:: achei interessante, quando ele comentou sobre a questão da ética, que a ética está muito intrincada com a moral. E fez comentários dos estudos dele, e que até hoje tem vários autores que não conseguem diferenciar um do outro. Ah:: a Flávia falou tão pouquinho.

Mário: risos

Cintia: É:: eu sei outras coisas que nós já nos conhecemos de outro lugar, é:: nós no conhecemos do XXXXX, que nós fizemos libras, e:: assim como eu ela já comentou que já esqueceu muita coisa, porque a gente num treina, esquece a língua dos sinais. E:: ela que fez entrevista comigo e só::.. Ela falou muito pouquinho

Todos: risos

Emerson: Mas já é uma coisa

Todos: risos

Cintia: É:: já é algo

Emerson: Número dois

Simone: Apresentar todos os participantes pelo nome e algo que conheceu sobre eles no último encontro. Não é a mesma coisa não?

Cintia: Uai é igual?

Emerson: Não é, é que os coordenadores, e agora participantes. Agora é apresentar vocês.

Simone: Ah tá, agora todos participantes.

Cintia: Ah, o seu é participantes

Emerson: É o dela era coordenador, nós três, e participantes são vocês.

Todos: risos

Simone: Então:: essa sou eu

Todos: risos

(?): Quem é você?

Simone: Eu sou Simone, sou psicóloga, me formei na XXXXX eu participo também, como você já trabalhei no XXXX, mas eu trabalhei com a equipe, fazendo grupos lá. E eu trabalhei em outros lugares na comunidade também em grupo. Na clínica eu atendo família, que eu considero um grupo né, complicado né? Risos

Lais: O primeiro né?

Simone: Exatamente. E aí nós conhecemos a Cintia, que é uma moça que se formou há cinco anos

Cintia: Mais

Todos: risos

Simone: Ai, então me desculpa, porque eu de data eu sou complicada. Ela vem de uma experiência também desde lá nos primórdios da sua formação. E:: ela traz:: algumas leituras assim:: diferentes que no meu olhar me interessou em alguns aspectos. A nossa outra colega é a Vanessa, que é um nome que eu precisei perguntar de novo, porque é grande eu acho, num sei, num me recordei bem, ela é mestranda na XXX, acho que quem é o orientador dela é você (Emerson), ou, não?

Todos: risos

Cintia: Ela já fez estágios com ele

Simone: É:: ela fez alguma coisa com você. Então ela faz algum trabalho também é:: considerando que é interesse dela por grupo, mas eu não me lembro se você tem alguma (inaudível)

(Eliane chega)

Todos: Olá!

Eliane: Gente me desculpa

Emerson: Fique a vontade

Simone: E agora essa senhora

Lais: Eu já conheço. Conheço de outros lugares. risos

Simone: Que acaba de chegar é a Eliane, se formou na mesma instituição que eu né, a prática dela de grupo ela faz com famílias, numa outra dimensão que não é psicologia, ela trabalha numa igreja. E nós estamos aqui assim nesse interesse mútuo de fazer alguma coisa em prol da pesquisa deles. E nosso interesse se sobressaiu aqui. E é só.

Mário: Explicar pra Eliane. Então Eliane a gente tava, a Lais né, a nova integrante do grupo e a gente fez um pequeno sorteio né, até esse é pra você

Todos: risos

Vanessa: Um sorteio, esse é seu

Mário: É! Parabéns, você ganhou. Não é, que a gente tá podendo rememorar o encontro passado e ao mesmo tempo né compartilhar isso com a Lais. Aí tem uma pergunta pela ordem ela saiu com a um, ela com a dois, você com a quatro e ela com a três.

Vanessa: A minha é 'Apresentar a pesquisa, seus objetivos e como se darão os encontros (dias, horário, numero de encontros, modo de funcionamento)'. Então essa pesquisa é uma pesquisa de Mestrado. É:: na verdade é um objeto de estudo do Mário e da Flávia sob orientação do professor Emerson. O objetivo da pesquisa é investigar os sentidos e significados dados pelos profissionais da psicologia sobre ética, né. É isso mesmo?

Emerson: Ética em grupo

Vanessa: Ética em grupo. É:: como se darão os encontros, dias e horários. Então serão 5 quintas-feiras

Cíntia: Terça

Todos: risos

Vanessa: Terças-feiras. Sempre 18:30 pontualmente, sem atrasos, é:: na sala 343 no bloco 4k. Os horários, vai sempre se iniciar as 18:30 e terminar aproximadamente as 20:30

Emerson: 20 horas:: um pouquinho mais, dependendo

Vanessa: O número de encontro então são 5, e o modo de funcionamento é o grupo, então assim eu acho que o modo vai ser conversas. Algumas possibilidades. Não é um grupo aberto que pode entrar, é um grupo fechado e não pode entrar mais participantes.

Simone: Estruturado né, alguma coisa estruturada

Emerson: E nesse sentido as 5 participantes do grupo são vocês. E:: eu só queria complementar aí, no último encontro ao invés de ser na terça a noite, vai ser terça ao meio dia. Como é que é?

Flávia: Meio dia e meio

Emerson: Meio dia e meio até às duas horas no dia 21. E vai ser onde Mário?

Mário: Na sala, aqui no 4k, mas vai ser em outra sala, pois como tinha previsto ainda vai ter aula. Vai ser na sala 245

Emerson: 245. A gente relembra no quarto encontro qual vai ser a sala. Mas só pra falar que é isso. E:: A gente combinou que ao máximo evitar faltar, se precisar faltar justificar e dentro do possível no máximo uma falta. Foi isso que a gente combinou. É isso né?

Flávia: Basicamente isso.

Eliane: Oi pra todo mundo primeiro. Desculpa o atraso. A minha pergunta é ‘Contar qual foi a estrutura do primeiro encontro, ou seja, descrever a sequência das atividades realizadas’. Bom, primeiro nós nos apresentamos né. E:: depois passou a falar da metodologia, como seria os encontros, o que que a gente, qual era a disposição de se fazer aqui, qual o objetivo, números de encontros, falamos de horário, essas coisas. Depois a sequência de atividades a gente começou, se eu não me engano, com um jogo de cartas que a gente pegava as cartas coloridas que continha perguntas. E foram três cores de carta. A primeira eu percebi que era mais geral, tipo assim, ‘O que você gosta de fazer? Que livro que você gosta de ler?’ como que é isso, tal, uma pergunta mais assim sobre cada uma. Depois, me pareceu que foi pergunta relacionada com a atividade que desenvolve e depois sobre ética, se não me engano. Aí cada uma pegou a sua carta e respondeu sua pergunta pra todo mundo. Depois nós fizemos uma atividade de o que eu espero do grupo e o que que eu posso oferecer. O que eu posso oferecer nós colamos um cartaz aqui na frente o que cada uma podia oferecer. E o que eu espero um cartaz atrás. Nós nos movimentamos pra fazer uma dinâmica de conhecer o que o outro espera e o que o outro pode oferecer e comentamos um pouquinho disso. E depois num terceiro momento nós pegamos uma folha e cada uma das folha tinha até o número dez e nós tínhamos que colocar palavras que nos vinham à nossa mente quando ouvimos a palavra ética. Qualquer palavra que viesse a mente. Aí nós listamos dez palavras. Depois de listadas, formou-se 40 palavras, dez de cada uma, nós éramos quatro. Nós nos reunimos e a gente precisava tirar 5 palavras dessas 40 que era um consenso que tinha haver com ética. E depois disso nós conseguimos enfim tirar algumas palavras com algum custo

Todos: risos

Eliane: E depois disso nós partimos pro encerramento né. As conversas e as dinâmicas foram gravadas, né. E aí a gente partiu pro encerramento . Que eu me lembro foi isso.

Emerson: Descreveu passo a passo

Todos: risos

Flávia: Bem detalhado.

Mário: Ótima memória. Falou muito bem.

Emerson: É:: Lais tem, disso que agora as pessoas foram apresentadas, nós fomos apresentados, contamos um pouco da estrutura geral, primeiro encontro você não estava aqui, o que aconteceu, curiosidades, dúvidas, perguntas?

Lais: Não foi tranquilo. Eu fiquei perguntando pro Mário ao longo da semana, né Mário?
Risos Enchendo o saco dele a semana. Mas ta tranquilo

Mário: Tá jóia . Então, é:: gente essa atividade agora eu quero convidar vocês pra gente fazer uma prática de visualização. Sei que assim psicólogos né a gente já tem isso treinado, já conhece essa visualização né e eu queria convidar vocês pra fazer essa visualização pra vocês se aquecerem, aquecerem a memória de vocês, sobre o trabalho de vocês em grupo né e pra isso eu vou colocar uma música pra gente começar a ficar mais a vontade pra poder fazer essa visualização

(coloca-se a música)

Mário: Então gente é:: eu gostaria que vocês, pra essa visualização, se sentassem em uma posições que vocês se sintam confortáveis né, as vezes descruzando as pernas né, pra vocês ficarem mais relaxadas. Visualização é um processo de se voltar pra si mesma, de relaxar e:: muitas pessoas quando fazem a visualização fecham os olhos. Agora eu quero que vocês prestem atenção em vocês mesmas, prestando atenção no corpo , na cadeira , prestando atenção no vai e vem da sua respiração , sentindo o ar entrando nas suas narinas enchendo seus pulmões , sentindo esse ritmo, sentindo que seu pulmão vai se enchendo com oxigênio, renovando as suas energias, e saindo pelas suas narinas, desfazendo tensões e deixando relaxamento. Concentrem- se na música e naquilo que ela traz pra vocês. Então, comecem a visualizar o seu trabalho com grupos : o local onde é realizado, os detalhes da sala ou do local, o modo como as pessoas ficam dispostas, os sentimentos que vocês tem quando estão com grupos. Deixe que sua memória visualize à vontade , passeando pelas suas vivências com o trabalho com grupos. Isso, nesse momento, quero que vocês visualizem uma situação, um momento específico em que esteve com um grupo, e que nesse momento houve uma situação, um dilema ético , no qual você percebeu que estava enfrentando uma situação delicada do ponto de vista ético. Deixe que a memória traga isso, calmamente. Lembrem-se que várias situações podem surgir ou poucas Quero que aos poucos vocês se concentrem naquelas que vocês consideram ter lidado de um modo positivo, bem sucedido, com sucesso. Visualizem como foi essa situação, onde foi? , quem estava presente? , o que aconteceu? , o que vocês pensaram, o que vocês sentiram , como vocês agiram quais recursos vocês utilizaram nesta situação , qual a reação das pessoas do grupo (18 segundos), de que maneira foi concluída a situação? Isso, visualizem tranquilamente, calmamente, serenamente. Tomem seu tempo. (12 segundos) Lembrando-se dos recursos que utilizaram ao enfrentar essa situação (8 segundos) Muito bem, agora vá se despedindo calmamente dessas imagens, voltando aos poucos a focalizar sua atenção na sua respiração , no ritmo , voltando a sentir seu corpo em contato com a cadeira , as luzes da sala. Lembrando-se de como está

organizada a sala, quais as pessoas, em que lugares estão. E assim que se sentirem a vontade podem abrir os olhos.

Mário: Tudo bem gente? Jóia?

Mário: E aí gente como foi seguir a visualização:: de um modo geral?

Cintia: Tranquilo

Mário: Foi? Ótimo!

Flávia: Então agora depois da visualização que de certa forma trouxe um relaxamento né, o sonzinho da água caindo

Vanessa e Mário: risos

Flávia: É:: vocês trouxeram à memória algumas experiências pessoais

Mário: Aqueceram né as memórias

Flávia: Isso E agora a gente vai propor uma atividade diferente. Uma atividade que de certa forma é uma novidade pra gente. O CFP que é o Conselho Federal de Psicologia, ele anunciou que, por volta das próximas semanas, vai inaugurar um novo programa. É um jornal. E ele deu o nome pra esse jornal de ‘CFP e você’. E nesse, eles acreditam que esse tipo de programa vai ser uma oportunidade para psicólogos refletirem sobre questões que envolvem a profissão, questões importantes. Então é um espaço pra debater, pra discutir, pra refletir sobre diversos aspectos. Só que pra isso acontecer, eles pediram colaboração da nossa parte. Eles querem que a gente faça uma matéria específica que é uma matéria voltada para experiências pessoais bem-sucedidas no enfrentamento de questões éticas em grupo. Esse é o tema geral da matéria. Pra isso a gente precisa se organizar, ou seja, nó precisamos de repórteres, de entrevistados e de um entrevistados .

Vanessa: risos

Flávia: Tava parecendo verdade?

Vanessa e Mário: risos

Flávia: A gente pensou em dois repórteres né, dois entrevistados e um apresentador. Vamos nos organizar agora, quem gostaria de ser repórter? Duas pessoas

Mário: É quem ta a fim de ser o repórter

Emerson: A idéia é que cada um participe, cada um a partir de um lugar

Cintia: Eu quero ser a entrevistada

Mário: ótimo

Todos: risos seguidos de negociações inaudíveis

Emerson: Isso, a gente vai, a partir do momento que vai definir, cada, eu, Mário e Flávia vamos dividir pra ajudar a compor exatamente qual que é o papel. Mas de forma geral o apresentador ele abre a matéria, daí os repórteres mostram as entrevistas, são mostradas as entrevistas e depois o apresentador, ele faz um fechamento sobre as entrevistas apresentadas. Como se fosse o fechamento da matéria, entendeu?

Simone: inaudível

Emerson: Péra um pouquinho só, vem cá.

Flávia: Temos duas entrevistadas que seria a Lais e a Cintia, alguém mais queria ser?

Emerson: Então ta, duas entrevistadas, precisamos de mais

Simone: São mais duas

Emerson: São duas entrevistadas, duas entrevistadoras, duas repórteres e uma apresentadora do jornal

Simone: Então sobrou eu e você(Vanessa)

Emerson: Como é que é?

Simone: Repórter por um dia

Flávia: As duas repórteres e a Eliane vai apresentar o programa

Emerson: Tá bom, então

Flávia: Agora, antes da gravação a gente precisa se preparar né, pra matéria. Aí o Emerson vai conversar um pouquinho com a Eliane, que vai ser a apresentadora, ele vai te dar algumas coordenadas. É:: o Mário vai falar com as entrevistadas, as psicólogas que vão contar as experiências de sucesso, Lais e Cintia e eu vou falar um pouquinho com Vanessa e Simone que são as repórteres. Ok? Vamos nos separar? Conversar um pouquinho?

Emerson: Vamos, vamos.

(25: 26 – 40:06 : Movimentos pela sala e divisões em 3 subgrupos para treinamento de papéis durante aproximadamente 15 minutos/ Neste momento não é possível transcrição, pois temos 3 grupos conversando ao mesmo tempo)

Emerson: Todo mundo em condições de começar?

(?): Sim

Emerson: Então só pra retomar , a Eliane abre a matéria depois a gente ouve a Vanessa com a Cintia, depois Simone com Lais, volto pra Eliane que faz um comentário sobre as entrevistas e fecha, ta? Lembrando, de forma espontânea, vai in::do, direto, não tem certo ou errado, é mais pra gente conversar um pouco sobre essas coisas

Vanessa: Não pode cortar a matéria e falar grava de no::vo?

Todos: Risos

Emerson: Vanessa

Eliane: O professor Emerson é simples “É só pra gente conversar sobre essas coisas”, e passar um aperto na gente

Todos: risos

Emerson: Vanessa, eu devo dizer que este é um programa ao vivo

Todos: risos

Emerson: A gente tem poucos recursos e a informação é rápida

Todos: risos

Flávia: Só uma coisa, é que eu arrumei outro microfone improvisado

Emerson: Ah temos dois microfones, é isso?

Flávia: É que o fio estava solto e eu tinha desistido dele, mas agora eu peguei

Emerson: É:: então ta bom. Podemos começar então?

(?): Podemos

Emerson: Três, dois, um

Eliane: Boa noite! Eu sou Eliane Vesper. E está no ar o jornal “CFP e você”. Nosso tema de hoje é a ética e as práticas grupais. Até meados dos anos 80 não se ouvia muito em falar de ética na prática profissional do psicólogo. Se discute que isso ocorria pelo fato de que psicólogos até então atendia mais as classes mais privilegiadas e depois disso se abriu mais para que os psicólogos pudessem atender os menos privilegiados, da classe mais baixa e com isso se fomentou muito a discussão ética do profissional, da prática profissional do psicólogo e principalmente das práticas grupais do profissional psicólogo e a ética. Nós estamos hoje com a repórter Vanessa que vai entrevistar a psicóloga Cintia. E a nossa reportagem continua com ela.

Vanessa: Boa noite, Eliane! Tudo bem?

Eliane: Boa noite!

Vanessa: É estamos aqui na Universidade Federal de Uberlândia, numa, numa, numa noite bem quente de terça-feira, conversando com a psicóloga Cintia formada na Universidade xxxx aproximadamente há 10 anos. É Cintia, boa noite.

Cintia: Boa noite.

Vanessa: Eu gostaria que você nos contasse um pouco sobre o seu contexto de trabalho que envolve as práticas grupais e que na verdade o quê que te levou a trabalhar com essas práticas grupais.

Cintia: Bom. É vou ta contando uma experiência antiga, um pouquinho antiga, aproximadamente uns dois anos atrás, quando eu trabalhava numa instituição. Uma instituição que atende pacientes portadores de sofrimento mental e que lá nosso, nosso campo de trabalho, a atuação era em grupo. E nós formávamos grupos de dez, entre oito e dez pacientes. E num dia, num dia desses grupos é aconteceu algo muito diferente, que não era muito habitual acontecer. Em geral os pacientes freqüentavam ambulatório eram pacientes que estavam sob o efeito da medicação e então eles eram pacientes tranquilos, que estavam com o processo cognitivo equilibrado, que tinham condições emocionais de participar dos grupos. Eles é aceitavam as orientações dadas nos grupos, no grupo, faziam as atividades propostas, assim ocorria tranquilamente. E teve um dia que de repente chegou um paciente que tava uns dias sem participar e ele chegou, e era um paciente muito alto, grande e chegou no grupo “E eu quero participar, porque eu amo minha psicóloga e que eu quero beija, quero abraçar e agora ninguém me segura e eu falei ‘E agora? Quê que eu faço, né?’” risos

Vanessa: Que situação.

Cintia: Que situação! E foi interessante porque assim o primeiramente eu pensei, eu faço o quê, eu fico no meu lugar ou eu corro né, quê que eu faço, corrê não tinha jeito, mas

Vanessa: Então você avalia que essa situação Cintia, seria uma situação que envolva uma prática grupal e que envolva um dilema ético?

Cintia: Sim. Sem dúvidas, porque eu estava ali prestes a sofrer um ataque né

Vanessa: aham

Cinta: e dentro de um grupo. E então foi um movimento interessante porque os próprios participantes, eles assim deram um jeito de me proteger, não deixar que ele chegasse perto. O outro já saiu correndo da sala e já foi chamar o rapaz que tomava conta do processo de segurança mesmo né. E então assim de uma certa forma eu não tinha como contê-lo, primeiro porque não tinha como fazer a contenção física, porque eu não tinha, não tinha como fazer isso mesmo; a questão da autoridade né, enquanto profissional não poderia usar também porque ele não estava em um estado equilibrado de funcionamento mental. Então eu me vi protegida pelos outros pacientes enquanto o outro, o segurança foi, retirou o rapaz e ele saiu aos berros falando “Ah, a vez que eu podia realizar meu desejo, ninguém deixa, deixa eu ficar aqui, eu quero” Então foi uma situação muito complicada e mas assim eu vejo que nessa situação eu não tive muito como agir de uma outra forma di, dif, diferente. Mas teve uma outra situação que envolve o grupo também, e que eu vejo que é uma questão, um processo ético também assim né, no comportamento mais adequado. Um paciente também que tava no processo que ele não, ele achava que não precisava mais a medicação e que há alguns dias eu vinha conversando com ele, falando que ele precisava retomar o uso de medicação e ele insistia em não continuar, em descontinuar o tratamento. E ele começou a questionar, tava no grupo, ele não queria participa, ele questionava. Começou a questionar outras situações que estavam fora daquele momento, as questões institucionais e então eu tive que usar de, da força da autoridade da profissional, falei assim ó “Pra você ficar AQUI você precisa respeitar as regras” Ele começou a alterar, alterar e não teve outro jeito eu tive que elevar a voz também e fazer com que ele entendesse a situação. As outras pessoas ficaram pasmas né, depois até comentaram: “Nossa, mas foi muito, foi ruim a situação”. Mas eu falei com ele: “Ou você aceita as regras ou você se retira da sala”

Vanessa: Cintia, então você está me trazendo duas questões né, que envolvem então é essa, essa sua vivência de práticas grupais. O quê que te levou a final de contas a querer trabalhar com grupos, como foi esse caminho percorrido após a graduação, queria que você me contasse um pouco sobre é, as suas escolhas até que levou a trabalhar com grupos.

Cintia: Sim, na, na instituição não existia muito um processo de escolha né, é uma forma de trabalhar da instituição. Então era um trabalho em grupo até porque a demanda era alta e não teria como trabalhar individualmente. Agora no consultório, eu gosto muito da questão do grupo porque, o grupo ele rende, o grupo ele traz outras, outras é outras demandas que a gente pode tá solucionando né, traz, traz vivências especiais, a questão da troca de informações e é algo que eu vejo que o grupo, num tamanho menor reproduz os comportamentos que esse indivíduo tem fora do ambiente e o ajuda também a solucionar alguns conflitos

Vanessa: Ok. Você nos trouxe dois episódios é de situações é que envolvia um dilema ético que você teve como experiência né. Você consegue se recordar de um outro exemplo que você teve uma vivência, uma, uma vivência, um dilema ético e que você considera que foi bem sucedida essa sua experiência? Como foi que você resolveu? Quais foram os recursos que você utilizou pra poder resolver esse dilema ético?

Cintia: Outras situações. Bom, eu

Vanessa: Porque uma situação foi essa em que você precisou de na verdade de usar da autoridade que você tinha, foi isso?

Cintia: Sim

Vanessa: Então você considera que essa sua autoridade foi um meio que você precisou tá lançando mão pra você atingir aquele objetivo que era a resolução daquele dilema, então você considera que foi bem sucedida. O OUTRO que você nos trouxe foi um episódio, mas que você ficou na verdade um pouco PROTEGIDA né. Você considera que foi bem sucedido, como você avalia?

Cintia: Ah, eu avalio que sim. Foi bem sucedido porque ali a intenção inicial era que ninguém se machucasse né. E que fosse, desse continuidade a atividade. Então eu acredito que foi bem-sucedido sim. Tem uma outra situação que eu me recordo também do local onde eu trabalhava, que desenvolvia estes grupos, tinha a piscina, porque tinha atividade com a piscina também e uma paciente num processo, processo de alucinação e não sabia nadar e queria entrar na piscina porque ela ouvia que tinha ali tinha um animal dentro que ela tinha que salvar, um animal que dependia dela, da ação dela, a vida do, daquele tal animal. E então eu tive que usar de um recurso que é entrar dentro da imaginação dela, da alucinação dela pra poder fazer com que ela não entrasse na piscina, né. Eu elegi um outro animal que poderia ir lá resgatá-lo e tirá-lo e ela aceitou, né.

Vanessa: Ahram

Cintia: Então assim eu usei um outro recurso que é entrar dentro da imaginação, da alucinação do paciente também pra poder mais uma vez é mais uma vez preservar a saúde, preservar a pessoa, a vida da pessoa nesse, nessa situação

Vanessa: Ok, Cintia. Te agradeço por você nos contar um pouco sobre essas suas práticas bem-sucedidas que envolvam dilemas éticos, tá. Muito obrigada. Boa noite. É com você Eliane.

Eliane: Ok, muito bem. Obrigada Vanessa, obrigada Cintia. Vamos agora com a repórter Simone que nos falará a entrevista com a psicóloga Lais.

Simone: Olá tudo bem? Boa noite Lais.

Lais: Boa noite.

Simone: Nós estamos aqui a exatamente dezenove horas e trinta minutos, no alto do Umuarama, falando da Universidade Federal de Uberlândia e a nossa psicóloga Lais, especialista em grupos, nós queremos falar que você nos diz alguma coisa referente a esse trabalho seu, que tipo de grupos você vem acompanhando, que nos interessa falar da ética, mas primeiro eu queria saber um pouquinho desse movimento que te, de, de clientela que você trabalha, se for possível.

Lais: tá Bom, atualmente eu trabalho numa instituição, numa instituição pública e que eu atendo adolescentes de 12 a 18 anos né, com alguma questão de álcool e outras drogas, tem que ter essa problemática

Simone: Que infringiram a lei

Lais: Não, nem sempre

Simone: Não necessariamente

Lais: Não. Pode ser usuário porque agora o usuário não está fora dessa lei né assim, só o tráfico que é. Então é que tenha feito algum tipo de uso ou que FAÇA uso. Então a gente acaba recebendo muitos pais, que aí a gente tem que avaliar isso, que as vezes um comportamento de um aluno que as vezes faltou a escola dois dias os pais consideram isso como está usando drogas, né. Então eu trabalho com uma clientela que na verdade

QUALQUER coisa que eles façam pode ser uso de drogas. Então aí a gente tem que as vezes ouvir né, ficar, oferecer mesmo a escuta pra saber o que que é isso assim. Então uma clientela também onde se é desconsiderado todos os outros fatores da vida deles e é só colocado foco em um deles, né. Então a mãe vai lá levar um filho, a mãe vai lá levar, ou o vizinho vai levar alguém. Mas assim quando você vê a estrutura, a família, todas essas coisas isso não se fala, mas fala que tem a droga. Mas não falam outras coisas que tem ou aliás outras coisas que não tem, que ta faltando. Então assim é trabalho com esses adolescentes, é um público difícil porque é um público que não é como adulto, ele não tem sofrimento pelo uso, ele não traz, não é crônico ainda esse uso, ele não traz um sofrimento disso. Olha assim, porque eu fiquei um mês no xxxxx que aí era de adultos também com a mesma problemática. Então são pessoas mais velhas que aí trazem essa questão de a olha quanta coisa eu perdi. O adolescente ainda não perdeu nada ainda, ainda ta conquistando um monte de coisa ainda, aliás com a droga ele ganha um tanto de coisas, ele num perde. Pelo menos no discurso deles.

Simone: E isso já traz, faz você pensar num dilema que traria movimentos é anti-éticos no, na condução do próprio grupo, como é que é isso pra você tratando-se de uma problemática

Lais: Eu acho que é o tempo inteiro né. Eu fiquei quando o, quando fui ouvir essa questão é de um retorno ao grupo, como pensar sobre esses grupos né, de pensar numa situação. Eu acho quase impossível conseguir pensar em uma situação, porque eu to lidando com uma coisa que tem 90% da população pra falar que é errado, é um tanto da população pra dizer que a gente não devia atender esse grupo né, porque eles não querem nada com nada. Então a população que faz assim, que chega pra você num dia e diz: “Olha eu roubei, eu matei ontem”. E aí você fica no grupo: ‘Então ta, né quê que eu faço com isso? Eu sento, escuto, porque essa pessoa veio pra me dizer isso e aí é uma maneira de eu vincular e essa pessoa continuar a vim OU eu faço como todas as outras pessoas fazem, ligo pra policia, aí vem e pegam, internam e não adianta nada?’

Simone: Eu quero saber

Todos: risos

Simone: desses momentos seria possível

Lais: Tem um tanto de momentos na verdade né, são coisas assim que são pra quem ta coordenando grupo é uma realidade muito diferente, muito é não tem nada que eu me familiarize assim um pouco com a histórias deles. Então fica um pouco distante. É eu estou num grupo em que a única pessoa que se choca sou eu, não os outros

Simone: Isso pra você é considerado não ético, pra você? Se chocar num ambiente onde você precisa

Lais: Não é isso. Até, vai passando o tempo você já não tem mais aquela coisa assim, é até estranho, não fica tão absurdo mais, já vira algo cotidiano, a gente acaba

Simone: inaudível você tem pensado no que você adquiriu no decorrer desse tempo pra se sentir mais a vontade?

Lais: Tenho utilizado não cair muito no senso comum inaudível

Simone: Explica um pouco pra nós, as vezes as pessoas não sabem, o que é considerado senso comum?

Lais: De ouvir falar assim “Olha eu roubei” e aí já não pensar mais roubei pra quê, roubei como, que dia que foi, qual foi a situação e apenas dizer assim “Você roubou, ta errado, não se faz isso”, né. Isso eu acho que a maioria que faz né. E eu fico pensando no QUANTO eles

chegam até esse grupo pra mesmo pra como é que eu vou te explicar isso Pra FALAR algo assim, pra quem, geralmente nosso grupo sempre são duas pessoas, pra dizer pra nós o que nós não sabemos, pra dizer pra nós até quando vocês agüentam a gente, sabe? Porque ninguém agüenta, vocês agüentam?, vocês vão ouvir isso?, né. Então a gente acaba escutando coisas que depois a gente vai se adaptando aquilo, parece absurdo, mas você se adapta aquele contexto, né. E aí a gente já começa a pensar, né. Então assim “Ah, eu roubei”, então vamos lá, o quê? o quê que você roubou? De quem? Como é que foi? É quando é que começou? Você gosta? Porque tem o prazer, as vezes num é pela necessidade, as vezes é pela necessidade, as vezes o roubo é pelo que eles falam adrenalina, “Não tem nada que me dá mais adrenalina do que fugir”, né. Então assim, tentar descobrir outras coisas e não ficar só numa fala que eles escutam em qualquer lugar

Simone: Então, pensando em um movimento positivo, que você deu conta de entender-se com essa questão, é o que que você pode identificar de positivo numa postura que você tenha tomado, num momento desse que você tá em luta constante com as suas próprias questões.

Lais: Eu não sei avaliar se foi, se uma coisa foi bem sucedida ou não. Eu não sei como, assim quando eu paro pra pensar nisso, bem-sucedido, eu não sei, não sei se foi. Eu não sei porque em vários momentos quais são os recursos na verdade, algumas vezes eu fico calada, outras vezes então eu atendo meninos ligados a umas instituições que vem pro grupo e conta abuso de poder, abusos, é abuso, é absurdo e aí eu fico calada, fico e acabo, o que acaba sendo essa continência pra mim acaba sendo a equipe que eu trabalho e não minha vontade, meu ímpeto de levar isso pra fora

Simone: E isso pra você é considerado uma questão não ética? Apropriar de uma orientação que não é SUA, que tem uma questão maior, como se parece isso pra você

Lais: Então eu sinceramente não sei responder se aquilo, a conduta é correto ou não. Eu sei que eu penso a, eu acho que ética tá muito relacionada a situação, ela não é pré-definida, não tem um roteiro, ninguém me explicou um roteiro quando eu entrei lá dentro o que eu posso falar e o que eu não posso. Eu considero que que é assim, isso eu vou tentando trazer pro grupo mesmo, eu falo “Se vocês estão me contando isso, é pra quê? Vocês acham que eu devo ir falar? Vocês acham que é melhor eu chegar lá e olhar pra essas pessoas que estão acompanhando vocês, que são agentes, são essas pessoas, e falar disso? Vocês acham que”, assim, eu tento buscar deles porque eu não tenho a resposta, eu não sei, eu não sei se adiantaria uma fala minha, não sei se adiantaria o que, eu não sei, não sei se é positivo, se eu estou fazendo certo, eu não sei, né. Então assim eu tento trazer deles assim. E o que eles me dizem é só “A gente precisa falar disso, a gente precisa que alguém mais fique sabendo...”

Lais: a gente precisa alguém mais fique sabendo então tá tem mais duas pessoas além de vocês que tão fora daquele lugar que não entram naquele lugar que sabe o que acontece então a gente vai ficando mesmo com essas discussões dentro do grupo e como que eles podem se movimentar a partir disso.

Simone: diante dessas informações que a senhora gentilmente nos passa é importante que eu pergunte essa questão que me veio sobre as questões da sua pessoa como profissional se você considera frustradora essa sua posição, eu queria que você falasse um pouquinho o que você pensa em tentar avaliar agora que assim porque você pode considerar um movimento novo como você lida com a sua frustração diante desse quadro que você

Lais: Eu acho que de toda maneira se você tá trabalhando com pessoas você tem que lidar com sua frustração se não você tá realizando o seu desejo e não o do outro né então assim se eu avaliar que eu não sei frustrada então eu to realizando é o meu desejo? Né então eu acho

assim muito difícil falar que eu não sei frustrada de alguma coisa, acho quase impossível não sei frustrada de algum grupo, eu tenho assim o tempo inteiro o paciente não vai responder ao seu desejo se responder vai tá errado né mas acaba você falando assim mas tá respondendo é o meu? Eu tenho cuidado comigo mesmo, o cuidado comigo é outro de terapia

Simone: tá uma delícia mas nosso tempo acabou, E.

Eliane: nós percebemos aqui como o grupo desenvolve uma relação mútua no relato da psicóloga Cintia e com que o profissional às vezes ele acolhe outras vezes ele é acolhido né e essa postura ética ela muitas vezes emerge até do próprio grupo o profissional está em dificuldade mas a postura ética parte do próprio grupo, muito interessante perceber isso na entrevista da repórter Vanessa e saber que o profissional em algum momento ele deve tomar uma postura mais enérgica em determinada situação e que naquele momento eu penso isso não deixa de ser ético né. Vimos também dentro de uma outra postura grupal que é muito importante a escuta é importante conhecer as necessidades do grupo antes de fazer nossas grandes avaliações éticas e a partir daí a partir da necessidade do grupo buscar a melhor solução e procurar entender o profissional a pessoa do profissional o grupo que tá ali buscando uma solução sem cair no senso comum, eu quero agradecer a audiência de todos muito obrigado e até a próxima.

Aplausos

Emerson: vamos conversar

V: vamos

Emerson: como é que foi participar como é que foi ouvir o que foi dito seja da pessoa da sua frente seja da apresentadora o que passou na cabeça de vocês

Simone: é um momento ímpar um não vivido se colocou diante de mim e eu fiquei assim tomada por essa figura de repórter fiquei querendo basear na colega diante das considerações diante da presença que ela teve e depois eu esqueci dela não quis colar mais porque eu não dava conta mas eu fiquei me emocionei me com a expressa da colega eu me envolvi foi muito real pra mim eu me senti assim num esquema bem interessante no mínimo interessante.

Cintia: achei interessante essa questão da troca né das funções das profissões e ver que todos nós temos potencial diferente né que pode ser explorado e gostei muito de ouvir o relato da Lais falando sobre esse tipo de atendimento e é algo que aí entra muito a questão ética né que se questiona que é a nossa função de fazer diferente aquilo que os outros já fazem, então o outro chega e fala assim não pode roubar não pode matar então vou chamar a polícia pra te prender e daí né e daí ele sai de lá e vai continuar fazendo e nossa função é tentar ajudar ele entender porque ele faz até chegar o momento q se realmente ele vai querer para ou não de fazer aquilo achei bem interessante essa discussão e achei legal q eu realmente eu me senti realmente entrevistada achei que eu tava vendo as câmeras a atmosfera mesmo achei legal.

Vanessa: achei assim a dinâmica muito interessante muito legal fiquei nervosa uma coisa que eu faço todo dia cheguei aqui hj mesmo eu já fiz dez entrevistas chega pra entrevistar e que que que que (risos de todos) mas acho muito legal mas uma coisa que mexeu muito comigo foi na hora dos relatos eu fiquei né se fosse eu que eu ia fazer que eu acho que é um questionamento que frente a dilemas éticas que antes de criticar questionar foi até uma coisa que nós colocamos relacionar a empatia que é se colocar no lugar do outro que quando as meninas estavam relatando ah o relato delas riquíssimo eu me fiz essa pergunta e agora né?

Simone: parece tão verdadeira assim elas usaram..

Laís: mas foi verdadeiro gente

Mario: hheheheheahhaha

Vanessa: você pensa que situação difícil que eu passei vê a do outro nossa a minha é facinha e a delas?! É muito engraçado isso eu gostei muito exercício muito gostoso.

Eliane: é foi bom a gente estar nesses papeis diferentes mas assim uma coisa que eu quero falar agora é pensar na prática do psicólogo de ta ali no vamo ver mesmo eu tenho um questionamento na minha mente assim vale mais uma coisa que ta no código ou uma coisa assim uma coisa que ta no código não só no nosso código né do grande código que é a ética a moral a lei a norma né vale mais isso ou o aqui agora, hora que to ali com a situação que eu faço.

Laís: eu acho que a gente não segue código são ações assim que se me perguntasse isso eu não faria assim, mas eu faço porque eu conheço a cara eu conheço o jeito de quem ta falando

Eliane: porque a partir do que eu faço agora eu vou evoluir eu vou evoluir enquanto o meu cuidado com o outro né acho que isso também é ético e ai pronto a gente vai abrindo um leque quando a gente vai pensando nisso tudo, as vezes eu deixo de seguir uma norma mas eu evoluo de outra forma naquilo que é importante naquele momento

Cíntia: é interessante por exemplo nesse contexto não foi comigo mas foi com uma colega de trabalho tinha também uma paciente alucinando e ela começou a estrangular-se ela pegou e começou a estrangular com uma mão ela apertava com a outra ela se batia e ela ficou naquela o que que eu faço e pá pá pá bateu na cara da paciente e ela voltou que aconteceu? É ético bater no paciente, não, porque naquela situação era porque ela ia se manter na frente daquela proissional mas a vida nen é assim é o que mais vale

Laís: eu fiquei pensando muito na fala da Eliane quando ela começa assim desde a década de 80 de onde que é

Eliane: eu falei pro professor Emerson eu vou colocar uma coisa aqui que eu nem sei se é verdade

Laís: pois é foi isso que eu fiquei pensando eu acho que o crp não descobriu o grupo até hj

Simone: éeeee

Mário: hehahahhea

Eliane: eu tava (inaudível) um trabalho eu tava mexendo lá só deu pra mim ler a introdução do trabalho que eu queria ler todo ai foi hj a tarde ai falava disso que as discussões éticas elas agora tão mais comentadas porque praticamente não se fazia muito isso porque os grupos atendidos as pessoas atendidas eram de um nível social melhor. Então não se discutia muita a ética, agora que desceu pra camada mais

Simone: qual que é o significado até agora eu to aqui por entender?

Eliane: porque que se fala mais em ética hj?

Simone: qual o significado do não se falar tratando-se de pessoas mais ricas.

Eliane: então gente eu vou ler mais o trabalho

Mario: hhehaheeaha

Simone: haheahea

Laís: sabe que eu fiquei assim você falou isso me deu vontade de acrescentar o texto nosso CRP não descobriu em 2010 que existe grupo nosso código de ética você não se fala em grupo

Eliane: em grupo

Laís: você fala de instituição que você tem que guardar anual que você tem que guardar prontuário tem que guardar um tanto de coisa ele não fala de grupo ele esquece de grupo ele não fala de um mecanismo que ta sendo pedido pela saúde mental, não dá, nem se você quiser você não pode atender individual todo mundo você não consegue e ele não pensa sobre grupo.

Eliane: justamente por causa da demanda né

Laís: e grupo pode gerar tanta coisa tanto processo e não se pensa no grupo

Simone: quem não se pensa em grupo

Laís: o CRP nosso código de ética já olhou pra ver o que ele fala de grupo

SIMONE: eu to falando assim em questões que não vai avaliar não vai ter o que que falta pra se tratar em grupo e o CRP não ta vendo pra vocês

Laís: eu acho que o CRP fica muito preso na documentação, quantos dias quanto tempo você tem que guardar o que você tem que fazer o sigilo e essas coisas ele não te coloca

Simone: mas o que que seria a sua sugestão agora que te surge na cabeça pra que possa ser colocado se a gente pudesse fazer uma colocação assim na hora vamo pegar todas as pessoas que trabalham nessas instituições com grupo pegar pra fazer um código de ética pra nós qual seria a sugestão que você daria que já ta colocando ai na sua cabeça?

Laís: quer colocar alguma coisa? (para Eliane)

Eliane: eu acho que primeiro a gente tinha que definir que a gente pensa que na prática grupal sai emerge algo diferente

Vanessa: eu acho que eu acho só um minutinho Eliane, eu acho que acho que na verdade o CRP teria que ir até um pouco mais longe que foi uma questão que eu trouxe pra Flávia na entrevista é que é entender que quando eu falo de uma relação de sala de aula quando eu falo de uma relação essas relações eu tenho entendimento de que todas já são grupo é onde existem duas ou mais pessoas é grupo já seria essa mínima definição do que que é do que que se entende por grupo pra poder ser pensado essas questões éticas de grupo porque de repente a gente fica tão viciado é é tão acostumado a pensar que grupo é só uma coisa e existe uma amplitude de grupos

SIMONE: mas acho que são discussões como essas que ta ocorrendo aqui que são que pode ser o começo de uma grande nova era né, eu queria escutar você naquela pergunta (para Laís)

Laís: eu acho que uma das coisas assim que não se considera eu acho que toda a rede de saúde mesmo é primeiro você faz uma avaliação é de paciente por paciente você não faz avaliação grupal, p

rimeira coisa, você guarda prontuário de paciente tal você não guarda sobre o grupo x né e isso eu acho já desconsiderar o grupo isso eu já acho desconsiderar (Simone entra auqi) que surge alguma coisa

Simone: seria anti ético se surgisse alguma coisa dessa dessa desse profissional que se fosse fazer conduzir desse jeito seria antiético?

Laís: não eu acho assim a questão por exemplo se a gente pegar o que o CRP trata com maestria o que ele adora fazer falar sobre documentação primeira coisa lá não é considerado que você está em grupo não é considerado que você tá nesse grupo aqui por exemplo é considerado que tem que falar da Simone no papel sabe assim não te coloca em relação com o outro te coloca sempre sozinho sempre sozinho e eu acho que já vem desse é já na faculdade eles não te ensinam sobre grupo eles não falam sobre isso a faculdade não sabe lidar com grupo ela não sabe lidar com a sala ela não sabe ela não sabe ver as questões daquela daquela sala né e eu acho mesmo que essa questão do sigilo acho que é uma coisa que devia ser tratada na questão do grupo o que que é esse sigilo como é que a gente faz a gente pode juntar um tanto de instituições dentro de um grupo pra falar sobre aquele grupo porque pra falar sobre um paciente sozinho a gente tem a gente junta a escola a gente junto isso a gente junta aquilo mas e pro grupo que que a gente que que a gente articula pra esse grupo esse grupo é pensado ele ele é valorizado só que nem dentro da instituição é valorizado quando você pega código (Eliane começa a falar: se se) de ética que uma das práticas é o grupo

Eliane: será que acredita que do grupo emerge algo diferente do que quando tá trabalhando com um só se acredita realmente nisso que é uma prática diferente

Simone: é e falar em grupo já é tão estranho imagine em grupo de instituições fazendo um um uma voz

Laís: eu acho que a gente entra naquela coisa bem antiga mesmo sujeito suposto saber com o grupo não se aprende nada só com eu só comigo que sou profissional que me formei que tenho essa e essa e essa titulação então do grupo as próprias pessoas que participam do grupo não trazem não trazem nada que isso imagina eles tem um conhecimento que eu não tenho de jeito nenhum o grupo que eu trabalho um conhecimento que eu chego nem perto não sei eu só vou coordenando algumas falas só pra tentar juntar algumas coisas não pra trazer alguma coisa eu vou pegando uma fala aqui pega uma fala da Vanessa pega e fala ó vamo aqui gente

Eliane: relato da silvia no momento ela não soube o que fazer e o grupo teve que tomar a postura

SIMONE: quem tava com autoridade lá

Eliane: é teve que sair do grupo que resolveu a situação que se não fosse do grupo teria saído algo

Simone: já pensou se começasse a surtar todo juntos

Eliane: acho nessa tem que segura

Laís: eu acho até que umas questões no CRP igual a gente fala de um terapeuta na sala eu acho que uma questão de grupo deveria ser proibido entrar apenas com um terapeuta na sala acho impossível você não da conta pega uma situação dessa você tem que sair o grupo não não contém não tem continência você tem que sair então assim quando você tem um co terapeuta então é outra história

Vanessa: e o grupo então as vezes você acaba ficando sujeito de uma situação política né que

Laís: não tem dinheiro pra contratar esse tanto de gente

Vanessa: e você tem que atender

Laís: isso não entra na questão da ética

Vanessa: isso

Inaudível

Laís: mas assim não se considera que é necessário que um co-terapeuta é necessário, senão não seria aqui quatro pessoas pra três (referindo-se a equipe de pesquisa) então sabe assim é um coisa tão absurda você pensar que você entra numa sala com sete oito pessoas sozinho e a instituição fala que você tem que ir sozinho que você da conta que você é o sujeito suposto saber

Simone: se pois é precisa fazer então

Vanessa: daí eu acho que cai naquela questão que as vezes até a Eliane tava comentando, de quando a gente faz e extrapola um pouco dessa ética maior então eu acho que o psicólogo nós damos conta até certo momento né de de extrapolar extrapolar e e eu vou fazendo o que eu do conta

Eliane: vai amparando amparando

Vanessa: é chega um momento que eu não sei se a gente da conta de

Simone: e seria pra gente pensar

Vanessa: daí a ética do conselho extrapolar a ética desse grupo maior que é a sociedade que a gente ta inserido e a gente se sente enfraquecido

Laís: eu fico sempre eu tenho uma pergunta sempre comigo quando eu vou atender eu to atendendo quem eu to atendendo a instituição que eu trabalho, eu to atendendo essa pessoa que ta aqui na minha frente ou eu to atendendo o conselho eu atendo que ta na minha frente eu não entro pra um grupo sozinho de maneira nenhuma que daí é achar q eu posso demais né que eu acho que a gente corre esse risco mesmo de entrar nessa figura nesse lugar que vai dizer que não se afeta acho muito difícil você não se afetar o que você me traz vai me afetar de alguma maneira e ai eu não ter o apoio de uma outra pessoa ali por perto, acho muito difícil é assim, então a quem eu to atendendo porque as vezes a gente atende à família como ee, eu principalmente eu to num lugar que trabalha com criança que eu to atendendo família porque eu não to atendendo aquela pessoa menor de idade que ta na sua frente porque não tem direitos porque é um lugar onde eu trabalho que as pessoas não conhecem o estatuto da criança e do adolescente você ta trabalhando pra quem, não é pra criança e pro adolescente você tem que conhecer ao menos pra quem que eu trabalho eu trabalho pros adolescente, eu não trabalho para a prefeitura eu não trabalho pro INSTITUIÇÃO eu não trabalho para a família daqueles meninos eu trabalho pros adolescentes eu não trabalho pro C(instituição para menores em conflito com a lei) eu trabalho pra eles

Vanessa: e isso

Laís: ai isso é a questão ética assim sempre principalmente

Emerson: deixa eu fazer uma pergunta pra vocês é eu to vendo vocês convsarem eu to ouvindo vocês falarem de uma ética que as vezes é uma questão técnica uma situação concreta as vezes se refere uma questão de valor não eu posso me colocar ao lado desse valor eu não posso me colocar ao lado desse valor que esse paciente me traz e eu vejo além dessas questão que ética é essa eu ouço vocês falarem sobre quem contar para agir, né o CFP o código de ética da conta ou não da conta precisamos mudar ele poe coisa nova não poe, a equipe me apoia não me apoia o que ela faz comigo a politica pública de contenção de recursos humanos e contenção de serviço gostaria de saber com quem vocês contam em quem vocês se baseiam para reagir e enfrentarem essas situações

V: eu acho que o caminho do psicólogo é muito sozinho eu tento eu acho que até hj eu não me desvinculei da instituição de ensino da ufu por causa disso, as vezes você vai pra grupo de estudo daí você vê que num o é muito fraco, e você fica e agora e meu caminhar e você tenta se apoiar com seus pare que ta ali no seu dia a dia no seu cotidiano que ta passando por aquelas questões que você passa tb, mas eu acho que nosso caminhar é muito só então eu penso dificuldade as vezes com quem eu vou me comunicar tem alguém que possa caminhar junto comigo que possa me dar algum algum respaldo sobre essas ações né eu acho é assim eu ainda não consegui encontrar sabe acho um grupo um grupo de estudo poderia ser um apoio nesse sentido mas..

Eliane: eu acho que na no primeiro encontro da gente a silene em algum momento ela tentou por isso pra fora na semana passada que na hora do vamo ver mesmo é a gente já tem uma postura dentro da gente que vai ser desculpa certo ou errado mas vai ser o que vai acontecer na hora então cada um carrega consigo um pouco disso

Cíntia: eu vejo uma questão dos próprios valores que atrás do profissional vem a pessoa

Eliane: exatamente

Cíntia: dentro da instituição eu vi outros hum especificamente uma profissional da área fazendo coisas que olha eu jamais faria isso não só porque eu sou psi porque eu sou gente eu jamais faria isso com alguém sabe então assim acho que marca muito isso são os valores pessoais, tanto é que depois essa pessoa com o tempo ela parou de agir dessa for ter uma conduta que era desumana porque ela mudou a percepção dela foi por causa do código de ética não foi vivencia dela, por causa das experiências que ela teve fez com que ela visse as pessoas de uma forma diferente mas eu também sempre eu penso muito nisso que o que no nos norteia são os nossos valores pessoais e ai de acordo com os nossos valores eu vou agir ou não de determinada em determinada situações de acordo com o que o código me ensinou ou as vezes a gente nem lembra de código as vezes a gente nem lembra por exemplo nessa situação eu queria preservar a minha integridade física eu vou lá pensar que feio a psicóloga correndo que se dane eu vou é correr esse cara me pegar vou correr então assim eu creio em penso muito essa questão dos valores pessoais mesmo que no primeiro encontro eu não tive a oportunidade assim na hora de falar de aprofundar muito nessa questão a silene a té comentou falou sobre a possibilidade de não existir código de ética e cada um se governar-se no seu próprio modo né de uma certa forma acaba sendo isso mesmo mas a gente ainda pensa bom eu agi dessa mas será que eu fiz certo depois é que eu vou mas tem um referencial aí eu fico pensando só um dia quando a gente for quem sabe igual a Chico Xavier igual a Jesus pra não existir nenhum nenhuma coisa externa pra nos nos guiar eu também acho que eu concordo com você não existiria nenhum tipo de código seria assim

Vanessa: eu acho que só da gente para e pensar né tem essa coisa de valores depois a gente para e a gente pensa será nossa que eu fiz certo será que eu fiz errado ai essa é uma experiência que eu acho que numa próxima ação frente a uma situação semelhante ele vai ser um significador né

Cíntia: é

Vanessa: eu acho que a gente tem sim isso de agir pelos valores pessoais mas eu acho assim se a gente não tem um apoio uma ética profissional ai é aquela questão que eu falei pra vocês eu acho que cai muito na questão do senso comum sabe as vezes e ai de senso comum por senso comum não sei se precisaria da figura do psicólogo se eu to agindo pelos meus valores pessoais e to desconsiderando meus valores profissionais

Simone: mas não necessariamente a minha colocação tinha essa desconsiderar porque nós vimos de uma trajetória onde nossa própria escolha como profissional foi olhar para um lugar considerar a forma na na na você deve ter tido 30 40 colegas cada um se orientou por um lugar nesse lado que eu quero clarear que não é a questão de de ainda falei não é questão de rebeldia de me declarar abrir as porteiças não é isso mas eu falo que esse essa questão não faz parar uma pessoa ah ah que não ética entendeu

Vanessa: uhum

SIMONE: então é esse princípio que é interessantes da gente condiserar a lógica nos fala todo dia tem aquela questão lá daquele médico tem lá no seu código de conduta ética e na medicina isso é muito mais falado muito mais cogitado num por isso ele não parou hehh foi re re refez o mesmo delito

Vanessa: várias vezes

Simone: então é interessante é esse ponto que eu considerei não desconsiderando não descartando mas a própria instituição psicólogo a própria formação nos orienta tao pouco eu me fiz eu eu me senti assim extremamente desamparada igual a palavra que você usou, extremamente solitária na minha prática, se eu não tivesse corrido atrás de me especializar de arrumar uma orientadora imagina acha que se eu chegasse pro paciente é capaz que eu corria hehahhahh eu não posso me entender com esse lugar que não é considerado não tem ninguém vigiando e ai mas eu tenho aquela lógica q me orientava que eu não poderia ir sem recursos senão eu ia abrir uma tenda e colocar ali ela lá então esse foi o meu lado que eu falei eu tinha essa necessidade não sei se outros tiveram mas eu corri atrás noo preciso de uma orientação e foi supervisão mais de ano na minha prática com pessoas que tavam trabalhando já tinha nome etc isso achei que me pautava de alguma forma.

Laís: eu vou retomar sua pergunta eu conto muito com a equipe se uma decisão pode ser tomada depois eu espero eu espero assim quem ta comigo no grupo e a própria equipe toda que trabalha com esse público a gente conversa eu faço a supervisão sozinha então eu acho que eu não consigo sozinha eu acho que não senão vai só pela minha ideia né a minha ideia do que eu acho que é melhor né ai eu acho que não da muito certo então assim é sempre buscando esse questão da equipe até mesmo para se apoiar porque se a questão é mais séria do que isso então é uma questão que que é da vida do sujeito né então eu tenho que me assegurar de outras formas porque tb ficar calada numa situação difícil não não é como é que a gente faz então vamo vamos contar com outras instituições vamos abrir isso pra alguns lugares assim e é isso assim sempre conto com a equipe acho que sozinho num acho que não da

Cíntia: e eu penso que interessante na qual você está inserida tem esse cuidado antes de você chegar que é diferente onde eu trabalhava é você sozinha e vai fazer é assim que faz era o jeito do dirigente não não para de frescura precisa de nada disso que você ta pedindo não vai lá sozinha da conta pode ir assim é da instituição tb

Emerson: o que que você tava pedindo

Cíntia: assim várias vezes pedia oh oh é condições melhores de atendimento né assim um maior respeito com o próprio paciente que as vezes faziam mudanças mudava de horário mudava de médico sem perguntar pode mudar que você aceita esse tipo de mudança a psicóloga agora você não vai atender esse mais não agora é o outro que vai atende etnão assim são questões e'ticas dentro da instituição então assim ta ao meu alcance muitas vezes fala assim ou é assim ou então sai ou aceita ou você não pode ficar na instituição então assim a opção que a pessoa tem q faze e quando a gente sai desse faze solitário que é da da do

consultório a gente se depara com muitas questões né assim que vão surgindo outras ideias mas 'é muitas vezes a pessoa ah vou te denunciar no CRP ah tá bom então denuncia não eu né a outra a outra pessoa que fazia coisa errada ninguém fazia ficava por isso mesmo amarrar paciente sendo que não podia ah tá fazendo coisa errada isso que é do quadro do paciente não vou te amarrar lá você fica lá quietinho não me dá trabalho que eu quero ficar aqui quieta sabe então assim questões éticas e graves mas que até certo ponto e aí eu fico calada o que eu faço eu quero preservar meu emprego eu sou recém-formada eu não quero sair daqui eu não quero pedir demissão meus direitos tb mais questões mais questão ética

Vanessa: que é a própria questão às vezes a gente até suporta por um determinado tempo até chegar um ponto que então a gente faz a escolha ou eu vou lá vou denunciar

Cíntia: eu saio

Vanessa: ou eu vou sair daqui iii

Cíntia: é é é

Vanessa: que não me cabe aqui mais que entra os valores pessoais

Cíntia: valores

Vanessa: às vezes até suporta por esse tempo agora não vai dar mais

Laís: é talvez a instituição pública favorece isso assim porque lá dizendo claramente pode quebrar o pau que ninguém é mandado embora né então você vai lá você fala você briga questiona mas aí funcionamento de instituição você não tá atendendo grupo porque eles acreditam que grupo é a melhor coisa porque não dá pra atender individual todo mundo porque senão eles podem reclamar do serviço então é considerado foi uma briga muito grande isso não onde eu estou mas no outro instituição que eu estava o médico abria a porta do grupo sem pedir licença e chamar o paciente porque ele vai atender então assim é consideração zero com o trabalho que você tá fazendo já de abrir o grupo abrir a porta do grupo e assim tem uma pessoa que tá falando de algo que é muito difícil pra ela tá emocionada e alguém chega e fala tal pessoa consulta é agora quebra tudo e aí você espera porque o saber dele é mais importante o horário dele é menor então ele tem que ir então eu acho que isso a gente vai

Cíntia: você levantou outra questão a questão do é ético tb as questões éticas deveriam também nortear o trabalho interdisciplinar mas não existe o médico eu ouvi uma reunião

Alguém: um deus

CÍNTIA: é o médico tá lá em cima uma reunião a psicólogas solicitando melhores condições melhor salário e a pessoa falar assim olha aqui funciona sem vocês sem o médico não então assim é deveria ser uma questão ética ser tratada como um profissional de igual poder mas não é assim

Vanessa: daí a gente lembra da força retomando novamente a questão do conselho da força de um conselho médico que luta

Cíntia: e da força de um conselho como o CRP que não faz nada que não ajuda nessas questões pelo menos não me ajudou enquanto eu tava

Emerson: olha só eu tô ouvindo vocês e eu tô pensando o que eu aprendi com vocês nessa conversa hj né é para mim tem uma questão forte da inserção institucional promovendo ou trazendo obstáculos para a promoção do trabalho em grupo e por uma vivência ética seja para o participante seja pro próprio profissional então eu acho que tem uma sensibilização que

precisa ser feita em diferentes níveis qd a gente fala desse trabalho institucional não é só do manejo ali das situações mas tem a ver com a equipe a equipe e com a própria organização do serviço né que outras possibilidades ou não para que esse trabalho tenha uma maior cuidado ética eu to falando cuidado ética porque eu tava ouvindo vocês falarem muito sobre qual é a ética que você usa é a do valor pessoal é o que você faz na hora é a que ta no código mas eu ouvi vocês varias de vocês falarem as vezes é o valor que você tem mas depois depois você vai pensar sobre isso depois você conversa com a equipe sobre isso depois você vai cuidando disso daí isso fez sentido pra mim de que não se trata apenas de um ato ético mas de um processo ético

Vanessa: é

Emerson: ou seja a gente pode voltar atrás em algumas coisas a gente pode refazer mas é não tomar aquela ação como absoluta em termos da resolução do impasse da dúvida da questão mas manter uma reflexão sobre aquilo então é ter oportunidade de contar com a equipe falar com o colega ter mais alguém que ajude você a pensar que ter seguido instintivamente aquele valor que você tem que aquilo foi algo que foi interessante que foi interessante ou se aquilo também tem alguns problemas que devem ser revistos né e daí na minha cabeça começou a funcionar essas distinções entre ato ético e processo ético sobre qualquer manejo do trabalho grupal desse jeito que ta rolando na minha cabeça depois das coisas que vocês falam

Laís: eu vejo ética como uma coisa muito situacional mesmo eu não consigo ver é assim que você tem que fazer se acontecer isso e isso como você vai agir não acho que é uma coisa pronta não acho que depende muito da situação depende muito é da relação que surge ali na hora não é não vem pronto acho que não vem pronto eu acho que é mesmo um agir eticamente não é ter ou não ter não é uma coisa que se tem ou não eu acho que você age em determinada situação tal dessa e dessa forma.

Mário: em relação a esse ponto que você trouxe Emerson sobre o processo teve um momento do grupo que me marcou que foi quando eu tava conversando com a Cintia e a Laís e a Laís me perguntou assim que me falou que não sabia se a decisão que ela tinha tomada tinha sido um recurso pra resolver a situação ou não e essa pergunta dela foi uma pergunta que faz gaguejar e eu acho que a pergunta que faz gaguejar é uma pergunta boa que você não responde de uma vez tem que para e pensar um pouco eu acho que a resposta que eu dei a ela foi um pouco nesse sentido que eu acho que é eu falei assim é esse o objetivo mesmo de movimentar os sentidos sobre se foi ou não foi e eu vejo o que o Emerson falou do processo ética nesse sentido você com sua equipe com esse grupo com um grupo de estudo com um outro profissional né com uma supervisora procurar movimentar esses sentidos pra poder é ter mais recursos né pra poder pensar sobre ética e uma outra coisa que a Vanessa trouxe que eu achei muito interessante que ela falou uma hora ela falou que ela se colocou no lugar das pessoas enquanto ela tava fazendo a entrevista eu achei isso muito e logo depois ela falou de criticar e questionar eu achei esse raciocínio muito interessante a gente não precisa pensar a ética apenas pelo criticar e pelo questionar mas também por esse processo de se colocar no lugar da pessoa

Vanessa: é

Mário: pensar ética criticar questionar faz parte mas há um outro movimento que é muito interessante que foram esses que vocês foram trazendo conversar com a equipe conversar com outras pessoas um pouco do que o Emerson perguntou com quem a gente pode contar eu acho que esses dois momentos me marcaram agora né teve muitos outros mas acho que esses dois me marcaram muito das nossas falas

Flávia: e aí Mário pensando um pouco isso que vocês acabaram de trazer eu fico com a perguntinha talvez que faz guaguejar que marcou esse encontro e agora é essa pergunta que eu saio daqui e agora aí eu lembrei do meu sobrinho de dois aninhos que quando ele não sabe o que fazer ou quando ele vê algo diferente algo estranho ele vira pra mim e faz assim com a mãozinha gora gora e agora e aí é a gente de certa maneira foi estruturando é respostas para esse e agora acho que são respostas momentâneas que a gente consegue responder no momento e eu fui vendo que a gente precisa de apoio e que apoios são esses às vezes é o código e às vezes problematizando esse código é pensando em equipes que são nosso apoio tb que pode fazer parceria com a gente que são até valores pessoais que a gente traz e é negociado na situação outro apoio talvez seria uma formação interdisciplinar que discuta a questão ética ao longo de todo o curso mas não deixe estancado numa única disciplina não como um produto ético mas como um processo que vai sendo conversado enquanto processo e outros apoios é pensar o aqui agora né que em parceria com a equipe me faz pensar um pouco melhor aí eu lembrei também de uma frase de uma música do teatro mágico que 'é porque que não se junta tudo numa coisa só aí eu fiquei pensando é possível juntar tudo numa coisa só, se é possível como que a gente junta né é possível estabelecer parcerias que tipo de parcerias né institucionais com o código com o colega de trabalho pra se pensar questões éticas no contexto da prática grupal e eu acho que a gente vai desenvolver isso ao longo dos próximos encontros tentar responder talvez uma resposta provisória mas que seja útil no momento e agora não é nesse campo do não saber do não consensual do indefinido e agora acho que a gente tá caminhando acho que aqui é o cerne de tudo isso

Laís: acho que é a pergunta que toda vez quando a gente faz um grupo é sempre assim a mesma cena a gente deita na carteira e o que que a gente faz com isso eu não sei é aí fica todo mundo assim não sei o que a gente faz com isso a gente não faz nada agora às vezes a gente faz depois

Flávia: mas mas interessante

Laís: a gente acaba sempre caindo assim sempre que acaba o grupo os meninos a gente cai o que a gente faz com isso essa é a minha pergunta o que que a gente faz com isso

Flávia: mas interessante Laís porque

Laís: não sei se é pra fazer alguma coisa tb não é é uma outra questão

Flávia: eu saio daqui hj aprendendo o seguinte que esse não sei e essa pergunta e agora não é algo que paralisa não pode ser algo que paralisa

Laís: é é

Flávia: é algo que faz movimentar que a gente busque recursos para tanto

Laís: uhum

Flávia: aí a partir dessas reflexões que a gente fez então é um não sei que angustia num primeiro momento mas que me movimenta pra buscar por todo um processo ético uma resposta cabível naquele momento acho que isso me tranquiliza

Flávia: então acho que isso me tranquiliza é um e agora

Vanessa: huhuuhnnn

Flávia: que preocupa mas que eu sei que é possível por meio desses apelos

Vanessa: e como a minha pesquisa tá muito fresca e aí surge uma outra questão se nós que estamos aqui no mercado com tantos dilemas éticos pessoal quando a gente pensa na

formação profissional como que ocorre esse encontro né dessas vivências práticas dessas vivências teóricas num aluno que tá mais pra cá do que pra lá que não são discutidas dentro da graduação que passam que a gente vai pro mercado e aí

Emerson: acho que a gente vai ter que trabalhar um pouco como pensar formação a partir de algo que é tão processual

Vanessa: uhum

Emerson: Que não se trata de ensinar uma técnica ou de aprender os 10 princípios básicos né como ensinar o que é tão processual isso eu acho que é ponto para os próximos encontros

Grupo 2 – Primeiro Encontro

Flávia: Pra aquecer, a gente propôs, vai propor uma atividade, uma dinâmica pra gente se conhecer um pouco mais, porque estar em cinco encontros juntos, cinco dias, vai completando que a gente compartilha de algumas coisas, então pouco a pouco a gente se conhece. Então a gente pensou em uma atividade criativa, pra isso poder acontecer, que é o que a gente chama de jogo das cartas, que estão aqui. Nós temos cartas amarelas, laranja e vermelho. O que acontece: nessas cartas tem perguntas, cada um vai pegar uma carta e vai ler a pergunta em voz alta e vai responder a de todo mundo e a partir disso a gente vai conversando. A sequência que chega no vermelho, o vermelhinho é o mais quente, entendeu? (risos)

Mário: As amarelas são perguntas que não precisam de tanto pensamento, compreensão pra poder responder e as vermelhas são as que precisam de um pouco mais. As laranjas são um meio termo.

Flávia: Pode ser? Quem quer começar, quem se sente a vontade?

(se organizam 1:33 - 1:40)

Eduarda: Qual foi sua viagem inesquecível? Acho que foi a viagem quando, eu fui quando eu era adolescente que eu conheci todo o Nordeste, de Salvador até Fortaleza.

Mário: Nossa, que legal!

Marta: Numa viagem só você conheceu todo...

Eduarda: Isso.

Marta: Ai, que delícia! Que idéia boa você me deu!

(risos)

Flávia: Quem é a próxima?

JOICE: Quem são as pessoas mais importantes na sua vida atualmente? Bom, minha mãe e meus irmãos, meu namorado...

Marta: Marido...

(risos)

JOICE: Minha equipe de trabalho e as meninas com quem eu estou morando. Acho que eu daria mais ênfase pro meu namorado, acho que por isso que eu falei marido.

(risos)

Marta: Se quisessem te agradecer, que tipo de comida cozinhariam para você? Hum... uma torta de abacaxi.

Inaudível (3:13 – 3:34)

Marta: Quando você se formou em Psicologia?

(risos)

Marta: Em julho de 2010.

Eduarda: Então as laranjas não são médias não né?

Marta: Pelo jeito não né...

(risos)

Mário: Acho que ela deu sorte, ela ficou tão ali que...

JOICE: Você faz supervisão do trabalho em grupo? É, lá na psiquiatria, nós não chegamos a fazer, não, tinha sim, tinha contato com a psicóloga e aqui também. Pensando agora depois que eu formei, sim.

Eduarda: Onde você se formou em Psicologia? Aqui na XXX.

Flávia: A gente pôs tanto medo né?

(risos)

Mário: Pois é!

(risos)

Inaudível (4:42 – 4:52)

Eduarda: To tensa. O que você mais gosta no trabalho de grupo? O que eu mais gosto no trabalho de grupo é ter diferentes visões de um mesmo tema e como outras pessoas acham outras soluções.

Mário: Legal.

Inaudível (5:20 – 5:30)

Marta: Pode ser eu pra ficar diferente. (risos) Quais as potencialidades do trabalho com grupo?

Eduarda pede para repetir.

Marta: Assim, eu acho que o grupo em si oferece, não sei se eu vou saber explicar potencialidades, mas o que eu acho legal do trabalho com grupo é assim, quando uma pessoa, levanta-se um tema e aí quando um fala pro outro sabe? O grupo fala, eu acho que isso é uma coisa que ele tem de potencial. Tem coisa que você percebe que você não precisa falar, uma pessoa fala pra outra: ah, mas tá na cara que você tem que escolher tal curso, fulano, porque aquele curso não tem nada a ver com você. E isso eu acho que é legal. Mais potencialidades... Ah, desenvolver, por exemplo, essa questão de pontos de vista diferentes, de entrar em contato com o diferente e como eu lido com isso, acho que aceitar a diversidade né? Ah, até pra gente mesmo, trabalhar nesse sentido de entrar em contato com diferentes pontos de vista, é... Não sei se eu tô respondendo...

Flávia e Mário: Tá respondendo sim...

Marta: Deve ter mais coisa, mas não to conseguindo...

Flávia: Mas as que você anotou já são importantes né?

Mário: É, não precisa listar exaustivamente, acho que você trazendo uma discussão mais d que vem na sua cabeça...

Marta: Sim...

Flávia: Então vamos para a última...

JOICE: Qual a prática grupal que deixou melhores lembranças na sua experiência profissional? Acho que foram duas. Aqui no estágio de orientação profissional e em uma

escola com alunos do EJA, então lá tinha pessoas de dezessete até sessenta anos de idade. Acho que foram essas duas...

Mário: Legal. Assim, acho que deu pra ir percebendo que com essas perguntas a gente quis conhecer um pouco mais de informações pessoais de vocês, até porque uma coisa que a Joice trouxe é que a gente vai ficar junto durante um tempo, então a gente considera isso importante, a gente ir se conhecendo um pouco né? A gente também perguntou sobre a formação de vocês e sobre a prática que vocês exercem. Acho que tudo isso pra gente começar tanto a se conhecer e também pra se aquecer e ir pensando nessa reflexão né? Olhar para si mesmo e para o nosso trabalho, pra poder ter esse espaço pra pensar e criar novos sentidos das coisas que a gente, que eu percebo é que o profissional às vezes fica tão preso na rotina que às vezes ele não tem esse tempo pra poder pensar sobre aquilo que ele tá fazendo. Então eu acho que, de uma maneira geral, a gente buscou com essas atividades. E é isso, preparar pra gente se conhecer melhor e já preparando pra essa reflexão.

Inaudível (9:14 – 9:25)

Mário: Bom gente, dando continuidade, a gente queria fazer mais uma pequena atividadezinha. Acho que vocês vão perceber que os nossos grupos serão mais ou menos assim, a gente tem uma atividade mais interativa e depois disso a gente vai poder conversar um pouco sobre ela. E essa segunda atividade, nesse segundo momento é o seguinte: pensando ainda sobre o grupo, quando a gente vem pro grupo, quando vocês mandaram, receberam o nosso email, depois responderam, receberam nossa ligação né, até pelos nomes que estavam nos convites, vocês tiveram algumas expectativas né? E a gente queria trabalhar um pouco disso aqui. A gente entende também que o grupo não é feito apenas por nós, coordenação, a Flávia, eu e Emerson. Claro, a gente prepara o grupo, tem um lado diferenciado, mas o grupo é feito também por todas as pessoas que participam. Então, nessa atividade, a gente quer fazer com vocês o seguinte: tem alguns cartõezinhos aqui, que a gente vai passar pra vocês, que é o seguinte, vocês vão colocar, deixa eu mostrar. Aqui tem dois tipos de cartões, que são o cartão “tem a oferecer para o grupo” e o outro cartão é “o que espero receber do grupo”. Daí a gente quer que vocês, assim, tomem um tempo, uns cinco minutos, pensem sobre essas duas questões, o que é que vocês tem a oferecer pro grupo e o que vocês esperam receber do grupo. Escrevam aqui no papel e aqui tem umas outras instruções. A gente pede que vocês colem nas costas o que você espera receber e colem na frente o que você tem para oferecer. E vocês levantem e vai rodando, pra gente não ficar só falando, vai rodando e lendo, e depois a gente conversa um pouquinho sobre isso. Alguma dúvida, alguma questão?

Flávia: Vocês tem canetinha pra escrever e vocês podem, tem um tempinho pra poder pensar e escrever e depois a gente fazer.

Tempo para fazer (11:52 – 19:58)

Mário: Então gente, vocês já estão terminando essa atividade e eu queria fazer um pedido pra vocês. Vocês levantem e vão olhando, procurem ver o que a outra colocou, se tem alguma coisa diferente, algo parecido...

Tempo para ver (20:13 – 21:46)

Mário: Fala um pouco sobre isso.

JOICE: Não, é o que eu chamo de... Sabe aquela coisinha que fica piscando e não deixa a gente ver... Como é que eu explico? É... Não sei explicar de outra forma. (risos) Algo assim, é realmente essa possibilidade de poder se pensar, de refletir, de não deixar realmente o pensamento engessar, a prática engessar. A possibilidade de sempre buscar o novo, de sentir o incomodado, modificar, refletir... Acho que...

Marta: Eu penso como se fosse uma angústia, algo que nos inquieta e nos leva a mover sempre. Que é o encontro... Mais ou menos isso que você pensou?

JOICE: Eu só não colocaria isso como uma angústia, mas como um interesse, esse sempre querer, modificar, repensar, assim, nesse sentido.

Flávia: Ficou claro, gente?

Marta: Acho que é isso.

Flávia: Vocês já começaram a falar um pouquinho, mas como que foi ler o que cada uma escreveu, o que vocês acharam, o que vocês perceberam?

Marta: Eu achei muito legal porque tinha muita coisa parecida né?

Flávia: Interessante como a gente se complementa né? Porque, não sei se vocês perceberam que vocês duas colocaram “escuta” como algo que vocês querem receber e a Marta oferece, ela oferece a escuta dela né, então... Também colocou? Você colocou “eu espero receber”...

JOICE: Eu falei que queria acrescentar...

(risos)

JOICE: Eu coloquei compreensão, acho que engloba né?

Mário: Acho que é interessante isso que você falou depois, que eu acho que a experiência em grupo proporciona isso né, que é de aprender com o outro, achar o outro legal e querer pra mim. Eu acho isso muito interessante.

Marta: Quando eu fui fazer, eu fiz primeiro o que eu tenho a oferecer, aí quando eu fui fazer o que eu espero, era mais ou menos as mesmas coisas que eu tenho a oferecer. Assim, eu ofereço e também quero receber as mesmas coisas.

Flávia: E a mão você desenhou só na frente ou atrás também?

Marta: Atrás também, uma mão e depois a outra. Não sei o que eu quis dizer, tipo assim, uma mão, não sei o que eu quis dizer...

(risos)

Flávia: Não, não precisa explicar, eu só queria entender... E eu gosto dessa parte de escuta porque a escuta envolva quase todas as outras coisas que vocês colocaram, essa parte de compartilhar, que é respeitar, o que é sigilo, o que é dúvidas, a escuta da dúvida. Então eu acho que é bem abarcar todas essas coisas mesmo.

Marta: Ah, pensei em uma coisa agora, que é meio como união, grupo. Daí você pensa: grupo, unido, coeso, integrado, dar as mãos. Acho que tem a ver isso, caminhando junto...

Flávia: Tá ok. Alguém quer falar alguma coisa sobre a atividade?

Mário: O que vocês acharam de ficar em pé, olhar as costas, olhar a frente, teve algum sentimento?

JOICE: De descontração mesmo...

Mário: Descontração?

JOICE: É bom...

Eduarda: Não ficar na mesma posição...

Flávia: A gente só vai pedir pra que vocês, se não tiver problema, colocar o nome, que isso é material de pesquisa né, e pode nos ajudar de alguma forma. Daí a gente já passa pra próxima atividade.

JOICE: Acho que quando o homem precisa de estudo, de crescimento, acho que eu senti mais facilidade em escrever o que eu espero do que o que eu tenho a oferecer. Acho que eu considero minha experiência, relativamente como ela falou, pouca né, daí parece que eu não tenho tanto, assim...

Flávia: Vamos ver se lá no final essa informação vai bater né?

Marta: Eu achei interessante que você colocou na frente e atrás oferece e espero receber, achei legal, falei, nossa, ela espera receber, tipo assim, a gente pode refletir e despertar.

Flávia: vou pedir que vocês passem essa lista. Vocês vão receber um papel numerado de um a dez. Pode passar? Então nesse momento a gente vai entrar mesmo no tema da nossa reflexão, que é pensar um pouco sobre a ética em grupo. É, vocês receberam esse papel e nós vamos

pedir que vocês escrevam dez palavras que vem à mente de vocês quando vocês ouvem, quando vocês escutam a palavra ética. É pra vocês escreverem sem julgamento, sem crítica, o que vem à mente mesmo, o que surgir vocês vão colocando. Vocês tem um tempinho pra isso, podem começar.

Mário: O que vocês acham da gente pôr assim, uns cinco minutos pra escrever essas palavras? Tudo bem? Daí quando tiver acabando eu vou avisando.

Tempo para fazer (28:15 – 32:39)

Flávia: Sem julgamento, sem crítica, o que vem à cabeça.

(tempo)

Flávia: Quando vocês escutam as pessoas falando de ética, quando vocês falam de ética, quando essa palavra surge no nosso dia-a-dia. Quais são as palavras que vem à mente de vocês...

(tempo)

(conversa inaudível)

Flávia: (...) *brianstorm*.

Eduarda: Tempestade de idéias...

(tempo)

Flávia: Tudo bem, todo mundo terminou? Nesse primeiro momento, o que a gente vai pedir é que vocês leiam em voz alta as dez palavras que vocês escreveram e as outras, os demais vão ouvir atentamente. Só ler mesmo, não precisa explicar, justificar, só ler. Quem quer começar?

Marta: Pode ser eu. Razão, conhecimento, produção de sentidos, Congresso Nacional, pessoal, corrupção, falta de ética, respeito.

JOICE: Respeito, sigilo, compreensão, referências, outro, eu, valores (ponto de interrogação), saberes, construção.

Eduarda: Sigilo, leis a seguir, colocar-se no lugar do outro, difícil, não é universal, julgamento, busca de, respeito, dilema e nome de uma empresa de limpeza. Porque quando foi no dia-a-dia, o que você escuta, lá no hospital tem uma empresa de limpeza que chama “Ética”, daí puseram o nome de uma empresa de limpeza.

(risos)

Inaudível (34:08 – 34:12)

Mário: Tá ótimo, foi perfeito!

(risos)

JOICE: Criativo...

Mário: A gente pediu o que viesse à cabeça...

Flávia: Ok, então nós temos aqui trinta palavras né, cada uma escreveu dez. E nesse momento, vocês vão ter de quinze a vinte minutos pra sentarem juntas, pra terem a oportunidade de explicar umas para as outras o porquê das palavras, por quê? Qual o objetivo dessa atividade? Vocês vão ter um papel em mãos, vocês vão ter que sintetizar cinco palavras que representariam a ética. Podem ser algumas dessas palavras que vocês já escreveram, mas também podem ser novas palavras, que surgem a partir da conversa de vocês, que se assemelha a partir de alguma coisa que vocês conversaram. Aí a gente vai avisar quando faltar uns cinco minutinhos pra gente poder finalizar a atividade e abrir pra conversa.

Mário: Uma coisa importante, a gente pede que essa lista de vocês seja um consenso, pra que vocês conversem e cheguem a um consenso de quais são essas palavras.

Flávia: Aí vocês podem até sentar mais juntinho, vamos tirar essa cadeira daqui... Vocês tem quinze minutinhos pra conversar... Podem começar, assim que vocês se sentirem a vontade.

Edivânia: Eu pus sigilo porque eu acho que vai muito de acordo com a nossa profissão em específico, porque pra ser ética a gente precisa manter o sigilo.

Marta: Será que a gente fala todas?

Edivânia: Você quer que fala todos? É, fica mais fácil né... Leis a seguir, eu fico pensando em comissão de ética, comitê de ética, e que nossa ética às vezes baseia em leis e mandamentos. Colocar-se no lugar do outro porque eu acho que quando a gente toma uma decisão, a gente faz esse movimento. Tem as decisões que a gente acha difíceis. Eu coloquei não universal porque a gente não tem pra todo mundo, pra todas as culturas, todas as pessoas. É, eu pus julgamento porque quando a gente vai escutar “aquela pessoa não foi ética”, então tem um julgamento aí em cima. Busca de universidade, acho que com as leis as pessoas buscam que a gente tenha uma postura só. Respeito, acho que é auto-explicativo. Dilema, porque eu acho que quando as pessoas vão tomar uma decisão elas ficam se perguntando, e ficam num dilema pra tomar uma decisão.

JOICE: É, quando veio eu pensei assim, eu não coloquei nenhuma crítica, mas de todas assim, a que me chama mais atenção é a questão do respeito, da compreensão, da empatia, das diferenças. Às vezes a nossa ética não é ética, mas é um julgamento mais de valor, de moral. Por isso eu coloquei valores, porque acho que é uma construção, e às vezes essa construção é aquilo que eu aprendi, às vezes vai tá no meio. Envolve o eu né, e o outro e essa relação com o eu. Não sei porque eu pus saberes... (risos) Acho que é isso.

Marta: Eu penso que, você tem que construir um saber a respeito de alguma coisa, assim, se é ético ou se não é ético, com base em que você fala isso, um conhecimento, um saber. Agora que saber é esse...

Mário: Vou pedir pra vocês falarem um pouquinho mais alto...

Marta: Por que eu to falando baixo né? (risos)

Marta: Eu coloquei, é... Eu confesso que eu pensei um pouquinho pra escrever. Eu tive que focar ética no trabalho, em casa, na própria palavra, porque sei lá, parece que meu pensamento é muito difuso. Primeira coisa que eu pensei podia tanto estar relacionada com ética...

JOICE: Qual foi a primeira coisa que você pensou?

Marta: Ai, sinceramente, programa de televisão. Tipo, meio esquizofrênico.

Eduarda: É.

Marta: Pode ser.

Eduarda: Acho que você teve um pensamento mais amplo, porque eu não pensei em casa, só pensei no trabalho.

Marta: Então, ela deu as dicas né, aí eu tentei focar nessas três coisas. Por isso que eu pensei isso, mas eu não pensaria por mim não. Aí eu coloquei, ética, ética... razão, porque pra você ser ético ou não ser ético, você precisa... ah, não sei explicar o sentido da palavra “razão”. Não sei se é no sentido de verdade, se você tem razão ou não tem razão. Entendeu? Pra você considerar uma coisa ética.

Eduarda: No sentido de construção de saberes né.

Marta: Ah, acho que foi nesse sentido racional mesmo, de raciocinar. Conhecimento, que foi isso que eu falei do saber, de construir um conhecimento pra determinar se algo é ético ou não. E eu vejo a ética como uma produção de sentidos. Aí eu pensei Congresso Nacional, porque sempre que eu vejo lá o congresso, eles estão falando de ética, geralmente de falta de ética. De parlamentares né... E porque a gente coloca parlamentares tão antiéticos lá dentro, fiquei pensando nisso. É, um conceito que assim, está em constante mutabilidade, mudança, o que foi ético a um tempo atrás pode não ser ético hoje.

JOICE: O que é ético em uma situação, pode não ser em outra...

Marta: É, isso. A gente deve levar em conta a razoabilidade, a consideração se é ético ou não, um parâmetro né? É pessoal, o eu que você colocou, ao contrário da moral, que eu acho que é por um conjunto de pessoas, o que é ético pra mim pode não ser ético pra você. Aí, eu pensei em corrupção, falta de ética e que ética implica respeito, porque senão, se eu pensar só em

mim fica fácil né, eu pensar no outro né, até que ponto que vai a ética né? A gente acha que até quando a gente respeita o limite do outro e se respeita né? Acho que é isso.

JOICE: Achei bacana o termo difícil porque é difícil de definir.

Marta: Agora as palavrinhas em comum, que eu ouvi que tem nos três né: respeito...

Eduarda: Fui fazendo uma estatística aqui... (risos)

Marta: Ah foi? (risos)

Eduarda: Todas nós três colocamos a palavra respeito. Sigilo, nós duas colocamos. Colocar-se no lugar do outro, duas. Então, de vocês duas ficou conhecimento, saber, pensando uma construção né? E, o que eu acho que ficou de nós três também foi pessoal, eu e não universal. Assim, não foram palavras exatas, mas acaba que fica sendo individual.

Marta: É, esse negócio que é relativo né?

Eduarda: Aham.

Marta: Bom, então vocês concordam de colocar respeito como uma das palavrinhas?

JOICE: Acho que sim né...

Marta: Que mais?

JOICE: Acho que pode colocar as que chamaram atenção né, respeito, essa questão realmente do caráter pessoal, a Marta coloca a busca de universalidade, que remete a essa construção e a essa mutabilidade né...

Eduarda: Você acha que construção poderia ser uma palavra?

Marta: Poderia.

JOICE: Por mim poderia.

Marta: Eu posso escrever? Ou a gente faz todas e depois escreve?

JOICE: Pode escrever.

Marta: Respeito, construção.

JOICE: Que mais?

Marta: Então, eu acho que essa mutabilidade aqui parece assim, sim ou não, universal.

JOICE: Eu veja ela alinhada com a construção.

Marta: Com a construção.

JOICE: A gente pode colocar outro termo também, que abrange.

Marta: Não, acho que tá ótimo, eu não tiraria... Mas eu to tentando encontrar uma palavra pra dizer isso, que é algo que muda no tempo, muda de pessoa pra pessoa. Tipo, é relatividade?

Eduarda: É, é relativo.

JOICE: O relativo também tem a ver com o pessoal também né, que a gente pôs. Eu acho "difícil".

Marta: É, pode pôr também...

Marta: Não é um tema fácil, acho que é consenso.

Eduarda: Acho que a gente poderia englobar alguma coisa que tem a ver com as três coisas que a gente colocar, de valor, de lei e de congresso nacional. Porque é uma coisa que tá sendo seguido.

Marta: Tem algo que é de fora né.

Eduarda: É.

Marta: No caso as leis, é como se fosse um referencial forte né, que é passado pra gente.

JOICE: Me vem como um ponto de interrogação, porque parece que vem assim, literalmente.

Marta: Vem assim Vem vejo que literalmente ética e moral, ética e legislação, sabe?

Eduarda: Aham

Marta: é a mesma coisa ou num é a mesma coisa tá junto ou num tá?

Joice: Essa palavra eu gostei, referencial. Porque acho que referencial os valores, e referencial também algo que vem do externo. Vocês concordam?

Eduarda: Aham

Marta: Referencial

Joice: Ou referência

Eduarda: Ética é um referencial no sentido de que depende de um referente, de um ponto de vista. Seria isto?

Joice: É

Marta: Num é no relativo não? O referencial?

Eduarda: É é. Entra. Mas num é não. É outra coisa esse referencial

Joice: Referência

Eduarda: É. Pode ser.

Marta: É referência no que sentido?

Eduarda: No sentido de. É lembrei o que falei. É referência no sentido que tá fora e serve como se fosse para nos orientar

Joice: Aham

Eduarda: Não é?

Marta: É

Eduarda: Referencial foi nesse sentido.

Marta: Entendi

Joice: Embora os valores possam ser internos

Marta: A gente não nasce com os valores

(inaudível)

Eduarda: Essa construção é uma troca né? Entre o meio externo e interno.

Eduarda: Então seria

(inaudível)

Eduarda: Referência? Vai ficar referência?

Joice: Referência ou referencial? Ou nenhum dos dois?

Marta e Eduarda: Risos

Eduarda: Enfim a ÉTICA como referência Então aí seria uma ética Como é eu eu falo? Uma ética externa. Mas isso é ética? Num é moral? Algo que vem de fora?

Joice: agora eu estou entendendo o que vocês estão dizendo

Eduarda: Quando é produzido por um conjunto de pessoas? Mas na verdade Nem precisa ser um conjunto de pessoas. Pode ser uma pessoa revestida de um PODER a gente já toma como referencial, entendeu?

Marta: umhum umhum

Eduarda: Então tem mais palavrinhas. Vamos ver. Julgamento,

Joice: Vocês querem colocar alguma coisa de moralidade também?

Eduarda: Não Por mim não. E você (pergunta para Marta)?

Marta: É quando eu penso em moral ao invés de (inaudível) eu penso nesse contraponto

Joice: Aham

Marta: Entre se tá junto se num tá, né.

Eduarda: Engraçado Quando eu pensei em ética eu nem lembrei de moral.

Marta: Tá vendo. É difícil . Risos

Joice: Risos

Eduarda: Só apareceu na discussão. ‘Ah, será que isso é ético ou não?’ Que é moral

Marta: Mas você pensou em moralidade (pergunta para Joice)?

Joice: Não. Porque veio aqui. Surgiu aqui.

Marta: É verdade

Eduarda: Não porque aqui ó

Marta: inaudível

Eduarda: Ah Consenso a gente tá tentando encontrar uma palavra pra aquelas três: congresso nacional, lei. Ah, mas de repente num põe uma palavra pra isso. Vamo pô outra

Joice: Você acha que referência não serve?

Eduarda: Hã?

Joice: Você acha que referência não serve pra essas três.

Eduarda: Não Eu acho que pode ser. Pode Eu to falando encontrar. Ah! Essa JÁ É a palavra.

Joice: É

Eduarda: Ah, disfarça.

Eduarda: Ah, só mais uma. Ah tá. Olha, é consenso que é dilema, que é difícil, então

Marta: (inaudível)

Eduarda: Eu prefiro dilema. Mas dilema parece tão limitado, é isso ou aquilo, né.

Joice: É

Eduarda: Dilema me deixa num dilema

Marta e Eduarda: (risos)

Joice: aham

Joice: polaridade né

Eduarda: aham

Flávia: Desculpe interromper, mas vocês têm de 3 a minutinhos para concluir esta atividade

Todas: aham

Eduarda: Eu acho que eu colocaria

Joice: Difícil

Marta: é

Eduarda: E a ordem das palavras? Qual vocês acham que é mais importante?

Marta: Ai eu

Joice: Será que precisa preocupar com isso

Marta: Ai eu. Então conta assim: pontim, pontim, pontim. Risos

Eduarda: risos

Joice: Põe ordem alfabética.

Marta: é. Ordem alfabética. Pronto

Eduarda: Então vamos lá. É respeito Quê que isso aqui? (escrevendo a lista)

Joice: Construção

Eduarda: Construção

Marta: Relativo Referência. Difícil

Eduarda: Risos

Marta: É isso.

Flávia: Vamos abrir, sentar em roda de novo

Marta: Estou pensando. Acho que vocês vão sofrer um pouco pra transcrever. Risos

Inaudível

Mario: A gente tem uns programinhas. Aumenta o volume, diminui a velocidade.

Marta: Menos mal.

Eduarda: Tinha que ter um transcritor assim automático.

Todos: Risos

Eduarda: Nossa ia ser bom

Flávia: É quem que pode ler essa lista só pra gente escutar só.

Eduarda: Bom as palavras são: respeito, construção, relativo, referência, difícil

Flávia: Respeito, Construção

Eduarda: Relativo

Flávia: Aham

Eduarda: Referência, Difícil

Flávia: Tá

Marta: Foi difícil mesmo

Mario: Isso que eu ia perguntar. O que vocês acharam resumir, sintetizar em 5 palavras? Esse acordo como foi?

Joice: Então eu fiquei pensando que foi difícil porque né Mas eu acho que também seria mais difícil ainda se a gente tivesse que resolver uma coisa uma coisa de verdade onde que as vezes as paixões de cada um (inaudível) É tipo essas questões que é sei lá. Você pode salvar uma pessoa só, quem você vai salvar né

Mario, Joice: risos

Mario: Você está trazendo assim, grandes decisões éticas né

Joice: É

Mario: Eu acho assim. Interessante É o que a gente trouxe, que vocês estão trazendo também como que no cotidiano uma coisa simples que também é estabelecer uma lista ela também envolve comportar-se né em consideração a ética. Eu acho que Eu tenho muito na minha mente o primeiro encontro que eu fiz com o outro grupo. Foi bem diferente do que aconteceu aqui hoje, né. Eu acho que naquele encontro a ética ficou um pouquinho assim de escanteio

Marta: Risos

Mario: E aqui com vocês eu já vi um pouco mais de, um pouco mais dessas palavras que vocês colocaram, sabe? Esse respeito pra poder fazer uma construção, relativizando a visão do que um ou outro trazia no início, né. Eu acho como a referência as vezes ela saia e voltava

Joice e Marta: risos

Mario: E que eu acho que no fim acaba trazendo esse difícil, mas é um difícil que foi manejado

Joice: Aham. Então eu acho que esse pode ser até questão de personalidade nossa. Todo mundo aqui eu acho que é muito educado né. Ninguém quis se impor né (fala isso sorrindo) Mas se não fosse as vezes humanista né, será que viria as garras da gente, né

Eduarda e Marta: risos

Mário: É eu acredito que faz sentido sim isso que você está trazendo, né. Que a medida que a gente vá se familiarizando a gente também vai se sentindo mais a vontade pra expor as paixões, né. Acho que vai dá pra Acho que outras coisas vão ser trabalhadas nesse sentido. Mas eu adorei essa conversa . Achei muito engajada

Marta: risos

Joice: Vamos supor que vocês é resolvam trazer a torta de abacaxi

Mario: risos

Eduarda: risos

Joice: (inaudível) só um pedaço, mas eu num comi nada o dia inteiro. Risos

Eduarda: risos

Joice: Onde ficaria

Eduarda: É Só trazendo pra ver

Joice: risos

Mario: É quem sabe

Eduarda: A minha dificuldade foi acolher todas as frases. Parece que eu num queria deixar a ideia de ninguém de fora, sabe? Então fazer essa coesão, misturar as idéias de todo mundo foi difícil, sintetizar em uma palavra Mas foi uma construção muito boa. Uma troca. Eu fiquei fascinada como é que surgiram palavras novas dessas trintas que a gente tinha falado. (inaudível) Eu jurava que isso não fosse acontecer. Tinha tanta palavra a gente meio que por estatística chegar a

Marta: Risos

Eduarda: a um consendo

Joice: Que é o mais prático né

Mario: é

Eduarda: Mas não. Demandou esse raciocínio, essa reflexão sobre as palavras

Marta: Eu tentei muito. Acho que assim realmente teve um cuidado para que as paixões Risos. Mas particularmente eu num preoquei assim com o certo e errado, sabe? (inaudível) Acho que eu tentei castrar um pouquinho da criticidade, enfim de questionar muito coisa, mas de não encontrar o que era a resposta, o que era, mas quis contemplar o que realmente cada uma tava pensando. Enfim não sei porque eu falei isso, mas enfim

Mario e Marta: risos

Joice: Acho que entra é muito isso na ética né. Porque a pessoa fica pensando se está certo ou errado

Eduarda: aham

Eduarda: Então, eu entendi. Você falou que você pensou ou que você num pensou?

Marta: é neste momento acho que eu num pensei no certo e no errado

Mario: O que é que foi que te guiou? (pergunta para Marta)

Marta: Pra poder

Mario: Porque você trouxe que não foi essa noção de certo e errado que te guiou. Então o que foi que guiou você, nessa discussão?

Marta: Um pouco do que eu acredito que seria a ética. Acho que foi isso. É. Não assim tentando aqui acertar esses itens que seria o certinho. Talvez o que eu acho que ética é pro outro. Eu tô confusa? Risos

Mario: risos

Eduarda: Não porque eu acho que aconteceu a mesma coisa comigo só que com relação às palavras, a escolha das palavras porque eu tentei pensar o que é ética. Eu confesso que não foi totalmente sem julgamento, sabe? Porque eu também não quis colocar palavras que num tivesse nada haver. Por mais que a gente sabe que quando vem à mente, mesmo que a gente não saiba o sentido pode ser que tenha um sentido. Passou pelo crivo, sabe. Até quando eu pensei a palavra programa de televisão. Risos. Depois eu falei, eu fui ver: ‘Nossa realmente tem haver’. A ética tá muito presente na mídia nessa discussão né.

Joice: E tantos programas que as pessoas ficam expostas né

Eduarda: Se

Joice: Aqueles casos de família, Ratinho

Mario: aham

Joice: Pra mim fez todo sentido você pensar

Flávia: É pensando um pouco na pergunta do Mario, me chamou atenção. “O que é que te guiou?” Ele fez a pergunta pra Marta. Só que eu quero abrir um pouco pra conversa geral, pensando também um pouco no que a Eduarda falou de o querer dar conta de todas as palavras, ou seja, estamos em grupo, temos uma atividade que a gente tem que negociar

Joice: Aham

Flávia: né ? E aí é vou usar até uma palavra que vocês falaram, de parâmetros. Quais são os parâmetros possíveis pra se negociar e chegar né, numa lista de cinco palavras. Eu escutei algumas coisas: vocês falando de cuidado e respeito, é importante o cuidado e o respeito pra que isso aconteça de alguma forma né. Pra que essa conclusão chegue à tona. Eu vi uma estratégia super curiosa que é a estatística, né

Todos: risos

Flávia: (inaudível) Não preocupar com certo e o errado

Eduarda: Aham

Flávia: Então são jeitos que a gente vai tentando elaborar pra poder conseguir dar conta dessa plura, pluralidade que surge

Joice: aham

Flávia: É eu queria escutar um pouquinho vocês sobre isso. É existem outros jeitos possíveis? Que jeitos são esses? O que que a gente, quais são os parâmetros que a gente poderia ter em mente, né pra ter enquanto ferramenta pra lidar com um situação dessa de pluralidade?

Eduarda: aham

Flávia: o que vocês pensam sobre isso?

Marta: acho que

Flávia: Pensando um pouco na vivência

Marta: você falo um pouco, tá ligado com respeito, acho que escuta. Ao menos nesse momento a gente tá, acho que foi fundamental tentar entender o quê que o outro tá querendo dizer com esta palavra, né. Acho que a escuta.

Joice: Me vem uma coisa agora, de acordo com a experiência e se isso acontece nos outros momentos, as vezes a pressão né. Que independente disso estar ocorrendo ou não, a gente ficou aqui meio de costa e a gente tinha tempo limite pra

Eduarda: aham

Joice: então as vezes, o quanto que isso guia também. A gente se sentiu pressionado pra fazer a coisa certa.

Marta: é verdade

Mario: É interessante isso que você faz. Você retira a questão ética do ideal e coloca no campo da praticidade, das coisas que acontecem, né. Porque geralmente o que acontece, me veio assim, as pessoas tendem muito a pensa a ética nesse nível do ideal, né? E quando você coloca ela com carne e osso, ali na negociação, com a pressão, com o tempo, né

Joice: aham

Mario: tem uma tonalidade diferente

Joice: aham

Mario: isso é interessante

Flávia: Pensar um pouco no situacional né

Mario: isso

Flávia: No quanto aquela situação vai te ajudando, né a encontrar jeitos

Joice: aham

Flávia: que a pressão ela é situacional

Marta: é verdade

Eduarda: Na verdade eu senti mais uma pressão interna do que externa, né. É meio assim. Só que quando você pensa, você diz pra gente ampliar o olhar eu assim, eu só consigo pensar que eu não consegui ser diferente, não deixar de passar por esse crivo com medo de me expor ao grupo, entendeu?

Eduarda: É assim. Eu não vou colocar qualquer bobagem. Tem um certo limite de coisas que eu penso e eu coloco aqui. Porque eu estou em um grupo e eu vou ter que expor isso pro outro. Acho que é uma pressão interna e um medo do julgamento do outro. Coisa minha gente, nem sei se tem haver com o grupo

Mario: Que relação assim você faz com esse termo ética todo esse processo que você falou agora?

Eduarda: num sei. Bom, se a gente tá num grupo discutindo ética, não deveria ter esse tipo de temor né? Seria mais fácil o ideal. Ah, tudo tem que ser acolhido, tudo tem que ser visto como lindo? Eu não consegui ver dessa forma, sabe.

Flávia: Só que me chama atenção, porque quando você fala é Você tem uma avaliação, tipo um medo de julgamento

Eduarda: ISSO

Flávia: Mas eu consigo ver isso de uma outra forma

Eduarda: Como?

Flávia: Não sei se, como vocês pensam isso, mas talvez isso seja também uma forma de cuidado com o outro. Por que você não vai falar qualquer bobagem

Eduarda: É pode ser.

Flávia: Ao mesmo tempo que você está falando do medo da avaliação pode ser o cuidado com o que vai ser dito

Eduarda: aham

Flávia: Será que aquilo que vai ser dito vale apenas ser dito? Como essas pessoas vão escutar isso? Não em termos da minha avaliação, mas em termos do cuidado com esse grupo também

Eduarda: aham. É. E com a relação à ética que você me perguntou agora poder ser no sentido de eu quero contribuir, então que palavras eu vou por pra contribuir com o crescimento do grupo, com a discussão, é interessante

Mario: legal. Interessante.

Mário: muito bom

Flávia: É a Mariana falou a escuta, né. . Essa é uma palavra tão comum no cotidiano da psicologia, né

Mário: É

Eduarda: aham

Flávia: Escuta. A gente começou a falar disso naquela atividade, mas eu acho que o importante a gente conversar um pouco sobre ela. O que que é escuta, né? Escutar de que jeito? De que forma? Porque eu posso escutar de 'n' formas, mas as vezes é importante explicar um pouco mais. Que característica, como vocês definem essa escuta? Essa escuta que permite com que uma conversa como esta que vocês tiveram seja uma conversa boa, tranqüila, como vocês avaliaram, respeitosa e cuidadosa?

Eduarda: aham

Flávia: Que jeito escutar?

Joice: Acho que nem passa pelos ouvidos, passa pelos olhos, né.

Eduarda: hum

Joice: Quando você está escutando alguém, você está olhando nos olhos.

Flávia: Você falou de passar pelos olhos

Joice: É num passa nem pelos ouvidos, passa pelos olhos

Flávia: Como olhar?

Joice: Olhar nos olhos da pessoa

Flávia: Ah tá

Mário: HUM

Joice: Porque aí acho que a gente tem a sensação de que a gente está sendo ouvido quando a pessoa olha pra gente

Mário: Isso é verdade. Interessante você falar isso porque outro dia eu estava atendendo um paciente e ele estava olhando pro chão. E eu senti que eu num estava sendo escutado

Eduarda: mas as vezes tá né

Mário: aham

Eduarda: mas a gente tem essa necessidade mesmo de ser visto

Mário: É eu acho que ela acaba falando da dedicação para o outro porque quando você olha, se concentra você acaba se dedicando ou mesmo demonstrando que está se dedicando

Marta: Acho que assim vai ao encontro do que vocês estão falando que que, me vem assim né abertura. Realmente abertura pra acolher o que o outro tá né me trazendo. Acho que casa com isso num sei

Eduarda: Acho que a gente sempre EU PENSO a gente escuta a partir de um referencial. Que passa pelo que, pelas experiência, pelo que a gente é, pelas experiências de vida que a gente teve. É tudo o que a gente já adquiriu, né. Mas o que eu mais busco com a escuta é a imparcialidade, é tentar neutralizar o julgamento, sabe? E desenvolver o máximo a compreensão, tentar entender as coisas, o ponto de vista do outro que tá falando. É um exercício. Essa imparcialidade. E empatia, né? Que é se colocar no lugar do outro

Flávia: Então, de certa forma é uma escuta empática, é uma escuta que tá aberta pro diferente né, pro novo, uma escuta atenta, que olha nos olhos

Eduarda: aham

Marta: Acolhedora

Joice: Imparcial

Joice: Então eu vivenciei uma situação hoje é que a mãe me conta que ela tá é procurando o pai pra falar do diagnóstico de leucemia da criança, mas que o pai nunca negou. A criança está com cinco anos e ele viu a criança com três meses. E ela vai falando umas outras coisas também. É do próprio pai que agora ela mora, mora outra criança, a filha e os próprios pais Então que esse pai também é verbalmente agressivo com ela e com a outra menina, com a outra filha e já até chegou a agredir fisicamente mais ela já pediu pra ele sair e mais só que ele não sai. Aí eu perguntei se ela já procurou algum órgão, né. Aí já veio a questão né como é que nós vamos lidar com isso né, o que que eu vou poder falar pra assistente social?, nós vamos acionar a o conselho tutelar?, essa criança tá em risco quando sair da internação

Eduarda: O pai é agressivo com as crianças e com a mãe?

Joice: não. É o pai que é avô da criança que tá em tratamento. O pai é agressivo com a mãe da criança que está em tratamento

Eduarda: Ah tá. Aí na verdade não é o pai. É o avô da criança

Joice: Conversando isso só com o pai da criança

Eduarda: Aham. Então esse homem é agressivo com a mãe?

Joice: Isso

Eduarda: Já chegou a agressão física?

Joice: Já. E a segundo a mãe é alcoólatra

Eduarda: Ah tá. Mas assim pelo que eu sei segundo a lei Maria da Penha. Eu não sei como é que é acionado. Acho que é pela polícia mesmo. O homem é obrigado a deixar o lar tal

Marta: tem a delegacia da mulher

Eduarda: É tem a delegacia da mulher. Lá ela pode ser informar também. Mas isso é uma questão assim de ordem jurídica, prática

Joice: Ele é pai. Ele num é marido.

Eduarda: Eu num entendi então

Joice: Eu acho que eu fiz uma confusão .

Eduarda: É o avô, que é agressivo com a filha

Marta: pai da criança

Joice: Isso

Eduarda: ah

Joice: Então, mas aí a criança acaba que presencia. Então ela ainda tá numa situação de risco?

Eduarda: Ah tá E de quem que é a casa?

Joice: Da da filha

Eduarda: da filha. Ela que cuida dele?

Joice: cuida

Mário: Oh gente, eu acho que o que a Joice está trazendo pra gente é essas questões que aparecem no cotidiano né

Eduarda: aham

Mário: E um dos objetivos do nosso encontro, desse espaço de reflexão, é justamente pensar sobre essas, esses, essas situações no sentido de sensibilizar o nosso olhar né, pra poder entender outros lugares né, pra poder entender a perspectiva do certo e do errado, da lei, pra poder entender a perspectiva da empatia, do momento, né (inaudível) do situacional. Que eu acho que são coisas que a gente vai abordar de uma maneira geral e que vai ser o primeiro passos pra ajudar vocês a entender, ir atrás e poder construir um conhecimento pra lidar com essas situações

Joice: Então, eu lembrei disso porque a gente citou a palavrinha imparcialidade, né. Então se a gente chamar pra uma reunião familiar eu vou conseguir ser imparcial? ou as outras pessoas da equipe vão ser, conseguir ser imparcial? Porque teoricamente a gente é mais treinado para ter cara de paisagem

Eduarda: Aham

Joice: E não é tanto como as outras pessoas. Acho que se alguém tivesse escutado, outra pessoa da equipe já tinha chamado

Eduarda: Então eu citei a lei como um mecanismo existente para auxiliar no caso de violência familiar, mas assim de longe eu to querendo apontar uma solução pro caso porque eu acho que demanda muita escuta, imparcialidade

Joice: aham

Eduarda: E aí é uma coisa assim nossa não sei te falar só ouvindo, conversando, o desenrolar mesmo da história

Flávia: É acho que a gente tá pra finalizar o encontro por conta do horário. A conversa vai se esquentando né Porque é até o que eu queria falar a partir do que a gente foi conversando. Falar de ética, falar de ética em grupo envolve muitas perguntas né? O que te guiou? O que fazer né?

Joice e Eduarda: AHAM

Flávia: Que jeito que eu escuto? Então é , é um lugar que as vezes né, do não-saber, da inquietude né, do querer buscar cada vez mais E aí eu acredito que este espaço é justamente pra ISSO, pra gente poder perguntar mesmo. E a partir dessas perguntas ir encontrando algumas respostas possíveis pra esse campo que as vezes é tão difícil né?

Eduarda: aham

Flávia: de definir. É então eu acredito que esse foi um bom encontro, foi um encontro quente, que a gente pode já trazer coisas que a gente vem já com uma vontade de ter uma resposta definida

Eduarda: aham

Flávia: né? E um pouco também, é uma oportunidade pra gente já poder abaixar nossa ansiedade, e pensar é a gente não vai sair daqui com todas as respostas né?

Marta: aham

Flávia: A gente vai sair daqui com reflexões pra

Marta: isso

Flávia: essas conversas que a gente trás

Joice: Aham

Flávia: Então eu acho que é isso. Mário você tem alguma coisa a mais pra falar

Mario: Então eu acho assim. A conversa realmente tá boa e ela poderia ir até mais tarde

Marta: risos

Mario: só que as vezes a gente tem essa limitação do tempo. Mas assim eu fiquei muito satisfeito mesmo por ver vocês três né, participando mesmo, se engajando e assim colaborando com o nosso projeto, com o convite que a gente fez pra vocês. A gente fez o convite e vocês aceitaram e realmente participaram. Eu fico, fiquei muito satisfeito, fiquei feliz. E eu acho assim que um pouco dessa, disso que a gente trás, né, focando nessas reflexões, acabam dizendo um pouco da nossa visão né, da nossa percepção sobre esse tema, sobre ética. E eu tenho estudado mais especificamente há um ano esse tema e eu posso dizer pra vocês que ele é extremamente complexo, com várias pessoas falando coisas completamente diferentes. Então, é realmente um exercício do dia a dia. Um exercício que eu acho que um caminho que é possível é principalmente esse, o diálogo. Nesse sentido assim eu fico muito feliz pelo encontro que a gente teve e feliz também porque eu acho que esse vai ser um material rico pra gente produzir conhecimento que é né nosso mestrado. E também auxiliar muitas pessoas. Essa reflexão que surgiu aqui eu acredito que vai auxiliar outras pessoas também né, no futuro próximo

Flávia: Existem vários jeitos de pensar e falar ética. Porque as vezes a gente vem para um grupo que se propõe a pensar a ética querendo a definição mais certa, né. Aquele que pode nos guiar e nos conduzir daqui em diante

Eduarda: aham

Flávia: Só que se a gente for olhar para as próprias pessoas que estudam a gente vai ver que tal teórico entende a ética enquanto principialista, outro entende a ética como casu, casuística, né, tem aquele que entende a ética enquanto subjetivista. Então tem vários jeitos de pensar a ética. Inclusive tem teórico que falam que ética e moral é a mesma coisa, tem outros que falam que ética é diferente de moral, tem outros que nem fazem essa distinção. Então a gente entra no campo da multiplicidade. Parece que nesse campo a diversidade é mais evidente, ela surge, ela fica mais clara aos olhos. Então, é o Mário está trazendo isso um pouco pra gente pensar que aqui a gente vai encontrar um jeito de encontrar ética que é possível entre nós, né. Daqui até o quinto encontro a gente vai ter algumas respostas, outras não. A gente pode responder algumas coisas, outras ainda vão ficar indefinidas. Mas é um pouco é pra ir aquietando essa conversa, abaixar a ansiedade como eu disse e pensar que ainda existe várias coisas que a gente pode falar sobre isso

Joice: aham

Flávia: E é importante que vocês continuem trazendo exemplos né, questionamentos, até mesmo antes da gente começar o grupo a Eduarda já trouxe algumas coisas

Joice: aham

Flávia: Então é isso que vai esquentando a gente pra poder ampliar conhecimento nessa área
E aí pra finalizar a gente pode brincar talvez de uma palavrinha. Uma palavra que resuma o
dia de hoje, o encontro de hoje, pra cada um

Joice: pra mim foi rápido

Mario e Joice: risos

Mario: legal

Joice: é

Marta: É num sei. Pra mim eu acho que eu estou saindo angustiada. Risos

Flávia: Angustiada?

Eduarda: ixi

Joice: Você queria incômodo? Ganhou! Risos

Marta: risos

Joice: É. Risos. Quem procura, acha.

Eduarda: É isso mesmo. Eu queria falar que foi rico, foi interessante, uma palavra só? Risos

Flávia: Essa gosta de palavras

Marta: Procura uma só

Eduarda: Assim foi uma descoberta pra mim

Flávia: Mário, tem alguma?

Mário: eu tenho é alegria, um pouco do que eu falei

Joice: o que você falou, desculpa

Mario: alegria. Retomando um pouco o que eu falei no fim

Flávia: Eu. Eu saio assim com como é que fala quando são duas palavras juntas? Binômio ?

Mario: Concordância?

Flávia: Pergunta, hífen, resposta

Mario: ah

Flávia: Pergunta-resposta. Só que aí também com um ponto de exclamação e interrogação.
Eu gosto disso! Pergunta-resposta! Pergunta-resposta. Pergunta-resposta . Só que pergunta-
resposta perguntando e exclamando.

Joice: aham

Flávia: Eu saio com essa sensação. Vou tentar elaborar ela

Mario: chique ela né? Risos

Eduarda: nossa

Todos: risos

Marta: Risos. Acho que é isso da minha angústia. Risos

Flávia: Então a gente pode partilhar isso daqui há 15 dias

Eduarda: aham

Marta: tá certo

Flávia: Tem mais alguma coisa que se vocês não falarem, vocês não dormem hoje?

Todos: risos

Joice: Acho que a gente busca isso, suspirar aliviado

Flávia: a gente busca isso

Joice: é porque

Eduarda: é deixa só eu

Joice: pode falar

Eduarda: gente, eu to preocupada com ela (Joice). Você vai ter supervisão pra te ajudar nesse caso complicado?

Marta, Mario e Eduarda: risos

Joice: esse é um dos mais refrescantes

Eduarda: risos. É?

Eduarda: Nossa. Precisamos conversar mais. Risos

Joice: risos

Mario: oi gente, acho que é isso.

Flávia: Gostaria de agradecer vocês, a oportunidade de poder conversar sobre esse tema. E lembrá-las que no próximo encontro, até lá nós vamos informar por email onde será a sala do nosso encontro

Joice: certo

Flávia: É por favor estejam presentes. Porque a distância ao mesmo tempo que é bom porque dá pra refletir as vezes a gente pode dispersar

Eduarda: aham

Flávia: Então mesmo que 15 dias de distância vocês estejam engajadas, envolvidas pra que no próxima a gente esteja quente igual a gente esteve hoje, tá bom. A gente vai entrar em contato com os que não vieram pra justificar, principalmente a Helen que não justificou e não disse porque e aí a gente se vê daqui há 15 dias. É isso! Obrigada!

Apêndice E – Roteiros dos Encontros Analisados

Encontro 1

Objetivo: Aproximação entre os participantes, contrato sobre as regras do trabalho grupal e discussão inicial sobre o tema da pesquisa – Ética nas práticas grupais de psicólogos

1) Apresentação:

Apresentação coordenadores (nome e formação)

Apresentação participantes (nome e qual a prática grupal)

Apresentação pesquisa (objetivos, estrutura e dinâmica de funcionamento)

Apresentação do Consentimento Informado

2) Contrato grupal (datas, faltas, sigilo, certificado)

(início da gravação)

3) Dinâmica de apresentação:

- 1º momento: Cartas com perguntas – Esse momento tem como objetivo um aquecimento das participantes em relação à dinâmica de uma oficina (pedidos para realização de tarefas específicas, realização dessas tarefas, comentário sobre o que foi feito) e também para a familiarização das participantes entre si. Em relação a esse ponto a tarefa desse momento foi realizada a fim de obter informações sobre assuntos pessoais, como gostos específicos (cartas amarelas); informações sobre formação profissional e sobre a sua prática grupal (cartas laranjas); por fim, informações mais específicas sobre o modo como compreendem e exercem a prática grupal.

Jogo das cartas

Cartas amarelas

Quais suas maiores qualidades?

Qual o seu tipo de música predileto?

Qual foi sua viagem inesquecível?

Quem são as pessoas mais importantes da sua vida atualmente?

Qual é o seu filme favorito?

Qual o livro que mais gostou de ler em sua vida?

Se quisessem te agradecer, que tipo de comida cozinhariam para você?

Cartas laranjas

Onde você se formou em Psicologia?

Quando você se formou em Psicologia?

Qual o contato com a prática grupal que você teve durante a graduação?

Você fez alguma formação específica para o trabalho em grupo após a graduação?

Você faz supervisão para o trabalho em grupo?

Quem mais te ensinou sobre grupos em sua formação profissional?

Qual a influência teórica mais importante para a sua prática grupal?

Cartas vermelhas

O que você mais gosta no trabalho de grupo?

O que menos gosto no trabalho de grupo?

Por que você começou a trabalhar com grupos?

Que conselho daria para quem vai começar a trabalhar com grupos?

Quais os desafios do trabalho com grupo?

Quais as potencialidades do trabalho com grupo?

Qual a prática grupal que deixou melhores lembranças na sua experiência profissional?

- 2º momento: Essa segunda atividade tem como fim evidenciar que para uma boa execução de um grupo todos devem estar envolvidos. Nesse sentido, todos têm expectativas sobre o que vão receber do grupo e também o que tem a oferecer para um bom desenvolvimento

dessa prática. Com essa atividade, essas expectativas podem ser elaboradas, repensadas, modificadas, melhoras, enfim, trabalhadas.

Para isso, é pedido às participantes que escrevam em folhas sulfites as respostas a duas perguntas: O que espero receber do grupo?; O que tenho a oferecer para o grupo?

Elas devem colar suas respostas em si mesma, uma na parte da frente (o que tenho a oferecer para o grupo) e outra em suas costas (o que espero receber do grupo).

Após isso, é pedido a elas que andem pela sala e conversem sobre o que cada uma escreveu.

4) Desenvolvimento:

Essa atividade objetiva realizar um aquecimento para o assunto ética, a fim de proporcionar um espaço para troca de ideias sobre o assunto em questão. A elas é pedido que façam uma lista de palavras na qual cada uma escreveria 10 palavras que vêm à mente qdo ouvem o termo “ética”. Depois pede-se para lerem em voz alta.

Após isso, elas devem em conjunto e consensualmente definir quais são as 5 palavras que sintetizem todas as outras palavras escritas individualmente.

Leiam e expliquem em voz alta a lista resultante.

5) Comentários

- Como foi o encontro?
- Como foi conversar sobre ética?

6) Encerramento

Encontro 2

Tema: Experiências pessoais bem-sucedidas no enfrentamento de questões éticas

1) Aquecimento inespecífico:

Objetivo: Dar boas vindas e rememorar o primeiro encontro

- Cada participante deverá sortear uma dessas tarefas abaixo para realização individual:

1- Apresentar todos os coordenadores pelo nome e algo que conheceu sobre eles no último encontro

2- Apresentar todos os participantes pelo nome e algo que conheceu sobre eles no último encontro

3- Apresentar a pesquisa, seus objetivos e como se darão os encontros (dias, horário, número de encontros, modo de funcionamento)

4- Contar qual foi a estrutura do primeiro encontro, ou seja, descrever a sequência das atividades realizadas

Obs.: Essa atividade se faz necessária por conta de uma participante que não pôde estar presente no primeiro encontro.

2) Aquecimento específico:

- Visualização de uma situação dilemática em grupo e que foi resolvida com sucesso.

Bom, nesse momento, quero propor um pequeno exercício de visualização; para nos aquecermos, aquecer nossas memórias sobre momentos em que estivemos trabalhando com

grupos. Eu gostaria que vocês se sentassem em uma posição na qual se sintam confortáveis, muitas vezes para relaxar e visualizar as pessoas fecham os olhos.

Agora, comece prestando atenção no vai-e-vem da sua respiração, deixe que esse ritmo te conduza para dentro de si mesma, sentindo o ar entrando pelas narinas, enchendo seus pulmões com oxigênio, renovando as suas energias, e saindo, desfazendo tensões e deixando relaxamento.

Então, comecem a visualizar o seu trabalho com grupos: o local onde é realizado, os detalhes da sala, a disposição das pessoas, os sentimentos que você tem quando está com um grupo. Deixe que sua memória visualize à vontade, passeando pelas suas vivências com o trabalho com grupos.

Isso, nesse momento, quero que vocês visualizem uma situação, um momento em que esteve com um grupo, e nesse momento houve uma situação, um dilema ético, no qual você percebeu que estava enfrentando uma situação delicada do ponto de vista ético.

Várias situações podem surgir, ou poucas... concentre-se naquelas que vocês consideram ter lidado de um modo positivo, bem sucedido, com sucesso.

Visualizem como foi essa situação, o que vocês pensaram, o que vocês sentiram, como vocês agiram... quais recursos vocês utilizaram, qual a reação das pessoas do grupo, qual a primeira pessoa que vocês compartilharam esse momento.

Isso, visualizem tranquilamente, calmamente, serenamente. Tomem seu tempo. Esperar uns 30 segundos.

Muito bem, agora vá se despedindo dessas imagens, voltando aos poucos a focalizar sua atenção na sua respiração, no ritmo, voltando a sentir seu corpo em contato com a cadeira, as luzes da sala. Lembrando-se de como está a sala e a disposição das pessoas.

Assim que se sentirem a vontade podem abrir os olhos.

3) Desenvolvimento:

- Dramatização de um Programa de TV em que são realizadas entrevistas com psicólogos

*Procedimentos:

A) Instrução:

O coordenador do grupo introduzirá: “Agora, nós vamos propor uma atividade que é uma novidade. O CFP (Conselho Federal de Psicologia) anunciou que, nas próximas semanas, vai inaugurar um novo programa de TV, o jornal ‘CFP e você’. O conselho acredita que este jornal poderá criar oportunidades de reflexão para os psicólogos a respeito das diversas questões que envolvem a profissão. Pra isso, pediu-nos colaboração para a construção de uma matéria específica que fale sobre experiências pessoais bem-sucedidas no enfrentamento de questões éticas. Vamos precisar de dois repórteres, dois psicólogos para contar sobre suas vivências de sucesso no campo da ética nas práticas grupais e um apresentador do jornal. Quem quer ser repórter? Quem quer ser o apresentador do jornal? E quem vai relatar sua experiência? Bom, agora, antes da gravação, cada um de nós, coordenadores, irá prepará-las para esta reportagem. OK? O Emerson conversará um pouco com a apresentadora, o Mário com as entrevistadas e eu com as repórteres. Vamos lá?!”

B) Treinamento de papel:

- ✓ Apresentador do jornal: Será aconselhado a iniciar o programa, chamar a matéria e encerrar o mesmo com comentários sobre as reportagens de modo a sintetizar os principais aspectos voltados ao enfrentamento bem-sucedido de situações dilemática em grupos e que foi pontuado nas entrevistas. Poderá também refletir de modo geral sobre questões éticas e sobre a importância do debate para a profissão.
- ✓ Repórter: Deverá ser aconselhado a apresentar o psicólogo e iniciar com perguntas mais gerais que situem o ouvinte, do tipo: “Qual é o seu contexto de trabalho? Qual o trabalho com grupos que você realiza?”. Em seguida realizará perguntas mais específicas sobre as experiências que essa psicóloga tivera no enfrentamento bem-sucedido de questões éticas nas práticas grupais: “Em momentos de coordenação de grupos você provavelmente já vivenciou situações dilemáticas, conte-nos uma que foi marcante e que você considera que manejou de forma positiva?” A partir desse levantamento específico, o repórter poderá explorar os recursos que tal psicóloga utilizou no enfrentamento da situação. As perguntas seguem um foco explorativo, visando curiosamente conhecer o que o psicólogo tem a dizer sobre a questão.

Obs.: O repórter poderá utilizar as questões utilizadas durante a visualização, caso desejar.

- ✓ Psicólogo: Deverá ser tranquilizado de modo a poder relatar sua experiência pessoal bem sucedida, já lembrada durante a visualização, com enfoque nos recursos utilizados, no contexto específico de entrevista de jornal.

C) Dramatização

Neste momento a apresentadora inicia o programa. Cada uma das repórteres faz uma entrevista, uma por vez. Em seguida, a apresentadora faz seu comentário sobre a matéria e encerra o programa.

D) Encerramento:

Conversa-se com as participantes sobre como foi realizar este programa de TV: o que acharam, como se sentiram e o que chamou atenção.

4) Comentário

- Conversas sobre como foi o encontro deste dia, quais são as impressões do mesmo, bem como o que foi mais marcante.

- Encerramento